

Vietnã renasce

www.etm.com.br

R\$ 6,00

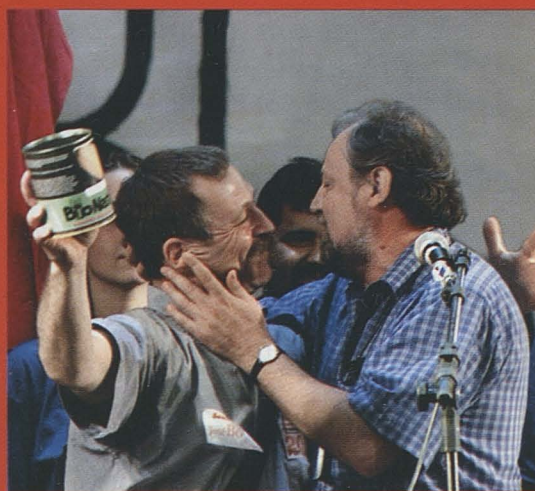


228



DO TERCEIRO MUNDO

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL



UM DIVISOR DE ÁGUAS

Reunião de Porto Alegre confirma que "Outro Mundo é Possível"



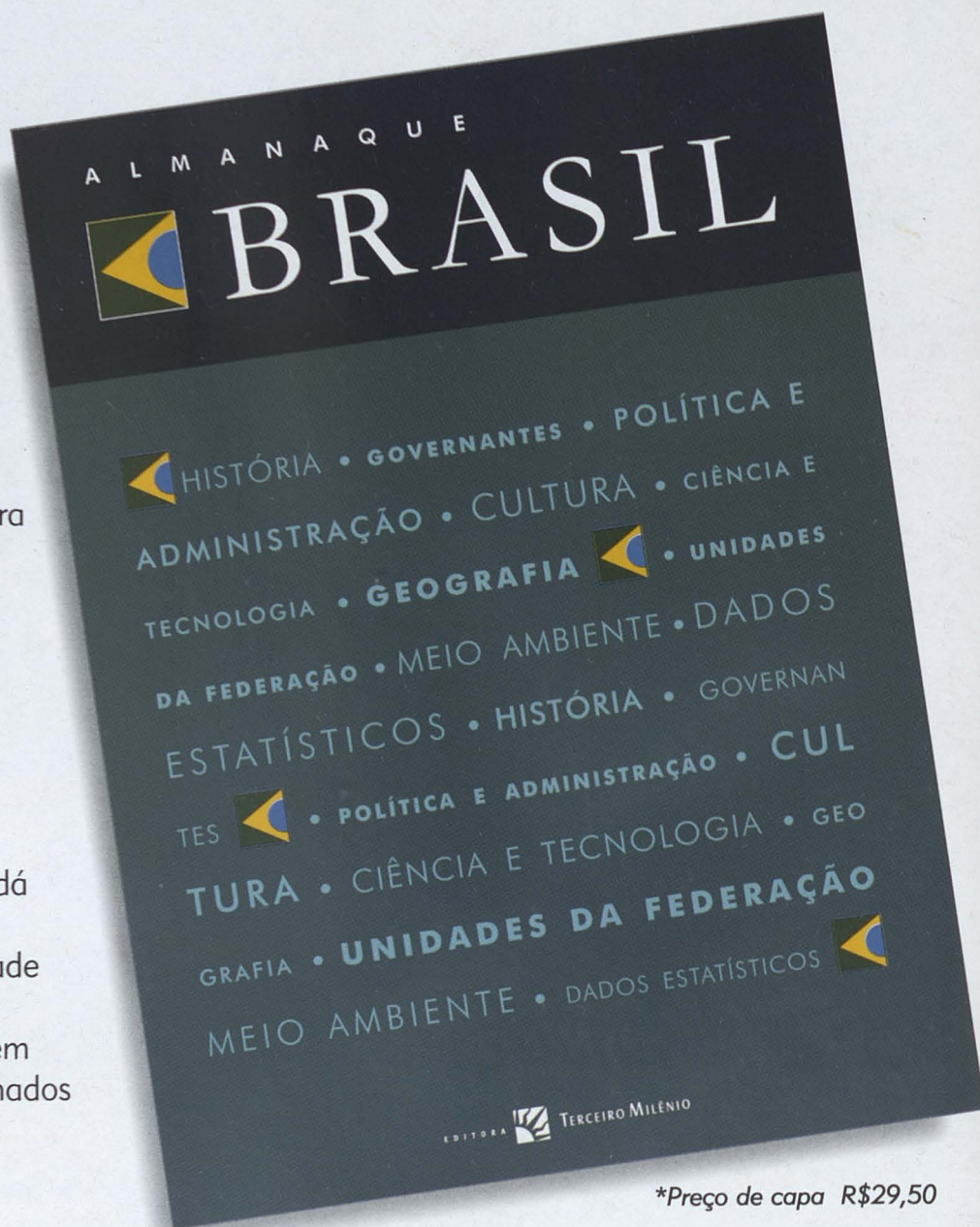
**Pela primeira vez
surge uma
articulação
mundial contra
o neoliberalismo**

ALMANAQUE BRASIL

Um livro de referência imprescindível e que constitui uma valiosa fonte de pesquisa sobre o país em seus múltiplos aspectos.

500 anos de História, Política, Economia, Cultura e Tecnologia, Meio Ambiente, Administração Pública, Educação, Saúde, Qualidade de Vida, População, Dados sobre Violência.

O **Almanaque Brasil** lhe dá ainda um completo panorama de cada unidade da Federação. Você se informará também através de textos selecionados de especialistas sobre assuntos brasileiros.



*Preço de capa R\$29,50



Preencha o cupom e mande pelo correio à Editora Terceiro Milênio.
Ou faça seu pedido pela Internet ou pelo fax:

Fax: (0xx21) 252-8455 e-mail: etm@etm.com.br www.etm.com.br

Rua Conde de Lages, 44 - Grupo: 508 / 510 - CEP: 20241-080 - Lapa - Rio de Janeiro - RJ

Uma nova etapa



Fórum Social Mundial, ao qual dedicamos a capa desta edição, foi um evento do qual seguramente continuaremos a ter referências por muito tempo, tal a riqueza de seu conteúdo e dos seus previsíveis desdobramentos. Pela primeira vez, a sociedade mundial, através dos mais diversos organismos e representada por cidadãos tanto do Norte rico quanto do Sul pobre, posicionou-se contra um modelo anti-social.

Enquanto transcorria em Davos, na Suíça, o conhecido encontro anual dos que consideram normal adequar o mundo a seus interesses, a inédita reunião de Porto Alegre revelava o que se intuía: em todas as latitudes, a opinião pública consciente sabe que o barco do neoliberalismo ameaça levar ao fundo seus passageiros, primeiramente os que ocupam os conveses inferiores. A consciência de que o modelo regride a tempos de força, quando cidadania era apenas uma palavra, fez do fórum um instante iluminado pela certeza de que o ser humano continua no centro. E, sendo assim, não há direitos que justifiquem o processo de

desumanização que a primazia de lucros concentrados em poucas mãos (poucas pessoas, poucas empresas, poucos países) inflige ao mundo.

O não de Porto Alegre reboou em Davos. O sim de Porto Alegre - a decisão de caminhar em direção a uma espécie de reconstrução do mundo em bases solidárias - vai depender, em grande parte, da pressão da opinião pública de cada país sobre seus governos servís, que não têm hesitado, na maioria dos casos, em zelosamente fazer as vontades dos donos do mundo, ignorando o sofrimento que impõem a seus povos, hoje e amanhã.

De qualquer modo, está em marcha uma revolução silenciosa, que se move pelo instinto da sobrevivência e sobretudo pela consciência da solidariedade. A precisa cobertura feita na capital gaúcha por Beatriz Bissio e Memélia Moreira fornecem um rico painel do evento.

Voltaremos ao assunto também no próximo número, aprofundando aspectos sobre os quais é conveniente saber.

Os editores

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO

ISSN 0101-7993

Nº 228 - Jan / Fev 2001

EDITORA



TERCEIRO MILÊNIO

Rua Conde de Lages, 44 - Grupos: 508/510 - CEP 20241-080 - Lapa - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel: (0 XX 21) 221-7511 - Fax: (0 XX 21) 252-8455

E-mail: etm@etm.com.br - Internet: <http://www.etm.com.br>

Publicação com informação e análise das realidades dos países emergentes

FUNDADOR: Neiva Moreira

DIRETORA: Beatriz Bissio

DIRETOR-ADJUNTO: Pablo Piacentini

EDITOR: Procópio Mineiro

CONSULTORES: Darcy Ribeiro (in memoriam)
Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile)

DEPTO DE ASSINATURAS:

Tel: (0XX 21) 221-7511

Fax: (0 XX 21) 252-8455

E-mail: Assinaturas@etm.com.br

Pagamentos: Cheque nominal à Editora Terceiro Milênio e todos os cartões de crédito

NÚMEROS ATRASADOS: Ao preço do último exemplar, desde que disponível no estoque.

Solicitar envio ao **Departamento de Assinaturas**, acrescentando 30% ao valor do pedido para postagem ou adquiri-los diretamente na sede da Editora.

PUBLICIDADE:

São Paulo: J.R. Comunicação e Publicidade Rua Paulo Ribeiro Coelho, 594 - Butantã -

SP - 05374-000 - Tel/Fax: (011) 810-4541/5828

Belo Horizonte: KSD publicidade Ltda.

Rua Rio Grande do Sul, 756 / 808 - MG

Cep 30170-110 - Tel: (0XX31) 335-9628

DISTRIBUIÇÃO:

BRASIL: Fernando Chinaglia - Tel: (021) 575-7766

URUGUAI: Kiosko Salvador, Av. 18 de Julio y Paraguay; teléfono: 901-5459

FOTOS: José Barros de Amarante (Brasília)

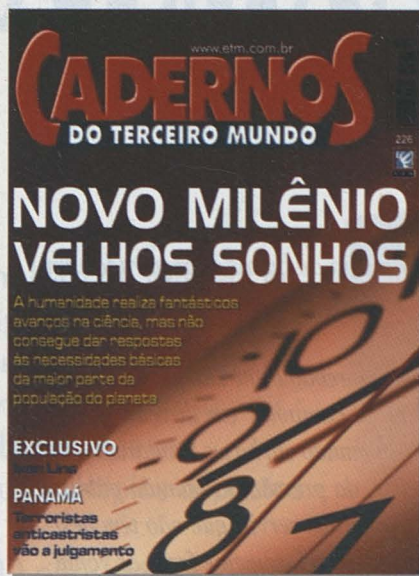
Agence France Presse (AFP) e CEDOC.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO utiliza os serviços das seguintes agências de notícias: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Irão), IPS (Inter Press Service), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e a rede de agências dos Países Não-Alinhados.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA TERCEIRO MILÊNIO:

Cadernos do Terceiro Mundo (Política Internacional); **Revista do Mercosul** (Informação do Bloco Econômico); **Ecologia e Desenvolvimento** (Questões ambientais); **Almanaque Brasil e Enciclopédia do Mundo Contemporâneo** (Obras de referência)

Filiada à **ANER**



Milênio

Ao receber a edição nº 226, fiquei emocionada com a matéria de capa que vocês, tão bem, souberam abordar. Quero parabenizar esta matéria e muitas outras. Vejo que é um dos poucos veículos de comunicação que ainda se vale a pena ler. Encontramos muitas bobagens por aí, e tenho chegado à conclusão de que é perda de tempo ler muitas dessas bobagens. Porém, junto à *cadernos* tenho ainda encontrado boas matérias como essa do novo milênio, a qual aguardávamos para completar as entradas.

Fernanda Lage
mateduc@inca.org.br

Cumprimentos

Cumprimentamos toda a equipe ETM e a Sra. Batriz Bísso pela diplomação recebida por seu trabalho de educação ambiental, bem como pela conquista do Golfinho de Ouro.

Antonio Zilton de Oliveira
Presidente da Fundação
Padre Maurício Vanini
fundacao.vanini@globo.com

Amazônia em debate-1

Dedico-me à questão indígena desde 1987, tendo trabalhado com etnias de Mato Grosso e do Amazonas, atuando através de ONGs e pela própria Funai. Gostaria de tecer alguns comentários sobre as afirmações do general Lessa, publicadas na edição 225 desta revista ("Desafios cercam a Amazônia") - afirmações que, infelizmente, refletem o pensamento da maior parte das Forças Armadas e da imprensa e, o que é pior, encontram eco em certos setores da esquerda.

Vamos por partes. O general demonstra desconhecimento sobre o conceito dos Corredores Ecológicos. Não se trata de reservas fechadas, com terras desapropriadas. A presença humana e as atividades econômicas são permitidas, só que de forma racional e sustentável, permitindo a interligação biológica entre unidades de conservação e terras indígenas já existentes. Existem várias cidades nas faixas de terra abrangidas pela maior parte dos Corredores previstos. Existem também fazendas e indústrias. Todas permanecerão onde estão, mas terão que adequar suas atividades a exigências mínimas de conservação.

Os índios não são proprietários privados das terras que ocupam. Essas terras pertencem à União e sua demarcação obedece a um rito jurídico que inclui autorização do ministro da Justiça, homologação pelo presidente da República e registro no Serviço de Patrimônio da União (SPU). E, quando se trata de uma terra indígena em faixa de fronteira, a União é duplamente proprietária. Além disso, nada impede, como aliás já existe, a presença das Forças Armadas nessas áreas. E mais: a Constituição prevê, inclusive, a remoção de grupos indígenas, em caso de grave ameaça à soberania nacional.

O que ameaça nossa soberania é justamente não proteger os índios e o meio ambiente, pois isso deixa o Brasil totalmente à mercê das chantagens e pressões internacionais. Na medida em que o Brasil assume a proteção do nosso patrimônio natural e dos nossos índios, podemos virar o jogo e passar de vidraça a atiradeira, cobrando dos países ricos a destruição que eles promovem em sua natureza. Somos detentores do maior banco genético do mundo e da maior

reserva de água doce. Temos um poder de barganha extraordinário nas mãos, pois cada vez mais ecologia e economia andam de mãos dadas.

É um absurdo dizer que os índios têm terra demais, num país onde a grilagem faz com que milhões de hectares de terras públicas na Amazônia sejam apropriadas ilegalmente por aventureiros.

Foi no regime militar que ocorreram os maiores atentados à soberania nacional sobre a Amazônia: o Projeto Jari, em que um pedaço do Pará e do Amapá foi abocanhado por um empresário estrangeiro para um fracassado empreendimento econômico - sem falar na nossa dívida externa, que aumentou absurdamente para financiar obras de utilidade discutível na Amazônia, como por exemplo a Transamazônica. A dominação estrangeira se dá muito mais pelos mecanismos financeiros do que por hipotéticas invasões armadas para se apoderar de um pedaço do território brasileiro.

Quanto à atuação das ONGs, é preciso separar o joio do trigo e não fazer acusações injustas. Tive a oportunidade de atuar junto a entidades extremamente sérias, nenhuma delas a serviço de nenhum complô imperialista para dominar a Amazônia. Além disso, as ONGs se fortalecem no vácuo deixado pelo Estado.

Como o Ibama e a Funai não funcionam direito, sem verbas para cumprir decentemente suas funções, a própria sociedade se mobiliza e cria instâncias alternativas para tratar da questão indígena e ambiental. Quando o governo resolver assumir suas responsabilidades e dar a essas questões o tratamento que merecem, as ONGs perderão automaticamente parte da força que têm hoje, embora seja saudável que as mesmas continuem existindo, para fiscalizar as ações do Estado.

A integração dos índios, levada a cabo durante o regime militar, significou para a maior parte dos índios a desagregação social, acompanhada de alcoolismo, prostituição e outras mazelas. Opor-se à integração (conceito felizmente já superado) não significa, entretanto, defender a "segregação". O que se defende é que os índios não sejam submetidos a um processo violento de contato, para que tenham tempo de absorver as mudanças inevitáveis decorrentes do encontro entre a cultura indígena

na com a cultura "nacional". E que esse encontro não signifique, como ocorre no processo de integração, a destruição das culturas tradicionais desses povos, que acabam por se tornar caricaturas deprimentes daquilo que consideramos homens civilizados.

Por fim, seria bom que os militares resgatassem a memória do Marechal Rondon, cujas idéias evolucionistas e deterministas hoje em dia estão superadas, mas que, mesmo assim, representaram na época um avanço no tratamento que se dava aos índios, até então. Humanista e intelectualmente preparado, Rondon demarcou várias terras indígenas, inclusive na faixa de fronteira, defendendo que os índios tivessem a proteção necessária contra mudanças bruscas em seu modo de vida.

Henrique Cavaleiro
Brasília - DF
pptal@funai.gov.br

Amazônia em debate-2

Não chegamos ao extremo de considerar traidor o Sr. Tarcísio Passos, autor do artigo "Biomazônia S/A", publicado no *Diário do Nordeste*, do Ceará, no dia 3/12/2000. Analisando bem o que escreveu, ele nos parece uma pessoa de alma pequena, que não tem orgulho de ser brasileiro nem acredita nesta grande nação. É mais uma vítima dessa nova versão da história pátria, que está sendo ensinada nas escolas, na qual se ridicularizam os nossos heróis e se colocam em dúvida as nossas glórias conquistadas com sofrimento e sangue durante cinco séculos, levando os limites do Oiapoque ao Chuí e das Tordesilhas, à ponta de espada, até a Cordilheira dos Andes.

Não pensa grande, não vê o Brasil do futuro e a sua liderança natural entre as nações, por ser possuidor, na Amazônia, da maior reserva de água doce do planeta, de uma floresta virgem de potencial inimaginável, em cujo solo se encontram grande variedade e riqueza de minérios raros, de preponderante valor estratégico.

O Sr. Tarcísio, em vez de exigir do governo honestidade e patriotismo para resolver o problema da seca do Nordeste a que se referiu no seu artigo, propõe vender a Amazônia a

nações estrangeiras, capitulando às pressões internacionais, estimuladas por este governo, que, como o autor, também não ama o Brasil e, com toda a certeza não está disposto a se sacrificar e morrer pela pátria.

Eis o que disse o Sr Tarcísio Passos, textualmente, no início do seu artigo: "Aprovei a idéia de ambos os candidatos à Presidência dos Estados Unidos, George W. Bush e Al Gore, quando disseram que os países tropicais, como o Brasil, devem pagar suas dívidas com suas florestas. E tiveram pensamentos convergentes na questão. E, ainda, abriram os olhos do governo brasileiro, dizendo que a Amazônia é internacional e a soberania do Brasil é relativa na Amazônia." Pela infeliz mensagem que passou aos que a leram, o Sr. Tarcísio Passos "é digno de pena".

Grupo Guararapes
CP 954 - CEP 60.001-070
Fortaleza - CE

Justiça histórica

No último dia 17 de janeiro, perto de 200 familiares e amigos dos integrantes do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), desaparecidos e executados na luta contra a ditadura de Pinochet, se reuniram na Livraria N'aitun, em Santiago. Este primeiro encontro foi motivado pela dor e indignação ante a informação fraudulenta sobre casos de detidos e desaparecidos, entregue pelas Forças Armadas à Mesa de Diálogo, que busca esclarecer em definitivo tais casos de violação dos direitos humanos.

A história dos nossos, que se foram, convocou-nos a todos. Várias gerações, nos encontramos em ato de lembrança e homenagem aos caídos que militaram no MIR, cujo exemplo de consequência e compromisso é parte da história do povo chileno e ante os quais nos inclinamos com respeito e admiração. Aprovou-se uma decisão comum: dignificar seus nomes, legitimar sua luta e exigir toda a verdade e toda a justiça. Criaram-se também alguns grupos de trabalho (Comunicação, Justiça, Atividades, Memória). Em breve, promoveremos o segundo encontro.

Familiares, amigos e companheiros
dos caídos do MIR
Santiago do Chile

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

a serviço do leitor

Para assinar a *Cadernos do Terceiro Mundo* ligue para

(0 XX 21) 221-75 11

ou envie um fax:

(0 XX 21) 252-8455

Ou pela Internet:

etm@etm.com.br

O preço promocional da assinatura
é de R\$ 60,00 à vista,
POR TEMPO LIMITADO

Pode enviar cheque nominal
à *Editora Terceiro Milênio* ou solicitar
envio de boleto bancário.

Estamos à sua disposição
de segunda a sexta, das 9 às 19 horas

Para enviar cartas:



Cadernos do Terceiro Mundo
Editora Terceiro Milênio
Rua Conde de Lages, 44
Salas 508-509-510 -Lapa
CEP 20241-080
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

As cartas devem trazer
a assinatura, o endereço, o número de
cédula de identidade e o telefone do autor.

Para comprar números
atrasados:

Se estiverem disponíveis no estoque, serão
vendidos ao preço de capa da última edição,
acrescido de 30% desse valor para cobrir
despesas de correio.

Contate o Departamento de Circulação
Tel: (0 XX 21) 221-7511

Para anunciar:

Ligue (0 XX 21) 221 - 7511 e contate
o Departamento Comercial

Para pesquisas e uso
da revista em sala de aula:

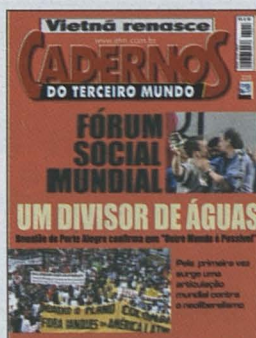
Ligue (0 XX 21) 221-75 11 e contate o
Centro de Documentação ou os Editores.

Na Internet:

<http://www.etm.com.br>
E-mail: etm@etm.com.br

Sumário

Jan / Fev 2001 • Nº 228 • Ano XXVI



2 CARTAS

6 PANORAMA NACIONAL

11 FRASES

BRASIL/SOCIEDADE

30 Estética é remédio

Adolescentes infratores se ressituaam na vida, fazendo pela Arte o caminho de volta à sociedade

BRASIL/EDUCAÇÃO

34 Avaliação do ensino em questão

O boicote dos estudantes ao Provão cresce e levanta dúvidas sobre a eficácia dos sistemas de avaliação do Ministério da Educação

38 LIVROS

40 PANORAMA ECONÔMICO

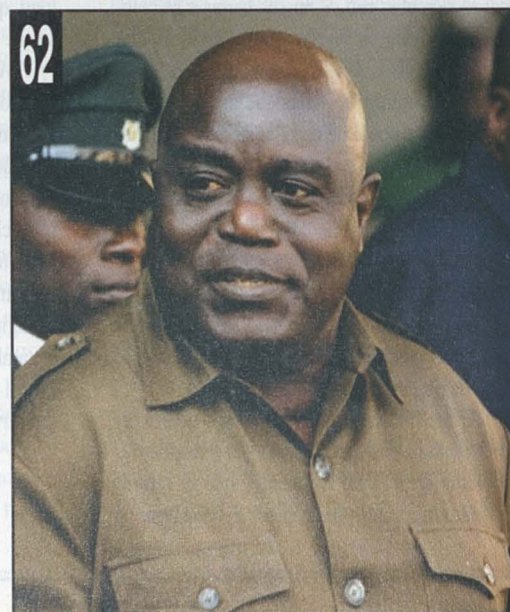
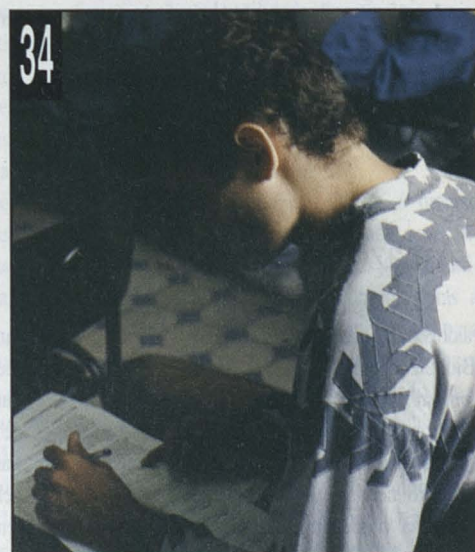
46 PANORAMA INTERNACIONAL

53 GENTE

ÁFRICA/CONGO

62 Pressões em favor da paz

Líderes rebeldes consideram que só o "diálogo entre congoleses" pode levar a entendimento no período pós-Kabila

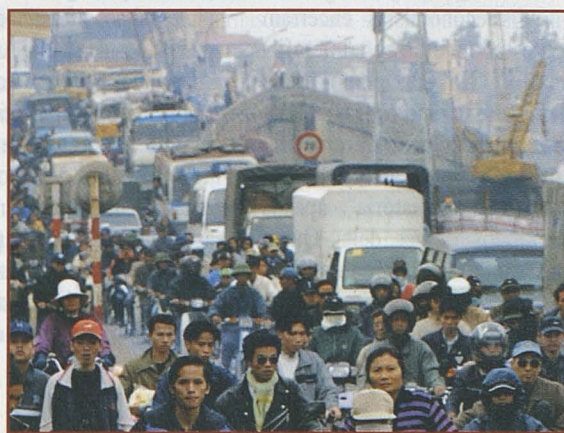




- 14 A vez dos excluídos
- 16 Os ecos de Porto Alegre
- 20 Soros acusa o golpe
- 21 Emoção no encerramento
- 23 Bové promete voltar
- 25 Parlamentares condenam capital especulativo
- 26 Um outro mundo é possível e ele começa nas cidades

54 **ESPECIAL****O Vietnã renasce**

Destruído por 30 anos de guerras contra potências ocidentais, o país se recupera social e economicamente, mas ainda convive, nos seus campos, com minas e bombas norte-americanas que não explodiram



Caindo do estribo

Os economistas Márcio Pochmann e Dória Porto, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apresentaram uma colaboração ao World Employment Report 2001. Contratados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) para escrever sobre o tema - Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) - os economistas apresentaram um estudo que demonstra o crescente aumento das importações e a drástica redução das exportações brasileiras no setor de informática.

Pochmann e Porto analisam dados do BNDES e concluem que os índices de importação passaram de cerca de 10%, na década de 80, para 30% no final dos anos 90. Os coeficientes de exportação, que haviam atingido cerca de 10%, em 86, caíram para 2% em 98. "Esta não parece estar sendo uma forma muito competitiva de se inserir no mercado mundial", dizem.

Em seus comentários finais, os dois economistas brasileiros destacam a "clara importância de se dispor de uma indústria em tecnologias da informação, e não ser apenas um bom usuário dessas tecnologias".

Os economistas encerram seu estudo com a seguinte afirmação: "Haverá tempo ainda para países como o Brasil? Provavelmente não em informática, em que, no lugar de perdemos o 'bonde da história', apenas decidimos descer dele. Quem sabe ainda haja tempo em telecomunicações, se agirmos rapidamente". ■



Foto:AFP

Planos de Saúde: entidades criticam ANS

As entidades médicas e de defesa dos usuários e consumidores de planos de saúde, em reunião na Associação Médica Brasileira, em São Paulo, manifestaram-se contra a Resolução 41, da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). A resolução foi considerada favorável aos planos e desfavorável aos associados, pois diminui os encargos desses grupos de saúde quanto aos procedimentos considerados de alta complexidade - portanto, mais caros - quando se tratar de doença preexistente.

Segundo as entidades médicas e de defesa do consumidor, "a regulamentação dos planos de saúde trouxe avanços, mas ainda não o suficientes para garantir proteção e atendimento integral aos 40 milhões de brasileiros usuários de planos de saúde. A Resolução 41 traz medidas altamente prejudiciais aos usuários e tecnicamente injustificáveis. A exclusão do atendimento a doenças preexistentes deixa o usuário em permanente estado de insegurança. No momento em que buscamos ampliar o acesso da população a todos os procedimentos diagnósticos e terapêuticos disponíveis, a Agência Nacional de Saúde Suplementar lamentavelmente autorizou algumas centenas de exclusões.

Ressaltamos que a Câmara de Saúde Suplementar, órgão colegiado da ANS, tem caráter legal meramente consultivo. Sua composição não é paritária, sendo que operadoras e governo representam a maioria. Sendo assim, resoluções - a exemplo da 41 - são editadas mesmo com a discordância de representantes de médicos e consumidores".

A nota das entidades considera que se torna necessária a "reconsideração imediata da Resolução 41 e a revisão do conceito de preexistência, que não encontra qualquer fundamentação médico-científica."

Além disso, a Associação Médica Brasileira, o Fórum Nacional de Acompanhamento da Regulamentação dos Planos de Saúde, Conselho Federal de Medicina, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, a Associação Paulista de Medicina, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo, Sindicato dos Médicos de São Paulo e o Fórum Nacional de Entidades de Defesa dos Portadores de Patologias e Deficiências exigem que "o Ministério da Saúde se responsabilize pela assistência dos excluídos, oferecendo recursos e apontando onde esses cidadãos serão atendidos". ■

Urna sem segredos

Em balanço de final de ano, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro José Néri da Silveira, enfatizou que a urna eletrônica, criada e desenvolvida por técnicos do próprio TSE, "baniu definitivamente todas as fraudes e vícios das eleições brasileiras, tornando-as transparentes e seguras". Ao contrário da tormenta que varria naquele exato momento (antevéspera do Natal) os EUA, por conta da recontagem dos votos da Flórida, Néri da Silveira garantia em Brasília, sem qualquer contestação ou polêmica, que as urnas eletrônicas brasileiras "são instrumentos de absoluta segurança e tranquilidade, pois com elas os eleitores podem ter a certeza de que o voto é respeitado na apuração - sem mapismo ou qualquer forma de desvio".

Como que corroborando a afirmação do presidente do TSE - por conta da confusão eleitoral nos EUA - a urna eletrônica do Brasil ganhou expressivos elogios aqui e lá fora, e foi apresentada como alternativa para os norte-americanos não só pela mídia brasileira, como também por quatro dos mais respeitáveis jornais do mundo: *Le Monde*, *Libération*, *The New York Times* e *The Wall Street Journal*. Eles não economizaram elogios para a urna brasileira usada pela primeira vez em 1996, por um terço do eleitorado; pela segunda vez, em 1998, por dois terços do eleitorado, e no ano passado, por todos os 109,8 milhões de eleitores brasileiros, segundo os últimos dados do TSE. Finalmente, a Europa e os EUA tiveram que se curvar diante da nossa inventividade técnica?

Isto depende do ponto de vista do observador. Porque, no balanço de dezembro, Néri da Silveira ressaltou que o TSE, após divulgação dos resultados finais da eleição de outubro, providenciou "uma série de auditorias, até mesmo em caráter pedagógico, para mostrar aos candidatos inconformados, às classes políticas locais e aos eleitores, que os resultados das urnas eletrônicas não deixam qualquer margem de dúvida". Auditorias aconteceram no Pará, na Bahia e, no dia 8 de janeiro, em São

Domingos (GO) (ver edição nº 224 a matéria "A prova da urna").

Sempre acompanhadas por juiz, técnicos do TSE e pessoas de confiança dos partidos - as "auditorias" realizadas até dezembro confirmaram "a inexistência de irregularidades" segundo o balanço do ministro, disponibilizado dia 21 de dezembro no portal do TSE. Na mesma mensagem, Néri ainda destacou que "a informatização eliminou os recursos que pediam a recontagem ou alegavam erros na divulgação dos resultados dos boletins de urna".

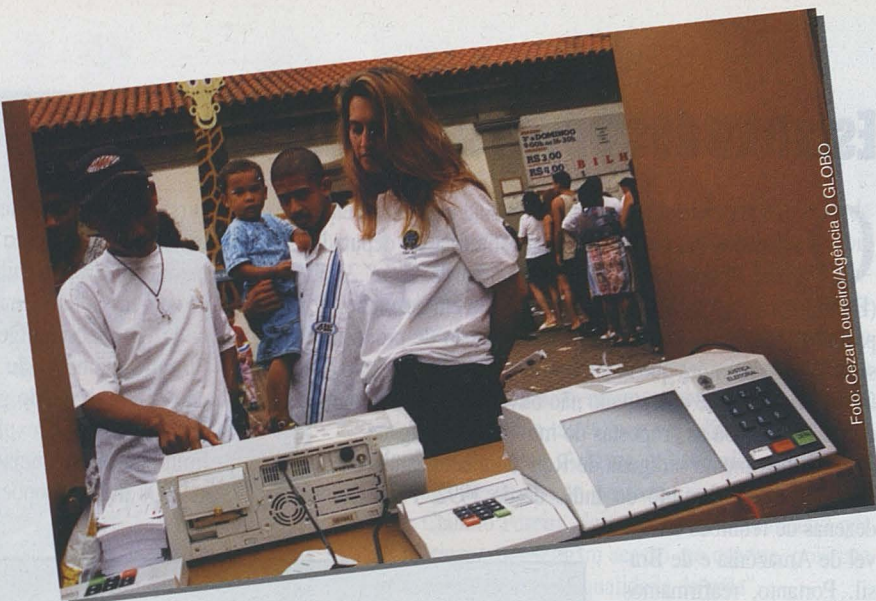
O que não se disse, nem muito menos a imprensa estrangeira, é que a urna eletrônica brasileira não emite qualquer documento que permita a recontagem dos votos. A vontade do eleitor vira simples registro magnético dentro da máquina, que também é inaudível: o TSE não permite que ninguém, a não ser seus técnicos, conheça os programas da urna - preparados em parte pela Agência Brasileira de Informações (Abin) e que são considerados "de segurança nacional".

Depois do *xabu* das últimas eleições vencidas por Bush, graças a uma mãozinha da Suprema Corte (que mandou parar a recontagem manual de votos em Palm Beach), três gigantes norte-americanos da informática - Unisys, Microsoft e Dell Computer - se juntaram para criar um sistema de votação rápido e seguro que substitua, de vez e se o Congresso quiser, os muitos modos de votar existentes nos Estados Unidos. Lá, cada condado vota de

uma maneira, o que permite que coexistam sistemas que vão de máquinas projetadas no século passado, a micros semelhantes às urnas brasileiras, passando pelas tradicionais cédulas de papel e por dispositivos que perfuram cartões de computador, como os existentes em Palm Beach, causadores de toda a confusão.

Como o óbvio não é monopólio de ninguém, as grandes cabeças norte-americanas, que começaram a estudar o problema, já alinhavaram uma série de quesitos que coincidem com antigas propostas feitas por técnicos brasileiros de informática. Estes técnicos brasileiros há quatro anos discutem, no Fórum do Voto Eletrônico (www.votoseguro.org) - mediado pelo engenheiro Amílcar Brunazo Filho - formas para aperfeiçoar e tornar transparente o voto eletrônico no Brasil, que consideram falho.

Pelas sugestões apresentadas para a futura urna eletrônica norte-americana, ela terá códigos 100% abertos (os brasileiros são fechados), o que lhe dará total transparência. Lá, a carga dos programas corretos nas urnas precisará ser garantida e fiscalizada (aqui, o TSE não permite que o conteúdo dos disquetes de carga seja conferido pelos partidos). Lá, o voto eletrônico terá uma contrapartida impressa, para que, além da totalização imediata, seja possível auditar resultados, por amostragem, somando-se as cédulas impressas. Aqui no Brasil, o TSE se nega a imprimir o voto, usando o absurdo argumento de que a urna é 100% segura. (Osvaldo Maneschy) ■



Estatuto dos povos indígenas em questão

Organizações e comunidades indígenas continuam enviando sugestões para a "proposta substitutiva do deputado Luciano Pizzatto (PFL-PR) ao projeto de lei nº 2.057/91" (Estatuto dos Povos Indígenas), apresentado em dezembro do ano passado. Apesar de tratar-se da "consolidação de propostas" dos seminários e reuniões que manteve em algumas regiões do país, os índios afirmam que o deputado não ouviu de fato as comunidades e nem incorporou as propostas do movimento indígena.

"O movimento indígena de Rondônia acompanha as discussões acerca do Estatuto do Índio desde 1992. Participamos de dezenas de reuniões em nível de Amazônia e de Brasil. Portanto, reafirmamos nossas sugestões não consideradas nessa proposta do deputado Luciano Pizzatto", reclama o coordenador-geral da Coordenação da União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas (Cunpir), Antenor Karitiana.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que está dando repercussão às queixas dos índios, Pizzatto afirma que o texto está sujeito à discussão pública e que o documento é fruto de "intenso debate", mas não informa sobre a possibilidade de novas emendas. Segundo o Cimi, teme-se que se realize a expectativa do parlamentar, de que a matéria seja votada durante a convocação extraordinária do

Congresso Nacional, que vai até meados de fevereiro, pois o governo e os grupos econômicos, especificamente as mineradoras e a madeiras, também têm urgência na votação, pois o projeto atende às suas aspirações.

Inconformados, os povos indígenas continuam organizando encontros e seminários nas regiões para discutir e propor mudanças no documento apresentado. As divergências começam com a utilização do termo "índios" em detrimento a "povos indígenas", como sugerem a maioria das comunidades e organizações indígenas. Outros problemas são apontados nos capítulos referentes aos direitos territoriais, mineração, utilização de re-

ursos hídricos e potenciais energéticos, riquezas naturais, saúde, educação e apoio a atividades produtivas. Os índios reclamam contra a possibilidade de criação de unidades de conservação em áreas indígenas e a violação aos direitos constitucionais, onde os povos indígenas têm o usufruto exclusivo das terras. Pizzatto também não reconhece a autodemarcação como alternativa à omissão do governo federal e expõe a comunidade e a terra indígena à exploração madeireira sem preestabelecer o limite de área manejado.

Os índios propõem também que o texto trate da criação de uma estrutura administrativa colegiada na forma de Distritos para a educação escolar indígena; da estrutura e funcionamento dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas e que o julgamento de questões cíveis e criminais envolvendo indígenas seja de competência da Justiça Federal. Atualmente, apenas as questões cíveis estão nesta esfera da Justiça.

A mineração continua sendo o ponto mais polêmico. Na proposta do deputado Pizzatto, a abertura das terras indígenas para mineração ocorre sem critérios rigorosos. A autorização é concedida sem um "motivo especial", isto é, em caso de não haver mais minério a ser explorado em outra área. A licença é dada pelo Poder Executivo, mais vulnerável a pressões, e não pelo Congresso Nacional.

A pesquisa e a lavra são analisadas e decididas numa única etapa e o mais grave, segundo o Cimi, é que o contrato entre a comunidade indígena e a empresa é feito antes mesmo do requerimento de concessão de lavra e da audiência pública que deverá avaliar o relatório de impacto ambiental.

Para o secretário-executivo do Cimi, Egon Heck, "da forma como está este capítulo o governo federal prova mais uma vez que atende às pressões de empresas mineradoras e não ao interesses das comunidades indígenas. Estimulados com a iminência de verem as terras disponíveis, os invasores estão se antecipando", salienta Heck. ■

Foto: Cedoc



Cada vez mais organizados, os índios estão preocupados com a tendência do projeto substitutivo, que, se aprovado, consagraria brechas a favor de firmas mineradoras e de exploração madeireira, ameaçando os direitos das tribos

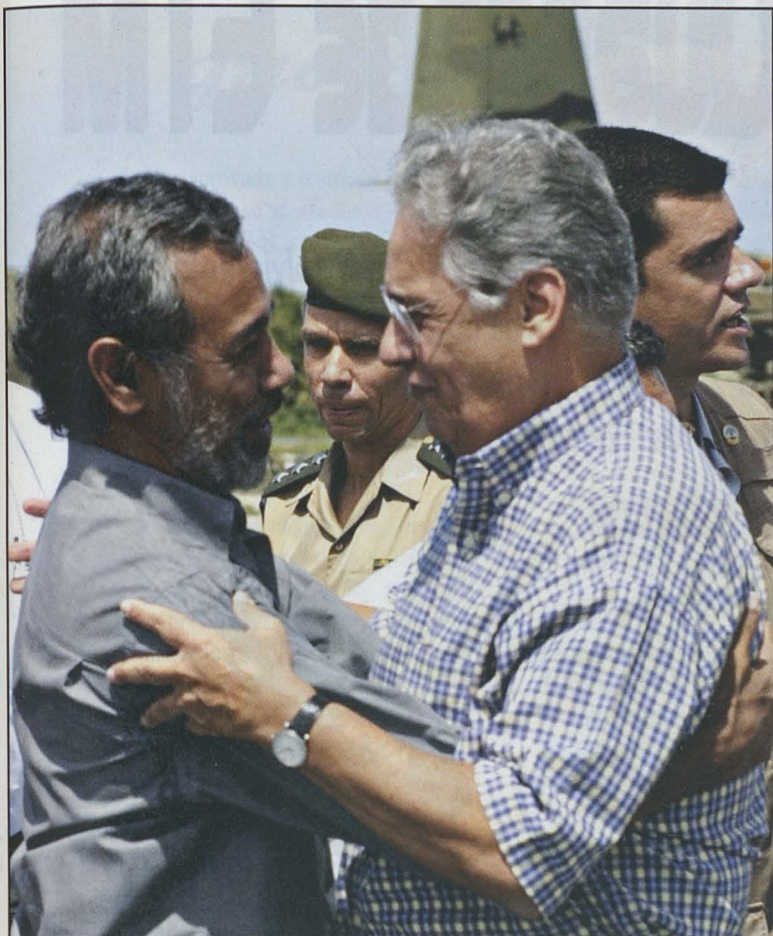


Foto: Agência Brasil

O presidente Fernando Henrique Cardoso visitou Timor Leste em janeiro, no marco de sua viagem pela Ásia. Os dirigentes desse território que se prepara para a independência esperam do Brasil assistência técnica e ajuda em diferentes campos. Na foto, o líder timorense Xanana Gusmão abraça Fernando Henrique Cardoso

Recuperando o tempo

O presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu giro pela Ásia, visitou o Timor Leste, onde foi recebido pelo líder Xanana Gusmão. O encontro pode ser considerado uma recuperação do longo tempo de esquecimento da diplomacia brasileira quanto à questão timorense, enquanto durou a invasão indonésia. Com a saída dos invasores, poderia caber ao Brasil um papel preponderante na reconstrução do pequeno país devastado. Seu administrador pela ONU é o diplomata brasileiro Vieira de Melo, há um pequeno contingente militar realizando tarefas de policiamento e crescem os convênios com entidades públicas, religiosas e privadas brasileiras para tarefas diversas, sobretudo de instrução e organização administrativa. Há dois anos, Xanana Gusmão esteve no Brasil, solicitando ajuda e realçando a importância que atribui ao Brasil, principal população e economia do mundo lusófono e o mais capacitado a ajudar a nova nação asiática. Mas a resposta do governo ainda está longe de ser a que anseiam os timorenses. ■

A cidade que corre

O esporte comunitário é uma das prioridades de Maringá, no Paraná, e como resultado dois maratonistas ligaram o nome da cidade à história da Corrida de São Silvestre, no último 31 de dezembro. Adriana Souza, de 27 anos, conquistou o primeiro lugar entre as brasileiras e o quarto lugar na classificação geral, o mesmo acontecendo, na faixa masculina, com o também atleta olímpico Vanderlei Cordeiro de Lima. Adriana e Vanderlei treinam em Maringá desde o ano passado. Segundo o prefeito José Cláudio Pereira Neto (PT), "é fundamental que os maringenses tenham acesso ao esporte, pois isto propicia melhorias na qualidade de vida".

O projeto visa a estimular os jovens e descobrir e orientar novos talentos, num trabalho que conta também com a parceira da Universidade Estadual de Maringá e da Associação Municipal de Atletismo. ■

LOCADORA



São Rafael Ltda.

srafael@antares.com.br

• VEÍCULOS
NACIONAIS E
IMPORTADOS



• TAMBÉM
ATENDEMOS
A EVENTOS

Funcionamos no horário de
2ª a 6ª das 7:00 às 18:00h

Todos os veículos
com motorista

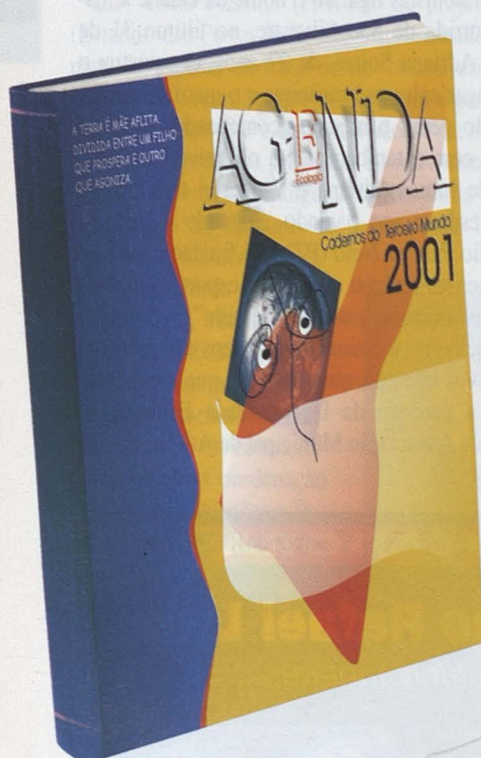


• ALUGUEL DE CARROS DE PASSEIO,
UTILITÁRIOS E CAMINHÕES PARA
PESSOAS FÍSICA E JURÍDICA

Rua Leônidas, 12 - Sala 203 - Penha
Rio de Janeiro - RJ - CEP 21070-110
Tels: (21) 560-4344 / 270-0029 / 561-4251
834-3640 / 892-8635

**Qualidade e confiança
Segurança absoluta**

Produtos de Qualidade ETM



Você que é fã da revista Ecologia e Desenvolvimento agora pode levar para casa os novos lançamentos da ETM: Agenda para 2001, camisetas e chaveiros com motivos ecológicos. Faça já o seu pedido!

OFERTA ESPECIAL

Agenda: Cód. 1001-A R\$9,90

Tamanho 13cm x 20cm - 380 páginas

Além dos dados usuais de uma agenda, enriquecemos o calendário de 2001 destacando datas de importantes acontecimentos, em sua maioria, do século XX, e registrando citações que ficaram para a eternidade



Chaveiro:

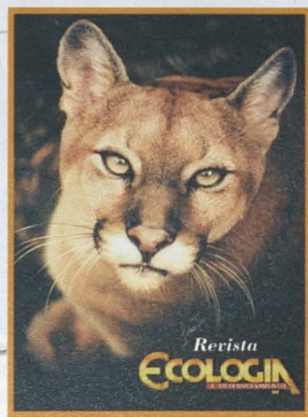
Cód. 1002-C

R\$8,90

Acabamento em couro



EDITORA
TERCEIRO
MILÊNIO



Camiseta Adulto/Estampa Suçuarana:

Malha de qualidade (Tipo 30.1)

Tamanho Único

- Preto - Cód. 1003-P - R\$21,40
- Branco - Cód. 1004-B - R\$16,40

PREENCHA ESTE CUPOM E ENVIE

CÓDIGOS	V. UNITÁRIO x QUANT.	SUB-TOTAL	FRETE*	TOTAL
Cód. 1001-A	R\$ 9,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1002-C	R\$ 8,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1003-P	R\$ 21,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1004-B	R\$ 16,90	R\$	R\$	R\$

Rua Conde de Lages, 44 - Gr. 508 a 510 - Lapa
20241-080 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (55 XX 21) 221-7511 - Fax: (55 XX 21) 252-8455
e-mail: etm@etm.com.br - Internet: www.etm.com.br

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Tel.: _____

Fax: _____

E-mail: _____

Assinale a forma de pagamento de seu pedido:

- () Cheque(s) nominal(is) à Editora Terceiro Milênio Ltda. em anexo
() Autorizo débito no meu cartão pelo valor total de R\$ _____

Cartão Nº Validade até ____ / ____ / ____

Aceitamos todos os cartões de crédito, sem parcelamento (inclusive em cheque)

Data ____ / ____ / ____

Assinatura do comprador

O que eles dizem...

"Se for aprovada a restrição às medidas provisórias e se se mantiver o artigo 246 (da Constituição), o governo entende que é o caos e a ingovernabilidade"

Deputado Arthur Virgílio, líder do governo, expondo a posição oficial sobre uma nova tendência do Congresso sobre as MPs que têm permitido a FHC uma ação legisferante ilimitada e à margem do próprio Legislativo

"Os dois mais votados em um segundo turno concorreriam a presidente e vice"

Senador Eduardo Suplicy, propondo uma prévia nacional da esquerda para escolha de um candidato único da frente que reuniria PT, PDT, PPS, PSB, PHS, PCdoB e PV, além do partido ao qual se filiar o governador mineiro, Itamar Franco

"Não foi e não é fácil unir as esquerdas. A esquerda argentina só se une quando o assunto é Maradona. Temos que parar com essa história de cada um de nós querer ter dentro de si a verdade absoluta"

Luís Inácio Lula da Silva, Lula

"Haverá tempo ainda para países como o Brasil? Provavelmente não em informática, em que, no lugar de perdemos o 'bonde da história', apenas decidimos descer dele. Quem sabe ainda haja tempo em telecomunicações, se agirmos rapidamente?"

Márcio Pochmann e Dória Porto, economistas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no trabalho

"Tecnologia da Informação e Comunicações", produzido para o Panorama Mundial de Emprego 2001, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao criticarem a política do governo brasileiro de abrir as fronteiras aos produtos estrangeiros e descuidar-se do fortalecimento da indústria nacional do setor estratégico das tecnologias da informação

"Nossa capacidade de manter o diálogo e oferecer assistência técnica nos trará dividendos de longo prazo por meio da construção de um quadro qualificado de tecnocratas pró-Estados Unidos"

Embaixador norte-americano em Brasília, em correspondência com a Casa Branca, propondo a cooptação e destacando a linha cooperativa do governo brasileiro a partir de 1995, o qual passou a solicitar orientações de Washington para a desestatização e outras reformas

"Trancorridos pouco mais de cinco anos, podemos afirmar que o governo dos Estados Unidos tem sido muito bem sucedido nesse objetivo estratégico. (...) É um processo mais sutil (do que a corrupção aberta) - e mais perigoso para o país. (...) De qualquer maneira, o ideal é devolver toda essa turma, o mais rápido possível, a sua pátria espiritual"

Economista Paulo Nogueira Batista Jr., na Folha de S. Paulo, opinando sobre o plano norte-americano de formar no Brasil uma nata administrativa pró-Estados Unidos

"Não vemos ainda como impor o cancelamento da dívida, mas conseguimos aumentar a pressão. Cancelar a dívida não é utopia. Utopia é continuar acreditando que os países empobrecidos poderão continuar a pagar essas dívidas, que só crescem, por muito tempo"

Eric Toussaint, presidente da Comissão pela Anulação da Dívida Externa dos Países do Terceiro Mundo, em pronunciamento no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, quando propôs que os endividados formem uma frente mundial

"Bush não é tão estúpido quanto parece. E não é ameaça a Cuba"

Fidel Castro, em gesto que espera que seja interpretado pelo novo presidente norte-americano como rapapé diplomático

"Gore teve quase 500 mil votos a mais do que Bush. Mas foi Bush quem foi diplomado. E ainda dizem que o ditador sou eu"

Fidel Castro, presidente de Cuba, sem rapapés

"Meu nome é George Soros e estou interessado em reformar e não em destruir"

O megaspeculador George Soros, no teledebate a partir de Davos, na Suíça, com participantes do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 28 de janeiro de 2001

"Meu nome é Hebe de Bonafini. Sou presidenta das Mães de Plaza de Mayo e estou em Porto Alegre para denunciar que a dívida externa se paga com vidas"

Hebe de Bonafini, rebatendo a apresentação de Georges Soros, um dos principais beneficiários da globalização financeira que sufoca os países do Terceiro Mundo, com efeitos sociais devastadores

"Os bancos centrais não têm se empenhado como poderiam, para que o crédito chegue com juros mais baixos ao produtor rural"

Economista Luciano Coutinho, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), propondo mudanças no sistema financeiro para que atue com visão social

25 a 30 de janeiro de 2001

Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil

**FÓRUM
SOCIAL
MUNDIAL**

Um outro
mundo é
possível

A different
world is
possible

**WORLD
SOCIAL
FORUM**

UM





A presença em Porto Alegre de mais de 15 mil pessoas de todas as partes do mundo, que durante cinco dias discutiram o futuro da globalização, apresentando alternativas ao modelo imposto pelo sistema financeiro e as multinacionais, marca o início de uma nova etapa de resistência ao neoliberalismo. O mais importante legado da reunião foi o de ter revelado à opinião pública mundial a existência de milhares de iniciativas - impulsionadas por ONGs, sindicatos, movimentos sociais, grupos religiosos, partidos políticos, núcleos acadêmicos, empresários e estudantes - que estão enfrentando o chamado “pensamento único”

DIVISOR DE ÁGUAS

A VEZ dos

A sociedade civil mundial começa a elaborar as alternativas para o capitalismo globalizado, marcando o fim do "pensamento único"

O fórum significou também um encontro de culturas diversas, irmanadas, porém pelo mesmo quadro de ameaças que representa a imposição de um modelo único, que desrespeita as singularidades





excluídos

Beatriz Bissio, de Porto Alegre

HÁ MAIS DE DEZ ANOS, particularmente desde a desintegração da União Soviética, os dirigentes do mundo capitalista e os intelectuais que os apóiam usam todo o poder da mídia e a influência dos centros acadêmicos para convencer a opinião pública mundial de que não existem alternativas à globalização. Como recomenda toda ação destinada ao convencimento do grande público, abusam de simplificações em questões que não podem nem devem ser simplificadas. Omitem, por exemplo, que o avanço tecnológico, que hoje permite integrar o planeta, não obriga a que essa "aldeia global" em que o mundo se transformou tenha o seu destino comandado pelo sistema financeiro e as multinacionais. Seria perfeitamente viável usar esses fantásticos avanços tecnológicos para impulsionar uma globalização democrática, transparente, que seja fruto do consenso entre as nações. É só querer.

Esse discurso do grande capital se impôs pela força dos instrumentos usados para divulgá-lo e pela agressividade dos seus ideólogos, que não hesitavam em chamar de "saudosistas", ou mesmo "trogloditas" e "dinossauros", os que levantavam a sua voz para questioná-los e para denunciar o que alguns já apelidaram de ditadura do pensamento único.

Mas, a verdade é que essa retórica também vingou porque o impacto (ne-

gativo) do fracasso dos regimes socialistas do Leste Europeu foi tão grande que desarticulou as forças progressistas em todo o mundo. Sem o bloco socialista, mesmo aqueles segmentos da esquerda mais independentes e críticos de suas mazelas - que eram reais e de fato acabaram por derrubá-lo - perderam as referências e ficaram perplexos, sem condições de propor alternativas, salvo raras exceções que mais refletiam voluntarismo do que um pensamento solidamente construído.

Porém, como demonstram tantos exemplos, nenhuma forma de organização humana baseada na injustiça e no poder da minoria é eterna. Para os povos submetidos, o império romano poderia parecer imutável, e invencível a força das legiões que lhe davam sustentação com as armas. Mas ruiu. Por que haveria de ser uma exceção o capitalismo globalizado, mesmo tendo ideólogos que se apresasssem em anunciar o fim da História?

O perfil da sociedade humana que emergiu da debacle do socialismo no Leste Europeu é muito complexo e nenhum teórico fez a sua dissecção completa. Nem sequer surgiu quem se propusesse a fazê-lo, como Marx tentara com o capitalismo do século XIX. Todavia, a realidade é mais forte do que qualquer ofensiva propagandista. Mesmo sem referências políticas nítidas nem marcos teóricos claros, na vida cotidiana as pessoas confrontavam a sua realidade com os discursos ufanistas das benesses do sistema capitalista na sua fase globalizada, e percebiam que não havia con-

cordância. E como sempre aconteceu, cada abuso de poder e cada injustiça geraram uma resistência. Pequena, modesta, isolada. Essas gotas d'água cresceram e se converteram em caudaloso rio.

Em 1998, sete anos após a dissolução da União Soviética e reinado absoluto do capitalismo, pela primeira vez os responsáveis pelos rumos do mundo constatarem - em maio, na Suíça, em junho, em Colônia, na Alemanha, e em dezembro, em Seattle, nos Estados Unidos, que o discurso já não era eficiente. As massas enfurecidas com os resultados - os reais, não os propagandísticos - da globalização tal como eles a tinham imposto, só podiam ser contidas com cassetes e balas.

Mas até então era uma reação, era a resistência. O discurso oficial continuava afirmando que "os que protestam não têm alternativas a oferecer". A surpresa veio em janeiro de 2001, em Porto Alegre, com o Fórum Social Mundial (FSM). Apesar de parte da imprensa brasileira ter colocado ênfase na presença daquilo que continuam chamando de "dinossauros", quem foi à capital gaúcha desprovido de preconceitos pôde observar um fato novo: num fórum onde a palavra de ordem era "Outro mundo é possível", a principal mudança em relação a outras épocas era a identidade dos próprios participantes, a temática discutida e o surgimento das primeiras propostas alternativas.

Ao contrário do que se poderia supor, pela tradição do passado em reuniões, cujo temário girava em torno das



críticas ao sistema e as propostas de mudanças, a maioria dos presentes não era composta de dirigentes políticos. O que mais se viu pelos corredores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que hospedou o evento, foram representantes de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil, ONGs as mais diversas, militantes de movimentos que lutam pelos seus direitos culturais e étnicos, técnicos, acadêmicos, dirigentes sindicais e camponeses. Vindos de 112 países, eles representavam o perfil da sociedade humana atual, na sua pluralidade e complexidade. Nenhum deles trazia uma receita de bolo para se contrapor, globalmente, ao projeto das multinacionais e dos governos que estão ao seu serviço. Mas, surpreendentemente, tanto nas mesas-redondas das manhãs, mais formais e conspícuas, quanto nas ricas e até irreverentes discussões em oficinas que aconteciam pelas tardes, eram escassos os chavões e as simplificações inconsequentes e profundos, documentados e inovadores os diagnósticos e as propostas de alternativas, na maior parte das vezes fundamentadas em experiências concretas de sucesso. "Ainda não temos a capacidade de demonstrar o que propomos, mas as experiências boas que estamos fazendo podem se transformar em alternativas", resumiu o economista italiano Riccardo Petrella, professor da Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, e assessor da Comissão Européia.

É esse o legado maior do fórum de Porto Alegre: parcela da sociedade civil mundial organizada sabe que só nas ruas poderá conquistar seus direitos. Mas não se conforma só em criticar. Também está estudando seriamente, em todos os campos da atividade humana, as formas sociais, políticas e econômicas de organização que poderão satisfazer suas demandas. No FSM essa parcela da sociedade globalizada se conscientizou de seu poder e consolidou a sua articulação em nível internacional. Sem dúvida, foi um divisor de águas. ■

Os ecos de Porto Alegre

Com o resgate de conceitos, palavras de ordem e velhas bandeiras, os movimentos sociais e políticos que deram vida ao Fórum Social Mundial sinalizam os rumos das lutas que haverão de marcar as primeiras décadas do século XXI

CHAMADO PELA IMPRENSA DE ANTI-DAVOS, porque efetivamente as suas ricas reflexões visavam a demonstrar que há outras formas de implementar a globalização que não a inspirada no neoliberalismo, o Fórum Social Mundial (FSM) refletiu, desde a sua própria estrutura, uma mudança significativa na forma de atuação das forças progressistas.

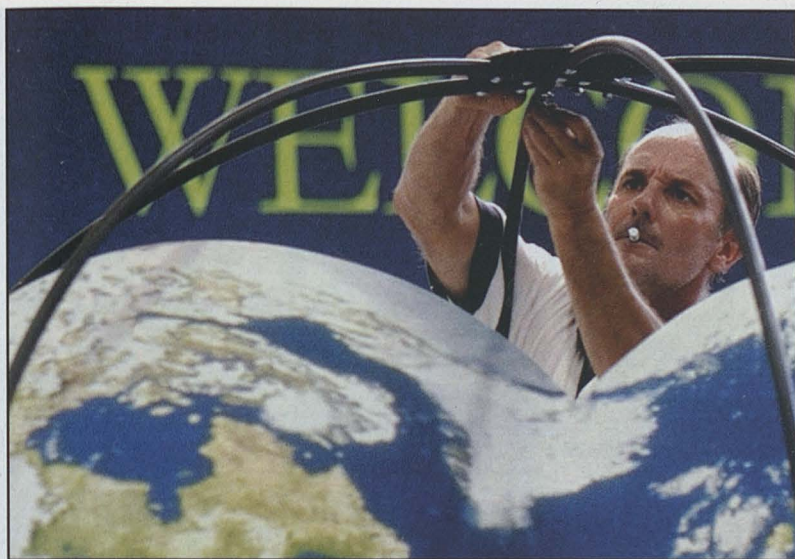
Assim como a direita há décadas superdimensiona o peso da economia nas relações entre as nações e na política doméstica, a esquerda também costumava priorizar o debate das questões econômicas quando se dispunha a definir o seu projeto alternativo.

Mas, nos debates de Porto Alegre, ficou clara uma nova postura de parte dos organizadores do fórum, que possivelmente refletiu a pluralidade política e a diversidade cultural dos participantes. Basta dar uma olhada no temário proposto para o debate para compreender a mudança. Em vez das questões mais ortodoxas, para o debate sobre as alternativas à globalização neoliberal, o FSM definiu quatro grandes eixos temáticos: 1) a produção de riquezas e a reprodução social; 2) o acesso às riquezas e à sustentabilidade; 3) a afirmação da

sociedade civil e dos espaços públicos, e 4) poder político e ética na nova sociedade.

Por sua vez, cada eixo temático era tratado durante os quatro dias do evento em mesas-redondas que aconteciam pela manhã, onde os temas iam sendo esmiuçados por quatro ou cinco conferencistas e um presidente de mesa. O quarto tema, por exemplo, mais político, abordou em dias sucessivos os seguintes subtemas: "Quais são os fundamentos da democracia e de um novo poder? Como democratizar o poder mundial? Qual o futuro dos Estados-nações? Como mediar os conflitos e construir a paz?"

Pelas tardes aconteciam, simultaneamente, mais de 40 oficinas, com questões relacionadas às da manhã, orientadas por experiências práticas. Eis alguns exemplos: "Estratégias de oposição ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial em 2001; Coordenação Sul-Norte na luta por uma justiça econômica global; Protesto Social e Alternativas ao Neoliberalismo na América Latina; Vigência do Terceiro-mundismo; Exclusão social nos centros urbanos; Software Livre; Associação de Livre Comércio das Américas (Alca); Resistência e alternativas; Globalização das grandes empresas, globalização dos direitos dos



O técnico arremata a estrutura que exibe o mapa mundial, que simboliza a união dos povos que buscam construir um mundo diferente daquele dominado pela sede e pelo egoísmo do capital. 'Outro mundo é possível' foi o pensamento que dominou o evento

trabalhadores; Economia solidária e autogestão; Luta contra a pobreza e a violência contra as mulheres; Organização Mundial do Comércio (OMC) na agricultura, a articulação camponesa; Lutas populares e resistência democrática: Experiências do Norte e do Sul; Globalização *versus* emprego: respostas sindicais; Democracia e acesso à Justiça; Participação Cidadã no planejamento urbano e ambiental; A luta por salários mínimos na Europa; Racismo e xenofobia na Alemanha; Uma agenda de direitos humanos e sociais para o Mercosul.

Ou seja, foi uma oportunidade ímpar de encontro e reflexão conjunta de milhares de pessoas que nas mais diversas frentes de luta estão resistindo, às vezes isolada e penosamente, à política neoliberal. Muita experiência acumulada foi partilhada, cotejada com outras iniciativas para comparar resultados; estudos teóricos foram confrontados com práticas coincidentes e, sobretudo, muitas articulações e alianças - novas e antigas - consolidadas. Os resultados de tudo isso aparecerão aos poucos, sobretudo com a intensificação das lutas sociais em todos os continentes. "Estamos também globalizados", dizia Rafael Alegría, hondurenho e dirigente da Via Campesina, organização internacional de associações camponesas.

A imagem que ficava, diante da torrente de idéias, informações, práticas, dados, números, trazidos à mesa de debates pelos participantes, era a de que o capitalismo globalizante vem sendo engolido pelas beiradas pela resistência popular. "Um novo poder está emergindo", sintetizou Hillary Wainright, da publicação inglesa *Red Paper*. Ela ressaltou a visível presença de mulheres em Porto Alegre, inclusive nos painéis. Estamos falando da construção da cidadania planetária e nesse plano somos nós mulheres que temos mais experiência acumulada. Estamos acostumadas a trabalhar em redes e sem aparecer."

Sem medo das palavras

Outra novidade da reunião de Porto Alegre, que mostra uma mudança da esquerda e dos movimentos sociais, foi o resgate de conceitos e até de palavras que fazia muito tempo não eram pronunciadas em fóruns internacionais. O economista egípcio Samir Amin constatou, na sua intervenção, que "desde os anos 90 se ampliam em todo o mundo as lutas contra o poder dominante", em prol do que ele chama de "uma democracia real, não a que temos, de baixa intensidade". E a seguir afirmou: "A

Pensamentos

"Um dos méritos deste fórum é colocar em contato as novas gerações de esquerda, que fizeram Seattle acontecer, com as velhas gerações, da esquerda tradicional, para que ambas troquem experiências"

Tariq Ali, escritor paquistanês, exilado em Londres

"O número de assistentes, a qualidade das exposições e a repercussão internacional do fórum de Porto Alegre demonstram a existência de uma nova consciência internacional"

Mariano Arana, prefeito de Montevideu, Uruguai

"Os movimentos representados em Porto Alegre são, no momento presente, o que os sindicatos foram na Revolução Industrial"

Roberto Sávio, italiano, fundador e diretor da agência de notícias InterPress Service (IPS)

"É a primeira vez que sentimos a dimensão real de tudo quanto representamos, após dez anos de desarticulação"

Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire

"Em geral, o capitalismo não funciona. E quando funciona, faz estragos nos seres humanos e na natureza"

Orlando Caputo, economista chileno



atual globalização é a nova denominação para o velho imperialismo. Imperialismo, sim, não devemos temer mais o uso dessa palavra."

E foi mais longe: "A perspectiva da luta deve ser o socialismo. Não vejo como podemos pensar em atingir os objetivos de solidariedade e justiça que nos propomos no marco do capitalismo. Mas isso é um processo, que pode levar até todo o século XXI. O importante é colocar a nossa luta numa perspectiva antiimperialista e democrática, assegurando o direito de cada nação a existir em igualdade de condições."

O tema também foi abordado pelo economista e professor argentino Jorge Beinstein. "Estamos entrando em uma crise muito forte do capitalismo com sérias consequências políticas. Se a vitória do capitalismo sobre o Leste Europeu era de longo alcance, só nos restava tentar 'humanizar' o capitalismo. Porém, se como tudo indica, o capitalismo entra em uma crise grave, podemos dizer que a alternativa é o socialismo. É uma discussão técnica e política ao mesmo tempo. Os fatos nos estão indicando que as brechas no sistema são profundas e irreversíveis", assinalou. "A essa nova realidade se está enfrentando uma nova esquerda, que está emergindo com algumas características interessantes: é anticapitalista ou até pós-capitalista, pluralista, muito arraigada no trabalho de base, fortemente impregnada da convicção



Trabalhadores rurais promovem uma teatralização da vida no campo, exibindo os seus instrumentos de trabalho e outros símbolos da produção agrária, chamando a atenção para a importância de se levar a justiça social ao campo, dando terra aos camponeses

de que a luta deve incluir as questões de gênero, étnicas e das minorias (até sexuais) e muito democrática."

Outros conferencistas resgataram algumas bandeiras da esquerda que estavam meio esquecidas. Manuel Moneiro, da Esquerda Unida, da Espanha, defendeu o internacionalismo como instrumento de luta para o futuro, mostrando a vigência do que ele definiu como "a essência da ação da esquerda". "É verdade que há diferenças grandes entre os operários dos países desenvolvidos e os da periferia - disse - mas devemos lutar por um novo internacionalismo. Não há possibilidade de dar resposta às demandas de justiça social no Norte sem atender as mesmas demandas no

Sul. Não há saídas nacionais para a crise civilizatória atual. Isso não significa que devemos aceitar o fim dos Estados nacionais. Se isso fosse bom, como alguns ideólogos do capitalismo recomendam, por que os Estados Unidos não se dissolveram ainda?", perguntou. E acrescentou: "A exploração do Sul pelo Norte se dá atualmente por meio dos injustos termos de intercâmbio e pelo serviço da dívida. A luta pelo cancelamento da dívida e por novos termos de intercâmbio deve ser uma bandeira dos povos do Norte e do Sul, unidos num novo internacionalismo."

Segundo a linha de resgate de conceitos e estratégias, o sociólogo argentino Atílio Borón, presidente do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), afirmou que a América Latina e o Terceiro Mundo são hoje muito mais dependentes que há algumas décadas, quando foi formulada - inclusive pelo presidente Fernando Henrique Cardoso - a teoria da dependência. "No entanto - assinalou o cientista social -, o debate sobre a dependência sumiu da agenda até dos acadêmicos." E alertou sobre a confusão que cria o conceito de globalização: "Cuidado em não confundirmos as coisas, as multinacionais operam em vários países, mas têm uma base nacional. Se

Testemunho

Para quem, como nós - membros da equipe que há mais de 25 anos edita a revista *cadernos do terceiro mundo* -, busca fazer um jornalismo independente, voltado para a defesa do direito de todos os seres humanos a uma vida digna, cobrir o Fórum Social Mundial foi um prazer. O trabalho foi exaustivo, caótico por vezes, mais riquíssimo em conteúdo, instigante nas idéias colocadas e desafiador pelos desdobramentos que se vislumbram para o futuro.

Foi reconfortante sentir que não estamos sós no ideal da construção de um mundo mais justo e que resistir todos estes anos, desde a nossa modesta trincheira, valeu a pena. (B. Bissio)



Acima, ao centro, Konder Comparato, da USP, defende democracia também nas relações internacionais. À sua direita, Kristen Moller (EUA) e Aníbal Quijano (Peru). À sua esquerda, Atilio Borón (Argentina) e Manuel Monereo (Espanha). Na foto ao lado, o egípcio Samir Amin, para quem a realidade é que o neoliberalismo é o velho imperialismo

alguém se dispuser a expropriar a Honda em seu país, não duvidem que quem apareceria para reclamar seria, em primeiro lugar, o embaixador japonês. E se o fizerem com a Volkswagen, viria o embaixador alemão; no caso da Ford, é claro que apareceria o embaixador norte-americano. Eles agitam essa bandeira para nos confundir, porque é claro que a luta contra a globalização é muito mais fácil no plano nacional do que no plano internacional."

Ainda sobre o tema, o professor de Direito da Universidade de São Paulo, Fábio Konder Comparatto, exemplificando a sua tese da necessidade de redefinir e democratizar o poder e a forma de funcionamento das Nações Unidas, comparou a situação atual do mundo com o deslocamento dos continentes. "Estamos à deriva", afirmou. "O mundo está se desagregando. Precisamos esboçar propostas para reconstituí-lo. Mas não vamos partir do zero. Vamos partir do que temos. Rousseau! pensava que a democracia era um sistema para os deuses, não para os homens. Mas no século XX a Humanidade conseguiu demonstrar que



ela era possível no plano nacional. Agora, no século XXI, nos toca a nós demonstrar que ela poderá ser possível no plano internacional. É necessário reafirmar que a soberania pertence aos povos, não aos Estados", disse.

É impossível reproduzir toda a riqueza dos debates. Mas, sim, é possível afirmar que com a determinação dos organizadores do fórum de implementar formas para institucionalizar, dentro do possível, as articulações e conclusões, o legado mais rico do encontro de Porto Alegre é o que ainda haveremos de assistir no futuro. (Beatriz Bissio) ■

Jean-Jacques Rousseau, nascido em Genebra em 1712, é autor de vários livros como o Discurso sobre a ciência e as artes e o Discurso sobre a origem da desigualdade. Sua obra mais conhecida é O contrato social

"Há uma Humanidade consciente que se nega a entregar-se à ditadura do pensamento único. Sairemos de Porto Alegre para uma nova história"

Mensagem de Dom Pedro Casaldáliga, lida na abertura do evento

"É fascinante e desafiador sentir a confluência e ao mesmo tempo a troca de idéias de pessoas vindas de países e realidades tão diferentes, mas partilhando dos mesmos objetivos"

Kirsten Moller, norte-americana Diretora da ONG Global Exchange

"Vivemos uma crise civilizatória, na qual os problemas globais afetam a Humanidade de forma desigual. Se isso não mudar, os próprios alicerces da vida podem ser comprometidos de forma irreversível"

Manuel Monereo, dirigente da Esquerda Unida, da Espanha

"Estamos assistindo a uma mudança de época, não a uma época de mudanças"

Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre

"Um novo poder está emergindo; este evento reflete uma mudança histórica"

Hillary Wainright, editora da revista Red Paper, da Inglaterra

"Valeu a pena continuar acreditando nos mesmos ideais"

Carlos Baraibar, parlamentar da Frente Ampla uruguaia

"O fórum de Porto Alegre não inventou a resistência popular, mas sem dúvida a colocou em evidência para o mundo e a fez progredir"

Bernard Bavand, deputado suíço, do Partido Socialista

"As ONGs estão se politizando e deixando de ser gracinhas ambientalistas"

Paulo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP

"Vivemos uma época de transição, em que o capitalismo globalizado demonstra a sua exaustão, mas as novas formas de organização da sociedade ainda não cristalizaram"

Samir Amin, economista e sociólogo egípcio

"Na esquerda do século XXI, que está emergindo, talvez a característica mais significativa seja o seu profundo respeito pela liberdade, pela pluralidade e pela democracia, no seu sentido mais abrangente"

Jorge Beinstein, economista argentino

"A situação chegou a tal ponto, que nós, camponeses latino-americanos, já não temos nada a perder, a não ser as nossas vidas"

Rafael Alegria, líder dos camponeses de Honduras, reunidas na organização internacional Via Campesina

Soros acusa o golpe



Georges Soros, o megaspeculador, procurou ser simpático, mas teve que admitir que o neoliberalismo provoca desajustes desumanos em âmbito mundial para atender apenas aos interesses de poucas pessoas, como ele, de poucas empresas e de poucos países

O MEGAESPECULADOR GEORGE SOROS reconheceu, um dia depois da teleconferência com os participantes do Fórum Social Mundial (FSM) realizado em Porto Alegre, que a globalização "cria um campo de jogo muito desigual". E foi audacioso ao admitir que os "distúrbios" promovidos pelos manifestantes, reprimidos pela polícia suíça, e os métodos usados pelos participantes da própria teleconferência - na qual os interlocutores de Davos foram chamados de assassinos de crianças - provocaram uma inquietação que não existia antes no mundo financeiro e empresarial. "E isso é um desdobramento saudável".

Nenhuma atitude dos representantes do capitalismo globalizado poderia ter expressa melhor o sucesso do fórum de Porto Alegre. Com a sua atitude, Soros acabou por aceitar o fato de que essa reunião - com seu perfil macro de 2.500 delegados, 122 países representados e um público brasileiro estimado em 10 mil pessoas - simbolicamente tinha inaugurado um novo tempo. O tempo do reconhecimento explícito por parte dos impulsionadores da globalização, de que o capitalismo mundial está em crise; de que há dissidências, e sobretudo, de que já não funciona o discurso único. (Beatriz Bissio) ■

Emoção no encerramento

"Um outro mundo é possível" é a palavra de ordem e a mensagem mais nítida do Fórum Social Mundial

Memélia Moreira

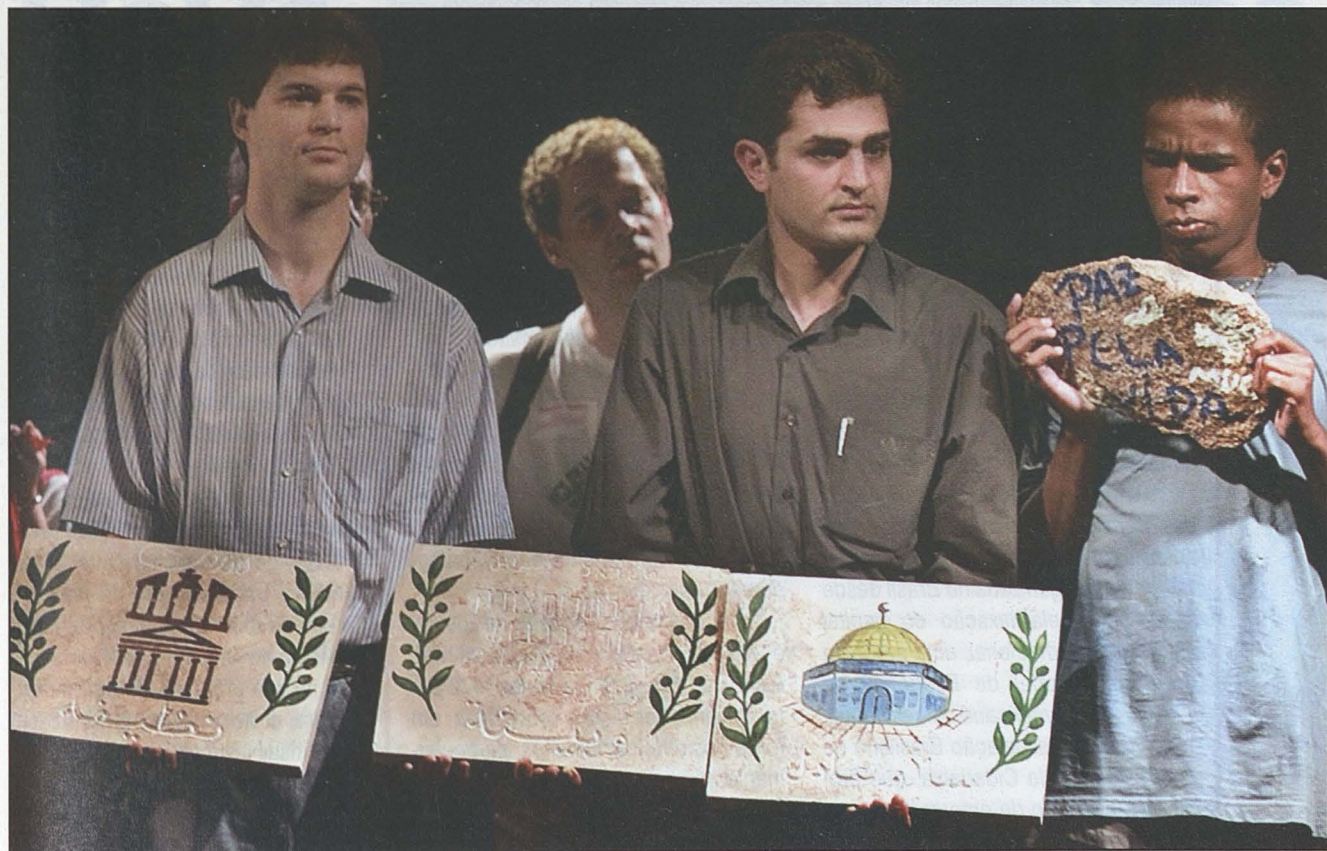
"**A**TÉ 2002." Esta foi a frase de despedida do Fórum Social Mundial (FSM), que reuniu 18 mil pessoas de todo o planeta, em Porto Alegre, na festa de encerramento. Marcada por uma profunda emoção, o ponto alto da despedida aconteceu quando, em nome da paz en-

tre judeus e palestinos, Abdel Sultan, palestino, e Charles Lenchner, israelense, acompanhados por um jordaniano, apresentaram pedras do solo de suas terras, comprometendo-se a lutar pela unidade de seus povos. As três pedras vão se juntar a outras 119 que vieram dos mais distantes países do mundo, entre eles Filipinas, Indonésia, China, Moçambique e dos mais próximos, como Cuba, Argentina, Colômbia e Paraguai num monu-

mento a ser construído numa praça em Porto Alegre, cidade já escolhida para o II Fórum, em janeiro do próximo ano.

No encerramento, após o discurso do governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra (PT), representantes das delegações internacionais convidados a subir ao palco responderam em coro à pergunta: "Um outro mundo é possível?" "Sim, yes, oui, si". Na platéia, palavras de ordem há muito esquecidas foram lembradas pelos militantes dos movimentos sociais de todo o mundo. Um representante da delegação japonesa arancou aplausos e risos quando respon-

Em nome da paz entre judeus e palestinos, Abdel Sultan, palestino, e Charles Lenchner, israelense, acompanhados por um jordaniano, apresentaram pedras do solo de suas terras, comprometendo-se a lutar pela paz no Oriente Médio e pela unidade de seus povos





Manifestações dos mais variados interesses sociais marcaram presença em Porto Alegre, entre eles a luta feminista, que inclui a defesa do direito das mulheres em fazer aborto

Os organizadores brasileiros

Várias entidades brasileiras trabalharam meses - junto à contraparte internacional - na organização do Fórum Social Mundial, constituídas em um Comitê Nacional. Elas são as seguintes:

* Abong - Associação Brasileira de ONGs: Fundada em 1991, tem 250 entidades associadas.

* Attac - Ação por uma Taxação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos, foi criada na França em 1998 e está organizada no Brasil desde 1999. Luta pela taxação do capital financeiro internacional, uma proposta do Prêmio Nobel de Economia de 1972, o norte-americano James Tobin.

* Cives - Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania, que promove o encontro de empresários para

o aperfeiçoamento da democracia e a defesa da justiça social e da ética.

* CJC - Centro de Justiça Global, ONG que atua na defesa dos Direitos Humanos nas áreas de conflito.

* CUT - Central Única dos Trabalhadores.

* Ibase - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, fundado em 1981 por Betinho e outros exilados que retornavam ao Brasil.

* MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

* CJP/CNBB Comissão de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em 1972 para desenvolver ações concretas em torno dos direitos humanos, particularmente nas questões da justiça social e da exclusão

deu com entusiasmo à pergunta feita, primeiro num sonoro "Yes", para em seguida falar na língua de seu povo, traduzida por um decassé-gui. Ele contou sobre os horrores sofridos pelos brasileiros que procuram melhores condições de trabalho no Japão, mas são discriminados com baixos salários e exploração.

O representante do Haiti disse que acredita num mundo melhor, porque "há quinhentos anos, nós, negros, chegamos aqui com pés e mãos amarrados, nos porões dos navios, para trabalhar como escravos e hoje estou aqui representando meu país, livre, como livre está Mandela, depois de vencer o *apartheid* na África do Sul".

Mulheres de países africanos pediram ao público que os descendentes dos negros levantassem as mãos. Imediatamente, as quase três mil pessoas que lotavam o auditório se levantaram e aplaudiram o canto oferecido por elas. "Somos todos negros", repetiam alegres índios caigangues, equatorianos, italianos, bascos, levando o dominicano Frei Betto a dizer: "Davos é o porto triste dos povos. Aqui é Porto Alegre."

A capital do Rio Grande do Sul foi escolhida para sede do próximo fórum, em janeiro de 2002. Os organizadores chegaram a cogitar da possibilidade de transferi-lo para alguma capital européia, para a Cidade do Cabo (na África do Sul) e até para São Paulo.

Mas diversas considerações e o fato de oferecer condições favoráveis de locomoção, tanto da América Latina quanto da África e Ásia, acabaram por fazer de Porto Alegre novamente a sede do evento no ano próximo. Porém, à diferença deste ano, em 2002 haverá atividades simultâneas em vários países, para facilitar a participação popular. ■



Bové promete voltar

Ordem de expulsão do líder camponês da França acaba tendo efeito bumerangue e ajuda a colocar a luta do MST na primeira página dos jornais de todo o mundo

POSSIVELMENTE, A MELHOR FOTOGRAFIA DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL (FSM) e a que mais circulou pelo mundo, sendo publicada com destaque de primeira página nos mais importantes jornais europeus, foi a do líder dos camponeses da França José Bové abraçado com João Pedro Stédile, principal coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), celebrando a vitória política sobre o governo brasileiro.

Tudo começou com o pedido de expulsão pela Superintendência da Polícia Federal (PF) do Rio Grande do Sul contra o líder da Via Campesina José

Bové, que surpreendeu os participantes do FSM e acabou por transformar o dirigente francês na estrela do ato de encerramento, quando foi gritada a palavra de ordem "Todos somos Bové".

A notícia da ordem de expulsão de Bové começou a circular, quando ele e João Pedro Stédile respondiam a perguntas no debate sobre questões agrárias, num auditório da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, repleto de camponeses, estudantes e sindicalistas.

Bové reagiu afirmando que era a primeira vez na sua vida que recebia uma ameaça. "Quando destruímos os campos de transgênicos na França, foi

aberto um processo judicial, mas sem ameaças", disse.

Respondendo a jornalistas que queriam saber qual seria a reação do governo francês, caso um estrangeiro participasse de um movimento semelhante, ele contou que, na destruição de uma cultura de transgênicos no interior da França, os dez agricultores indianos que o acompanharam "jamais foram incomodados e permaneceram ainda por mais dez dias no país, sem que ninguém os incomodasse."

João Pedro Stédile também demonstrou sua perplexidade. O líder do MST comparou esse procedimento do governo de Fernando Henrique Cardoso



João Pedro Stédile, do MST, cumprimenta José Bové, o líder camponês francês que participou da destruição de uma plantação de milho transgênico da Monsanto. A decisão do ministro José Gregori de expulsar Bové rodou o mundo pelos jornais e divulgou a luta do MST



com o comportamento da ditadura militar, "quando muitas pessoas que apoiavam o movimento camponês sofreram processos de expulsão. É um comportamento equivocado", afirmou.

No interrogatório na PF, que durou mais de duas horas, Bové reafirmou seu compromisso de combater as empresas multinacionais que praticam experiên-

cias de transgênicos. E Bernard Cassen, diretor-geral do *Le Monde Diplomatique* e presidente da Ação pela Tributação das Transações Financeiras de Apoio aos Cidadãos (Attac), uma das entidades que promoveu o encontro de Porto Alegre, disse que esperava apenas que o fato não provocasse um incidente diplomático entre o Brasil e a França,

uma vez que a ameaça de expulsão aconteceu no mesmo dia da chegada do ministro francês de Economia Solidária, Guy Hascoet, a Porto Alegre, para assinar convênio com a Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul. Cassen foi proibido pela PF de acompanhar o interrogatório de Bové.

O pedido de expulsão aconteceu a partir de uma notícia-crime apresentada pelo deputado estadual Frederico Antunes (PPB), pedindo providências das autoridades policiais contra a participação de Bové na destruição de um campo de transgênicos, cultivados pela empresa Monsanto, nas proximidades de Porto Alegre. A Superintendência da PF no Rio Grande do Sul encaminhou relatório ao ministro Gregori recomendando a expulsão do líder camponês, com base no Estatuto dos Estrangeiros. O ministro concordou com os argumentos da Polícia Federal, determinando que fossem cumpridos os ritos jurídicos do processo, entre eles a notificação do acusado.

O juiz Ricardo Borne concedeu liminar do *habeas corpus* impetrado

Expulsões

José Bové integra uma longa lista de estrangeiros que foram expulsos ou ameaçados de expulsão do Brasil, por trabalhar em defesa dos sem-terra. A lista é encabeçada pelo padre francês François Jentel, condenado pela justiça militar por apoiar camponeses em São Félix do Araguaia (MT) em suas reivindicações pela reforma agrária. Dela constam, ainda, o padre italiano Victor Miracapillo, expulso do Brasil em 1980 por ter se recusado a celebrar missa a pedido de usineiros de Pernambuco, e os padres Aristides Camio e François Gouriou. Ambos defendiam a ocupação de terras pelos posseiros em São Geraldo do Araguaia (PA) e, depois de ameaçados de expulsão, cumpriram pena de dois anos. Também faz parte da lista o antropólogo escocês Kenneth Taylor, proibido de trabalhar com os índios ianomâmis, em Roraima.

Todos esses casos aconteceram na época da ditadura militar.



Parlamentares condenam capital especulativo

Dívida externa

QUASE 500 DEPUTADOS E SENADORES DE 29 PAÍSES, presentes ao Fórum Social Mundial, debateram questões políticas e econômicas, condenando as consequências do neoliberalismo sobre as sociedades do mundo inteiro, especialmente sobre as nações em desenvolvimento. Consideraram este o principal ponto que vem afetando a vida das nações que ainda lutam contra a pobreza e que enfrentam, agora, uma fase em que suas condições de planejar o próprio futuro se tornam cada vez mais precárias, devido à primazia que se atribui aos interesses das grandes corporações internacionais.

Neste sentido, o Fórum dos Parlamentares propôs que se adote a chamada Taxa Tobin, um tributo proposto por James Tobin, Nobel de Economia, sobre a movimentação de capitais especulativos. Calculada em cinco milésimos (0,005%) de cada transação, a taxa permitiria criar um fundo mundial de bilhões de dólares anuais para o combate à pobreza, de modo a erradicá-la nos países da América Latina, Ásia e África em pouco mais de uma década. Ao mesmo tempo, a taxa teria o efeito de inibir progressivamente a especulação financeira que, seguidamente, cria situação de crise econômica e social nos países que os aceitam.

Na visão dos participantes, muitos partidos de esquerda europeus, o neoliberalismo desenhou um mundo para quem tem o capital e não para os cidadãos. Assim, entidades de alcance planetário, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio adotam princípios que privilegiam os ricos e tornam insuperáveis as diferenças que crescem entre desenvolvidos e pobres.

Um dos mecanismos condenados pelos parlamentares foi o da desigualdade nas trocas internacionais, quando os países industrializados recebem por seus produtos valores muito acima daqueles que aceitam pagar pelos produtos que importam dos países em desenvolvimento. O desequilíbrio acentua-se ainda mais com a adoção de medidas protecionistas pelos ricos, que pregam, porém, o livre comércio. Esta situação estimula o endividamento externo dos pobres, obrigados a recorrer a empréstimos, pois não conseguem superávits comerciais. Muitos se tornaram reféns dessa situação, sendo obrigados pelos credores a se desfazerem da infra-estrutura produtiva estatal e a promoverem outras reformas econômicas e sociais que prejudicam a cidadania e a soberania nacional e só beneficiam os interesses das transnacionais e dos seus países de origem.

Assim, propuseram profunda reforma na Organização Mundial do Comércio, para que incorpore as preocupações e necessidades do conjunto das nações e abandone a atual postura de foro e tribunal identificado com os interesses dos ricos. Também na mesma linha, exigiram uma solução para a dívida externa, que, na maioria dos países, se tornou um peso incontrolável, de alto custo social.

No campo puramente político, debateu-se a representatividade dos parlamentos, hoje em dia. A proliferação de iniciativas da sociedade, através de movimentos diversos, indica algo muito positivo, mas também denuncia o distanciamento que surgiu entre a sociedade e estruturas de representação tradicionais, como os atuais partidos políticos. (Pro-cópia Mineiro) ■

pelos advogados de Bové, garantindo sua permanência em território brasileiro até o momento de seu retorno à França, que aconteceu na noite do dia 31 de janeiro.

Ao tomar o avião que o levou de regresso à sua pátria, Bové prometeu voltar ao Brasil em julho, quando deve lançar a edição em português de um livro no qual conta a sua experiência à frente da Confederação Camponesa, por ele fundada em 1987, para resistir à lógica produtivista que domina a União Europeia e defender uma agricultura que respeite os recursos naturais, orientada pelas necessidades dos pequenos produtores e não pelas transnacionais da indústria de alimentos.

Criador de cabras, filho de grande pesquisador da medicina e com passagens por universidades norte-americanas, Bové começou a ser conhecido no mundo durante as manifestações de Seattle, com a sua inconfundível figura de bigode e cachimbo, e principalmente depois que liderou no sul da França a depredação de uma lanchonete da rede McDonald's, quando foi processado e finalmente inocentado. Sobre o incidente de Porto Alegre, ele afirmou que, "graças ao governo brasileiro, ficou ainda mais clara a legitimidade do MST". (Memélia Moreira) ■



Um outro mundo é possível, e ele começa nas cidades

Prefeituras são a primeira linha administrativa a sofrer o impacto dos desequilíbrios sociais e econômicos gerados pelas políticas da globalização e propõem mudanças de rumo - querem políticas efetivas de inclusão e não de exclusão, de proteção da cidadania e não de privilégio do capital

SOB O TÍTULO-LEMA DE FÓRUM DE AUTORIDADES LOCAIS PELA INCLUSÃO SOCIAL, prefeitos de centenas de cidades fizeram pronunciamentos e trocaram experiências, durante o encontro de Porto Alegre.

Embora fosse evidente que cada cidade tinha alguma particularidade a acentuar, havia uma unanimidade entre eles: as municipalidades estão pagando a maior parte da conta social provocada pelas práticas neoliberais que dominam os governos centrais da maioria dos países do Terceiro Mundo.

Segundo os prefeitos, o desemprego, a destruição dos sistemas previdenciários e de saúde públicos, a recusa em investir em outros programas sociais - como educação, habitação e saneamento -, a fome e a violência decorrentes de todo esse quadro são as cartas-bomba que a globalização neoliberal está remetendo, sem parar, aos responsáveis pelas administrações locais.

As prefeituras se vêem solicitadas, assim, a assumir tarefas que até pouco tempo atrás eram plenamente gerenciadas por estruturas superiores, de âmbito estadual ou federal. A agravante desse quadro é que nem sempre recursos são transferidos na proporção do desafio que se entrega aos municípios.

FÓRUM DE
AUTORIDADES
LOCAIS PELA



INCLUSÃO
SOCIAL

PORTOALEGRE • RS • BRASIL

A contradição que se aguçou foi bem conceituada pelo prefeito Jackson Lago, de São Luís (MA), ao frisar que a propalada idéia de que o Estado deve ser mínimo só beneficia os governos centrais, pois a lipoaspiração federal resulta em banha estocada para fritar os prefeitos. "Corte de responsabilidades e redução de estruturas do governo central correspondem a maiores encargos para as prefeituras, que passam a se debater diretamente com as consequências das chamadas desregulamentações promovidas no embalo do neoliberalismo."

O prefeito de Montevideu, Mariano Arana, destacou a existência de "situações tremendamente aflitivas" a que estão sendo submetidas as populações, em decorrência da exclusão e da consolidação da injustiça. Defendeu que a visão concreta dos problemas locais seja levada pelos administradores municipais aos foros internacionais, que, em geral, só acolhem autoridades das esferas mais amplas. Esta reivindicação foi destacada na declaração final do encontro e já começará a se realizar, de forma institucional, no âmbito do Mercosul, cujas reuniões contarão com os prefeitos.

Na *Carta de Porto Alegre*, a declaração final do seu encontro, os prefeitos também acentuaram que a globalização à moda neoliberal atropela o próprio conceito de cidadania, ao forjar e considerar natural a crescente parcela de cidadãos "segregados dos direitos sociais e do próprio processo democrático".

Jackson Lago: alternativas

"É muito positiva minha avaliação do Fórum Social Mundial, no âmbito do qual se realizou este Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social. Foi de grande importância, porque sua simples realização já chamou a atenção dos senhores do Fórum Econômico de Davos, onde se encontram os que ditam as normas da política econômica mundial. O fórum foi para eles um alerta.



Jackson Lago: a sociedade retoma seu espaço de criação através do debate

Além disso, o Fórum Social Mundial teve um caráter muito plural, o que ampliou as condições para se discutirem alternativas ao modelo que está aí: concentrador de rendas e desempregador. Entendo que o mais importante é que promoveu o renascimento da discussão social, a criação de um espaço de debates daqueles assuntos que pareciam fora de moda, pois se achava que as regras estariam definidas de vez e que o quadro neoliberal se manteria até o fim do mundo. Agora e aqui, porém, volta a sociedade a discutir, como faz historicamente, como sempre discutiu ao buscar alternativas. Este é, pois, o que considero de mais essencial no significado do Fórum Social Mundial: a retomada do costume da discussão política.

Quanto ao encontro específico dos prefeitos, sua oportunidade é inegável, uma vez que é preciso destacar que a maioria das pessoas mora em cidades e é nelas que se refletem os desacertos do modelo antissocial. As pessoas que perderam o emprego, aquelas que não acham emprego, esses contingentes maiores de desfavorecidos estão aí a demandar dos prefeitos mais vagas para seus filhos nas escolas públicas, maior presença de serviços públicos, como saúde,

saneamento, moradia. Podemos dizer, assim, que o próprio modelo desmoraliza a tese de que o Estado deve ser mínimo. Talvez possa ser mínimo em nível federal, porque, na esfera municipal, o que se vê é o crescimento intenso da demanda por serviços públicos, como resultado da própria política econômica federal.

Outro ponto forte foi a troca de experiências administrativas, porque muitos prefeitos expuseram os projetos que executam como resposta às situações que enfrentam na nova realidade. Foi uma troca muito útil de vivências, porque muita coisa pode ser adaptada para outras cidades.

Aliás, desde que o chamado Estado mínimo deixou de investir na produção, tarefa que também cabe aos municípios, criou uma nova prática, que considero muito salutar: nós, prefeitos, estamos aprendendo a conviver com novas funções. À medida que se vão descentralizando muitas das ações administrativas (só não se descentralizam os recursos - vai-se conferindo aos municípios a convivência mais intensa com a realidade, o que os está levando a criar condições de atuações conjuntas. Assim, amplia-se a criação de consórcios intermunicipais para ações nas áreas de Saúde, Educação, Meio Ambiente, Transportes e até para a produção de alimentos.

Este fórum foi muito importante, porque também deu voz às cidades, que é o local em que vivenciamos as consequências resultantes desse modelo econômico concentrador e desempregador."

Mariano Arana: consciência

"Todos nós, que apoiamos com entusiasmo a realização do fórum em Porto Alegre, constatamos um êxito extraordinário. Não apenas houve um expressivo número de participantes, mas sobretudo observamos todos a alta qualidade dos debates. Como consequência natural, o Fórum Social Mundial encon-



A Carta de Porto Alegre

"Os processos de urbanização, generalizados em todo o planeta, nem sempre contemplam os direitos de cidadania. Largas parcelas da população são excluídas e marginalizadas, afetadas por um dos efeitos mais perversos das políticas neoliberais globalizantes: a divisão entre incluídos e segregados dos direitos sociais e do próprio processo democrático.

Estes efeitos são mais visíveis nas grandes cidades, que acolhem movimentos populacionais surgidos dos desequilíbrios existentes entre as zonas urbanas e rurais. O crescimento urbano desordenado promove, ainda, as maiores agressões ao meio ambiente. Estes fenômenos aparecem não só nas áreas menos desenvolvidas, mas com força singular também nas cidades mais desenvolvidas.

É no interior das cidades onde encontramos os processos de exclusão mais profundos. Mas é também nelas que temos as melhores condições de desenvolver políticas de coesão social e de proteção dos direitos e liberdades de toda a cidadania.

Na Conferência Habitat II, em Istambul, no ano de 1996, prefeitos

de todo o mundo afirmaram a necessidade de reconhecer o papel das autoridades locais, democraticamente eleitas como gestoras e protagonistas dos destinos de cada cidade. Estas cidades devem ser participativas, socialmente inclusivas e com serviços públicos acessíveis a todos os cidadãos. Afirmaram também que as autoridades locais devem ser interlocutores internacionais, através de suas redes, estruturas regionais e temáticas e de uma organização unificada representativa.

Fazemos nossos estes propósitos, assim como a declaração da Conferência Internacional de Saint Denis (França), celebrada em maio de 2000, onde se reconheceu que as maiores tensões e desigualdades estão nas cidades, mas também aí se expressam novas aspirações sociais e respostas inovadoras na afirmação da qualidade de vida e dos direitos sociais.

O Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, em Porto Alegre, integrado ao Fórum Social Mundial, onde se afirma que 'Um Outro Mundo é Possível', vem contribuir com políticas públicas que se con-

trapõem às desigualdades, geradas pelos modelos econômicos hegemônicos pela globalização. Desta forma, podemos afirmar que 'Um Outro Mundo é Possível, e Ele Começa nas Cidades'.

Reunidos neste Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, comprometidos com o fortalecimento e valorização das cidades, defendemos e propomos o seguinte:

- Reconhecemos o direito à cidadania nos novos espaços públicos surgidos dos processos de urbanização. Trata-se de socializar a condição de cidadão. Criar as condições culturais para que a população menos integrada socialmente viva a cidadania e tenha acesso ao conjunto de direitos da mesma.

- As autoridades locais assumem o compromisso de, juntamente com a participação direta e democrática de sua cidadania, promoverem políticas que combatam a crise da moradia, a precariedade dos serviços urbanos, a pobreza que afeta partes significativas da população e aos fenômenos de exclusão social e marginalização negadores dos direitos de cidadania. Isso comporta

Além de prefeitos, governadores também fizeram suas reflexões e assumiram compromissos em prol de um mundo mais cidadão



uma maior e mais justa redistribuição dos recursos públicos, implicando uma adequada repartição da receita pública entre os governos centrais e locais, de tal forma que as cidades tenham condições de prover as necessidades de infra-estrutura e serviços públicos para as suas populações.

· As políticas sociais que têm que existir nas cidades são parte decisiva das políticas de proteção dos direitos humanos. As autoridades locais assumem o compromisso de promover e potencializar estas políticas, zelando pelos interesses das pessoas mais desfavorecidas e vulneráveis.

· As autoridades locais, a partir de suas ações de governo, assumem o compromisso de desenvolver programas que tendam à criação de emprego, combatendo o desemprego e a precariedade das condições de trabalho, bem como incentivando novas fontes de ocupação.

· Reconhecemos o importante papel das cidades na era da globalização como instrumento regulador da lógica implacável do mercado. Nesta linha é importante reforçar e construir redes cidadãs em todo o planeta que permitam às cidades intervir em programas de cooperação descentralizada e solidária.

· Reconhecemos a importância da relação cidade-campo, inserindo luta em defesa, proteção e promoção de políticas agrícolas e agrárias necessárias ao desenvolvimento econômico e social sustentável para cidades saudáveis.

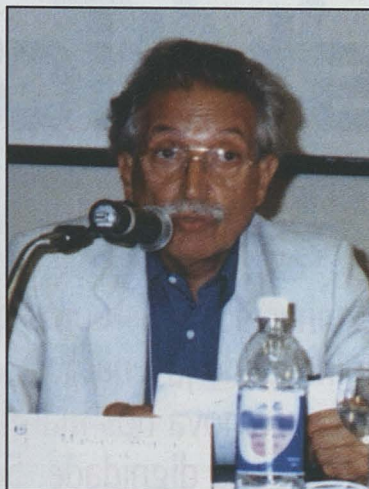
· Promovemos o reconhecimento do direito das cidades e seus governos democráticos em atuar na vida política, econômica e cultural internacional. Nesse senti-

do, é importante potencializar a aliança local e as uniões e colaborações diretas entre cidades.

· Defendemos o direito das cidades de ter voz própria ao participarem nos organismos internacionais. Será importante avançar na formulação de uma nova declaração universal dos direitos e deveres da cidadania, que permita construir uma cultura comum a todos os cidadãos e cidadãs.

· Um desenvolvimento econômico nacional, que tenha como pressuposto a inserção soberana de todos os países na economia mundial, sem submissões e dependências unilaterais, só será alcançado se tiver como base ações públicas e movimentos em defesa da justiça social a partir das cidades. No contexto da globalização tutelada pelo capital financeiro, é importante avançarmos na discussão de mecanismos de controle social sobre os fluxos financeiros internacionais. Faz parte disso a discussão sobre a criação de uma taxa sobre as transações financeiras internacionais, direcionando tais recursos para políticas de combate à pobreza e para a inclusão social.

As cidades são importante instrumento para estancar os processos de exclusão, para desenvolver políticas de inclusão social e dar respostas aos problemas da cidadania. Constituem um marco decisivo para promover e consolidar processos de democracia participativa e de controle público sobre o Estado, geradores de consciência cidadã solidária. As cidades constituem um espaço fundamental para restabelecer a esperança de construir um mundo mais justo e humano. Porto Alegre, 27 de janeiro de 2001."



Mariano Arana: o peso das cidades deve ser levado em conta no debate mundial

trou ressonância na opinião pública deste país-continente, que é o Brasil, e igualmente no mundo todo.

Destaco, pessoalmente, como grande contribuição do encontro, a comprovação de que surge uma nova consciência internacional. E esta nova consciência internacional se dissemina por todos os setores da população, incluindo as áreas política e comunitária, sensíveis às situações tremendamente aflitivas a que têm sido submetidos os nossos países e nossos povos, atingidos pela exclusão e pela injustiça.

A necessidade da participação das administrações locais nos grandes debates fica comprovada pelo sucesso da rede das mercocidades, as cidades do Mercosul. São 60 mercocidades filiadas e procura-se agora dar novo impulso ao movimento. Foi importante o representante do Itamarati ter aproveitado o momento para divulgar o assunto e destacar que as mercocidades terão seu fórum institucional nas reuniões do Mercosul - o Fórum Especializado de Prefeitos e Intendentes. É importante ressaltar que os prefeitos tenham voz nos debates, pois as populações de nossos países residem, em sua maioria, em ambientes urbanos", concluiu Mariano Arana. (Procópio Mineiro) ■

Estética é remédio

Adolescentes infratores se ressituaem na vida, fazendo pela Arte o caminho de volta à sociedade. À frente do projeto, o pintor Antônio Veronese, conhecido pelas obras que retratam a infância desvalida, acredita que a criminalidade juvenil deve ser combatida com um esforço de ressocialização que promova nos marginalizados uma nova autopercepção e a consciência da própria dignidade. Seus alunos estão conseguindo

Procópio Mineiro

A ILHA DO GOVERNADOR, no Rio de Janeiro, costuma agitar-se, com alguma frequência, com protestos violentos e fugas dos menores infratores do centro de recuperação Escola João Luiz Alves. A cada episódio, a constatação das más condições, da insuficiência dos esforços de recuperação dos jovens que a sociedade não conseguiu integrar. O quadro não é apenas carioca, mas difuso pelo país, como provam as quase semanais rebeliões no sistema de São Paulo.

A novidade, no caso do presídio juvenil João Luís Alves, é que um grupo de apenados, que, há um ano não viam a rua, foram ao museu ver pinturas e esculturas. A autorização do juiz Guaracy Vianna, da Primeira Vara da Infância e da Adolescência, atendeu a pedido do pintor Antônio Veronese, que guiou o grupo de 16 jovens ao Museu Nacional de Belas Artes, para sua própria exposição "Brasileiros", na Sala Portinari. Os excursionistas culturais são considerados em estágio de ressocialização avançado e todos participam do projeto "Ressocialização Através da Arte", um desafio que Veronese aceitou enfrentar há seis anos e que pretende ver adotado por todo o Brasil.



Foto: Divulgação

Veronese: a arte humaniza, descortina horizontes, produz autoconhecimento e desperta os impulsos do belo e do bom

"Eu descobri, através deste contato, uma realidade que vai muito além da nossa imaginação. Muito sofrimento, muita dor e desesperança. Eu proponho, então, a pintura como ferramenta, para que eles denunciem a sua realidade", explica o artista, que conta com o apoio da Petrobras para sustentar a iniciativa. "Eu não advogo a impunidade. Alguns desses meninos atingiram tal septicemia moral que precisam ser afastados da sociedade. O que dói mais é a constatação

de que a grande maioria deles é recuperável e, apesar disso, estão sendo jogados no lixo", diz Veronese, que nestes seis anos de existência do projeto já trabalhou com seis mil meninos e meninas.

O artista se diz impressionado pelo abandono infantil, que se converte em marginalidade criminosa, e aponta como um escândalo social a matança anual de mais de 600 crianças e adolescentes só no Rio de Janeiro, apesar de 98% deles não apresentarem qualquer histórico criminal.

Trabalhos resultantes das oficinas de pintura do projeto já foram expostos no Brasil e no exterior, tendo o projeto ganho Menção Honrosa do Supremo Tribunal Federal, em Brasília.

Abaixo, a entrevista com Antônio Veronese.

'Nós vivemos num Estado medieval'

Como começou seu interesse pelo trabalho de recuperação de menores através da Arte?

Antônio Veronese - Eu sempre tive os meninos infratores, o menino do Rio - não o menino do Caetano Veloso, mas os dramáticos meninos das ruas, aqueles que engrossam as cifras de 600 meninos assassinados por ano no Rio de

Salvar a infância

Entre muitas outras obras, Antonio Veronese é autor de:

1 - Painel Save the Children, pelos 50 anos da ONU

2 - Painel Tensão no Campo, símbolo do MST, instalado desde 1996 no Congresso Nacional, em Brasília

3 - Painel Apenas Crianças, para o Unicef

4 - Painel Famine, símbolo da Campanha Ação da Cidadania e exposto na sede da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), em Roma

5 - Painel Fundación Integra, em Santiago do Chile

6 - Óleo Dormindo na Rua, na Universidade de Genebra

7 - Série As Faces do Medo, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro

Foto: Divulgação



No Museu Nacional de Belas Artes, sob a orientação do professor, os jovens internos fazem uma viagem diferente, que pode impulsionar a mudança de muitos destinos

Janeiro -, como assunto da minha pintura. Sempre estive interessado nisso. Aí, em 1994, a então secretária de Cultura, Helena Severo, me propôs trabalhar diretamente com eles e eu aceitei no ato. Desde então, já trabalhei com mais de seis mil meninos presos e confesso que aprendi muito com eles.

O sistema correcional, sobretudo o de crianças e adolescentes, encaixa com facilidade projetos inovadores como o seu ou oferece uma resistência que pode ter frustrado outras iniciativas semelhantes?

AV - Não, eles são muito receptivos. O que há é muita desistência das iniciativas, porque às vezes a barra pesa. Mas eu sinto grande abertura deles, neste sentido. O Sérgio Novo, diretor do Departamento de Ações Socioeducativas (Degase), o dr. Guaracy Vianna e o

Juiz de Menores, dr. Siro Darlan, são entusiastas e apoiam muito.

Da experiência com seu projeto, que testemunho você pode dar de sua eficácia como uma espécie de chave para abrir uma porta inesperada para essas crianças?

AV - De acordo com o monitoramento de seis anos, 56% dos meninos atendidos têm tal mudança de comportamento que autoriza a revisão ou cancelamento da pena. Além disso, a reincidência entre eles é três vezes menor que entre aqueles que não fazem o curso.

Como é feita a iniciação artística dessas crianças, na prática?

AV - Uma imersão em atividades artístico-culturais como balé, música clássica, espetáculos de músicos brasileiros, visitas a museus, debates em cima de textos filosóficos, políticos, culturais. A criança é levada a conhecer um horizonte que ela sequer imagina que exista. Isso a emociona, restaura a sua auto-estima e dignidade. É como eu sempre digo: estética é remédio.

O que a Arte tem conseguido arrancar do interior dessas crianças?

AV - Primeiro, eu descobri, através deste contato, uma realidade que vai muito além da nossa imaginação. Muito sofrimento, muita dor e desesperança. Eu proponho, então, a pintura como fer-

Brasileiros



Foto: Divulgação

**"Uma humanidade
em que velho e criança
fossem respeitados.
Essa é minha utopia.**

**A imensa maioria desses meninos
pode ser salva, mas estão sendo
jogados no lixo.**

**Hoje, estamos
transformados em uma sociedade
extremamente perversa"**

Humanizar

A mostra *Brasileiros* inaugurou a Sala Portinari do Museu Nacional de Belas Artes e é constituída de 50 rostos e do painel *Just Kids (Apenas Crianças)*, símbolo mundial do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), também pintado por Veronese. O nome "*Apenas Crianças*" é uma tentativa do artista de denunciar a intolerância da sociedade com os meninos infratores, devido ao fato de muitos deles mais parecerem adultos do que crianças. O painel mostra 16 meninos com cara de bandido, mas, apesar disso, chamados por Veronese de "*Apenas Crianças*".

"Eles têm o ricto facial do bandido, mas não passam de crianças. Precisam de colo, mas só tomam porrada," diz Veronese.

Durante a visita, os meninos ouviram com atenção e muita curiosidade as explicações do professor. O Projeto de Ressocialização Através da Arte coloca meninos presos em contato com atividades artístico-culturais, como forma de atingir-lhes a emoção e restaurar-lhes a auto-estima. Assim, além de aulas de pintura e sessões para ouvir música clássica, os adolescentes debatem sobre filosofia, política, artes e, periodicamente, visitam eventos culturais importantes fora da unidade correccional. Nos últimos 24 meses, estiveram nas exposições de Rodin, Monet, *Faces do medo* e viram os balés *Quebra-nozes* e *Floresta Amazônica*, além de shows musicais, como o de Gilberto Gil.

Como resultado desse trabalho de enriquecimento cultural, valorização humana e autoconscientização, 56% dos adolescentes infratores têm as penas reduzidas ou comutadas, devido à radical mudança de comportamento que apresentam.



Os jovens marginalizados pela pobreza são esmagados também por um processo de profunda intolerância por parte da sociedade, avalia Veronese, que no painel *Brasileiros* (pág. oposta) retratou 'o rosto dos que não têm rosto, essa gente que insiste em lutar, apesar de tudo'

ramenta, para que eles denunciem a sua realidade. Conto a história de *Guernica*, de Picasso, traço um paralelo entre aquela denúncia e a denúncia que eles podem fazer através de seu trabalho de pintura. Eles entendem a proposta e, imediatamente, começam a denunciar, através do trabalho, suas mazelas, seus medos e suas angústias.

Defina a exposição *Brasileiros*...

AV - São 60 rostos dos brasileiros que não têm rosto, as caras de quem não sai na *Caras*, um povo que insiste em lutar, apesar de tudo. O trabalho foi sempre esse e só esse: denunciar a situação dessa gente, registrando-a plasticamente. Uma tentativa de trazer as imagens do *front* para reflexão e denúncia.

Que juízo você faz da nossa sociedade, quanto aos cuidados que ela dispensa à infância mais pobre? O que seu olhar e a sensibilidade de artista consideram sobre o assunto?

AV - Nós vivemos num Estado medieval. Criança não é prioridade aqui. Há uma sucessão de promessas, eu estou cansado de receber tapinhas nas costas e conversa fiada. Nada muda. Somente no Rio são 600 crianças assassinadas por ano, somente 2% delas com histórico criminal. Mais de cinco mil lesões corporais dolosas. Ser velho no Brasil é uma sina. Em recente estudo, constatou-se que 61% dos velhos e das crianças têm doenças psicossociais, decorrentes do medo urbano. A imagem de um Brasil hedonista, do futebol e do Carnaval é uma imagem do tempo dos filmes da Atlântida. Hoje, somos uma sociedade extremamente perversa.

A sociedade se inquieta quanto ao aumento da violência, por cujos índices são apontados como responsáveis, em boa parte, jovens marginalizados. Como essa sociedade pode evitar tornar-se endurecida e discriminadora contra essa parcela desfavorecida?

AV - É um processo terrível de intolerância. Eu até que entendo. Com certeza, ninguém agüenta mais. No entanto, não podemos ser intolerantes *in totum* com os infratores. Eu não advogo a impunidade.

Tenho consciência de que alguns desses meninos e meninas atingiram tal septicemia moral, que têm de ser retirados do convívio social, na forma da lei.

Mas, por outro lado, o que dói bastante é a constatação de que a imensa maioria desses indivíduos pode ser salva, porém estão simplesmente sendo jogados no lixo.

Se o artista Antônio Veronese recebesse de Deus o poder criador por um dia, que mundo novo e que humanidade nova Antônio Veronese criaria?

AV - Com certeza, uma humanidade em que velho e criança fossem respeitados acima de todas as coisas. Essa é minha utopia. ■

Avaliação do ensino em questão

O boicote dos estudantes ao Provão cresce e levanta dúvidas sobre os objetivos e a eficácia dos sistemas de avaliação do Ministério da Educação. Direções universitárias se queixam de tendência punitiva do governo, incluindo cortes de verbas, enquanto professores se dividem: uns consideram o exame estimulante para o aperfeiçoamento do ensino, embora ainda falho em diversos aspectos, enquanto outros apontam o fato de ser feito apenas no final do curso como uma irremediável insuficiência. Nem todos apóiam o boicote estudantil

Álvaro Neiva

QUANDO O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC) divulgou, em dezembro de 2000, o resultado do Exame Nacional de Cursos (Provão), principalmente o de Jornalismo, causou uma grande surpresa: entre as faculdades que estavam com o pior conceito (E), encontravam-se algumas das mais importantes do país, como as escolas de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade de Brasília (UnB).

A explicação para isto foi o boicote promovido pelas entidades estudantis ao Provão, do qual o mais efetivo foi o da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos). Cerca

de 15% dos estudantes de jornalismo compareceram ao exame, mas entregaram a prova em branco, colando o adesivo "Colei no Provão - por uma avaliação pra valer".

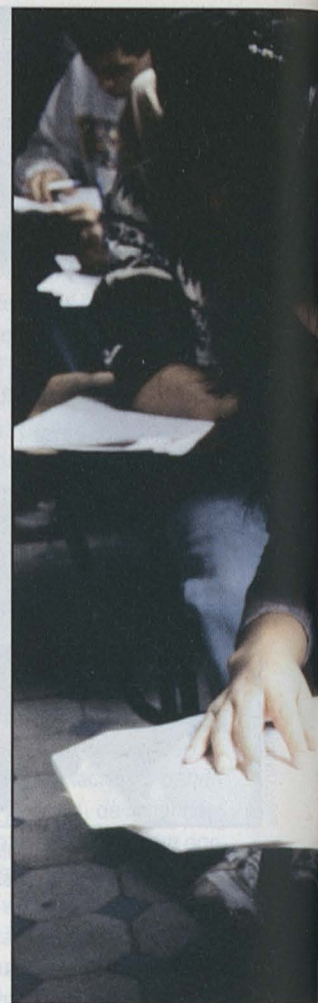
Embora com um número menor de adesões, houve boicote também no Provão de outras carreiras, como Medicina, Agronomia e Veterinária. O crescimento do boicote de 1999 para 2000 fez com que a questão repercutisse e que as manifestações de apoio e críticas à postura dos estudantes ganhassem espaço na mídia.

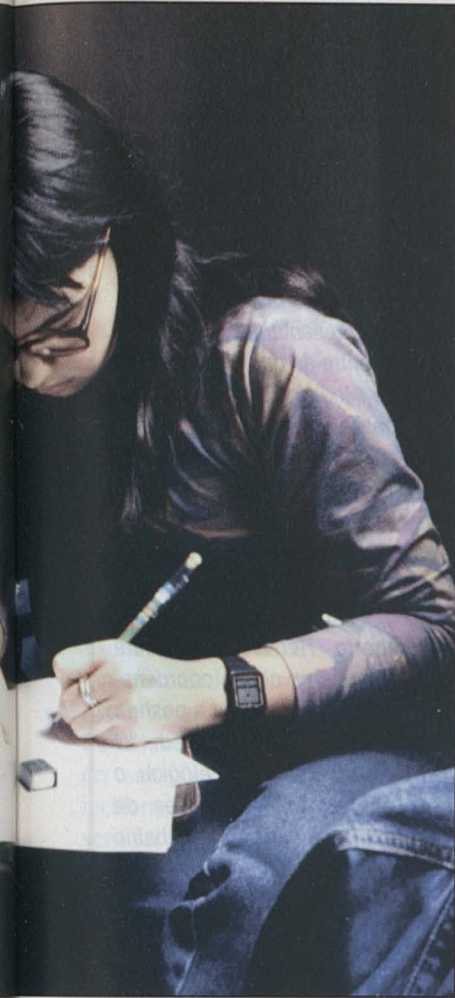
Escolas vêm punição

"O boicote não é um fim em si mesmo. A ação tem três finalidades claras: não legitimar o sistema punitivo do MEC, questionar a política educacional do governo federal e apontar caminhos

alternativos", explica Felipe Messina, coordenador-geral da Enecos. Segundo ele, a questão é política; o debate não é sobre divergências técnicas, mas sobre concepção de universidade e projeto educacional.

Após o resultado do boicote deste ano, o professor José Salvador Faro, integrante da Comissão de Especialistas no Ensino em Comunicação (CEE/Com), lançou uma proposta, para que todas as entidades da área de comunicação se unam para formular um projeto de avaliação. A Enecos e o professor Victor Gentili, também da CEE/Com, já concordaram em participar. Representantes dos cursos de Comunicação Social das universidades públicas do Rio (UFRJ, UFF e Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Uerj) estão discutindo a possibilidade de sediar um seminário nacional, para encaminhar esta proposta.

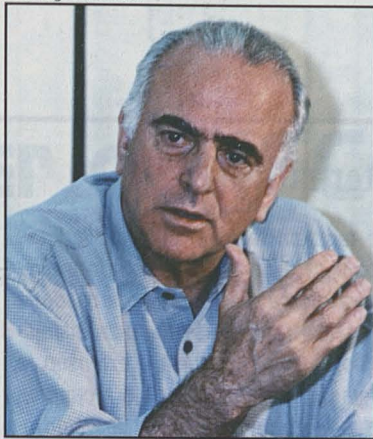




O sistema punitivo desenvolvido pelo MEC, a partir de suas avaliações, é um dos principais alvos de crítica. Apesar da apresentação do exame afirmar que seu objetivo é "alimentar os processos de decisão e de formulação de ações voltadas para a melhoria dos cursos de graduação", o próprio ministro Paulo Renato já ameaçou de fechamento os cursos que forem mal por três anos seguidos.

O sistema pune ainda aqueles estudantes que não comparecem ao exame. A presença é obrigatória, sob ameaça de retenção do diploma pelo MEC. Esta ameaça foi decisiva para o boicote pelos estudantes de Jornalismo da UFF, em 1998, que questionaram a constitucionalidade da ameaça de não receber o diploma, após terem completado o curso.

Além disso, embora a versão oficial negue que os resultados possam influir em um possível corte de verbas



Enquanto alguns setores estudantis ampliam o boicote, o ministro Paulo Renato admite algumas mudanças sugeridas por alunos e professores

para universidades públicas, já há situações em que isto vem acontecendo. O edital do Programa de Incentivo à Graduação (Prograd), mecanismo de distribuição de verbas criado pela reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estabelece punição para os cursos que vão mal no Provão. Isto demonstra, segundo Felipe Messina, a inversão de valores na política educacional do governo federal. "O Estado se restringe a um papel fiscalizador e punitivo, abandonando a sua responsabilidade de garantir as condições necessárias para a sustentação do ensino público."

O Instituto de Arte e Comunicação Social (Iacs) da UFF apoiou o boicote dos estudantes, após discutir o assunto nos órgãos deliberativos. "Ninguém fala do boicote do MEC à universidade pública: proibição da abertura de concurso para professores, nenhum aumento de salário para os docentes há seis anos e falta de verbas para comprar equipamentos", protesta Irene Cristina Gurgel do Amaral, coordenadora do curso de Comunicação Social, que vê em andamento uma "visão neoliberal de educação pública."

Debate politizado

Victor Gentili critica a politização do debate. "O Provão é um instrumento extremamente útil e importante de avaliação", defende Gentili, mas admite que a prova tem falhas. "Ninguém diz

BRASIL Educação

que o Provão é eficiente para avaliar. Ele ainda é um instrumento insuficiente, que precisa ser confrontado com outras avaliações, mas que começa a surtir efeito: os cursos estão se esforçando para melhorar", completa.

O educador Dilvo Ristoff, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não concorda. "O provão não avalia", sentencia. Ele explica que a avaliação é um processo de identificação de valor e mérito de uma instituição. Para medir a qualidade de ensino, segundo Ristoff, o Provão teria que avaliar durante o processo, de modo a identificar o "valor agregado" aos alunos daquela faculdade. Contudo, o professor não concorda com o boicote, por achar que o governo conseguiu, através da mídia, conquistar a opinião pública, e por acreditar que o provão vai se esgotar por si mesmo.

O sistema de distribuição dos conceitos, que segue uma regra matemática conhecida como Normal de Gauss, também recebe muitas críticas. Todas as faculdades avaliadas são encaixadas em uma escala de conceitos pré-definida. A instituição recebe uma nota, a partir da média aritmética das notas de seus formandos, então ela é agrupada em uma das faixas de conceito. A Normal de Gauss determina que, necessariamente, há 12% de faculdades com o conceito A, 18% com o conceito B, 40% com o conceito C, 18% com D e 12% com E. Resumindo, os conceitos atribuídos não são relativos às notas obtidas, mas pelo estabelecimento de um ranking entre as escolas. Por exemplo, a nota 5 pode corresponder ao conceito D em um curso, e ao conceito A em outro curso.

Após cinco anos de Provão, o ministro Paulo Renato declarou que a distribuição de conceitos deve ser alterada, mas não disse qual será o novo sistema. O diretor de Avaliação e Acesso ao Ensino Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), Tancredo Maia, admitiu que a mudança foi provocada pelas críticas ao

Propostas alternativas

O Provão e a Avaliação das Condições de Oferta foram implementadas pelo atual governo em substituição ao Programa de Avaliação Institucional da Universidade Brasileira (Paiub), que foi instituído durante o governo de Itamar Franco, e está sendo desativado.

O Paiub era constituído sob sete princípios básicos: respeito à identidade das instituições; comparabilidade (não no sentido de criar uma classificação, mas de estabelecer metas); adesão voluntária (que obviamente deve ser estimulada); não premiação e não punição; continuidade (processo ininterrupto, onde o mais importante são as transformações provocadas pela avaliação); legitimidade política, ou seja, discutida e constituída nos órgãos cabíveis,

e também técnica, com avaliadores bem capacitados, mesclando avaliação interna e externa); e globalidade (analisa toda a estrutura da instituição, ensino, pesquisa e extensão, a relação entre os cursos e a comunidade externa). Apesar de desvalorizado pelo governo federal, o Paiub serve de base para algumas universidades, como a Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a UFF, construírem sistemas de avaliação. As instituições acreditam que, por este sistema, é mais fácil detectar as qualidades e deficiências, e agir para melhorar a sua qualidade.

Há ainda outras propostas de avaliação, formuladas por entidades da sociedade civil. A Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem), por e-

xemplo, foi constituída em 1991, para avaliar a qualidade do ensino médico brasileiro e propor mecanismos para sanar as deficiências.

O projeto foi discutido amplamente por representantes de diversas entidades, entre as quais o Conselho Federal de Medicina (CFM), a Associação Brasileira de Educação Médica (Abem), o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub), a Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (Denem) e a Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (Andes-SN).

Humberto Herrera, que está prestes a assumir como coordenador-geral da Denem, critica a postura do MEC em relação ao Cinaem. "O ministro Paulo Renato já elogiou o nosso sistema, mas, ao invés de incentivar, ele só dificulta o trabalho da comissão".

engessamento dos conceitos, feitas principalmente pelos coordenadores de cursos em seminários realizados pelo Inep.

Avaliação insuficiente

A Avaliação das Condições de Oferta (ACO), também utilizada pelo MEC para testar o ensino superior, é menos controversa. Dilvo Ristoff afirma que a ideia da ACO é bem melhor, no entanto, na prática, também não funciona. "É impossível fazer uma avaliação criteriosa em dois dias."



Leher: pela autonomia acadêmica e pedagógica de cada universidade

Foto:Guilherme Lessa

Este sistema consiste na visita de dois professores, que avaliam o corpo docente, a qualidade das instalações e o projeto didático-pedagógico das instituições. Pelos dados coletados em dois dias, os avaliadores, cujas despesas são pagas pelas instituições, determinam um conceito para cada um dos indicadores.

O professor José Salvador Faro, responsável pelas diretrizes curriculares do curso de Comunicação Social, considera a Avaliação das Condições de Oferta mais amadurecida do que o Provão, porque visa à instituição em si, não o aluno, analisando condições objetivas dos cursos.

A USP se encontra em uma situação contraditória: seus alunos se submetem ao Provão, mas a instituição não passa pela Avaliação das Condições de Oferta. Cláudio Possani, assessor da pró-reitoria de graduação, anunciou que

a participação será reavaliada este ano pelas instâncias responsáveis.

Irene Cristina, da UFF, acha todo o modelo de avaliação incoerente com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação. Enquanto a legislação propõe uma flexibilização curricular do ensino, um sistema educacional ligado às manifestações culturais e preocupado com a realidade local, as avaliações do MEC querem definir um perfil único de profissional, sem respeitar a identidade de cada instituição ou as diferenças regionais.

Roberto Leher, presidente da Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (Andes-SN) - Sindicato Nacional, chega a considerar o modelo institucional, pois fere o artigo 207 da Constituição. O artigo garante às universidades a autonomia acadêmica e pedagógica plena. Para Leher, "o Provão determina um padrão de competência profissional contraditório com o objetivo da universidade de dar acesso à forma como o conhecimento é produzido". ■

O que quer o MEC

Até março, as instituições de ensino superior deverão enviar ao Ministério o cadastro dos alunos que serão testados em 2001

PARA A AVALIAÇÃO DOS CURSOS de Jornalismo no ano passado, o Ministério da Educação (MEC) baixou a Portaria nº 1794, explicitando aspectos do teste. Segundo a portaria que orientou o teste, cujo resultado foi alterado pelo boicote dos alunos, "o Exame Nacional de Cursos, no caso específico de Jornalismo, terá por objetivos: contribuir para a avaliação dos Cursos de Jornalismo no Brasil e oferecer subsídios para ações voltadas à melhoria da qualidade desses cursos; verificar até que ponto os cursos estão proporcionando aos graduandos formação compatível com o perfil e as habilidades definidas para o Exame Nacional dos Cursos de Jornalismo".

O MEC descreve, também, o perfil do profissional desejado e que considera que o curso deveria ter modelado: "O Exame tomará como referência o perfil de um profissional com cultura ampla, curiosidade intelectual, criatividade, domínio do idioma e das estruturas narrativas e expositivas aplicáveis às mensagens jornalísticas, que apresente: capacidade para perceber os fatos de interesse jornalístico, apurá-los e transformá-los em mensagens para diferentes meios de comunicação; capacidade para compreender, analisar, interpretar, explicar e contextualizar as informações do mundo em que vive; competência para atuar na área jornalística, em condições de produção, ritmo e periodicidade similares às que se encontram no cotidiano da profissão; capacidade de adaptar-se a diferentes situações de trabalho ou atuação; capacidade para traduzir discursos e mediar, através da atuação jornalística, as relações entre agentes sociais; ca-

pacidade para elaborar críticas à mídia e propor alternativas; compreensão dos mecanismos envolvidos no processo de recepção das mensagens e seu impacto sobre os diversos setores da sociedade; posição crítica e independente, no que diz respeito às relações de poder e a todas as mudanças que ocorrem na sociedade; formação ética social e profissional; humildade diante do real e rigor na busca da verdade, aliados ao compromisso com a ética e a cidadania; capacidade para criticar, propor, planejar, executar, avaliar, bem como empreender projetos na área de comunicação; criatividade na experimentação de novas formas de processamento de informação, de novas linguagens e veículos; capacidade para trabalhar em equipe com profissionais e fontes de informação de qualquer natureza; competência para utilizar as tecnologias da informática e das telecomunicações para o desempenho da atividade de jornalista; conhecimentos quanto aos aspectos teóricos e metodológicos envolvidos no pensar e fazer jornalístico; capacidade de aplicação de conhecimento sociocultural e econômico na atividade jornalística."

Os resultados apontaram, entre três universidades selecionadas no Rio de Janeiro - uma pública e duas particulares - os conceitos abaixo analisados.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) obteve em 2000 o conceito E (insuficiente) em Jornalismo, mas somente 23,7% dos inscritos responderam às questões. Foi o único conceito E entre os 16 cursos da UFRJ testados (11 obtiveram conceito A e quatro o conceito B, todos com participação maciça dos formandos). Nos dois anos anteriores, com níveis de respostas de

98,8% e 94,2% dos formandos, o curso de Jornalismo se distinguiu com o conceito A, condizente com a qualidade reconhecida pelo mercado empregador carioca.

O boicote estudantil transparece assim como a causa do conceito E no ano passado, tornando razoável a crítica dos que negam ao MEC o direito de aplicar sanções ao curso, em cima de um resultado assim distorcido. Igualmente podem considerar-se com razão os que julgam o boicote contraproducente como arma para defesa do bom nome dos cursos.

A Pontifícia Universidade Católica (PUC) obteve em 2000 o conceito C, com respostas de 87,6% dos alunos de Jornalismo. Em 1999, obteve B, com 95,8%; e em 1998, conceito C, com 81,7% de formandos respondendo. No ano 2000, a PUC/RJ participou do teste com 13 cursos: 6 conseguiram A, 6 alcançaram B e somente um, C.

A Universidade Gama Filho (UGF) alcançou em 2000 o conceito C em Jornalismo, com respostas de 84,8%. Nos dois anos anteriores, quando o conceito também foi C, a participação chegou a 93% e a 100%, respectivamente. No ano 2000, a UGF testou 13 cursos, alcançando C em nove deles; E em dois; e D em mais dois.

Para 2001, o MEC já baixou as instruções, através da Portaria nº 904, de 29 de junho do ano passado. A prova se realizará em 10 de junho vindouro. Até o dia 12 de março próximo, as instituições de ensino superior deverão enviar ao MEC o cadastro dos alunos que serão testados.

Neste ano, o exame alcançará os seguintes cursos: Administração, Agronomia, Biologia, Jornalismo, Direito, Economia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Farmácia, Física, Letras, Matemática, Medicina, Medicina Veterinária, Odontologia, Pedagogia, Psicologia e Química. (Procópio Mineiro) ■

Postal Norte-Sul

AUTO-AJUDA



A PAZ DE TODO DIA

Cláudia Nogueira e Sandra Nedopeltzski
Cód. 85-86448-08-7

Com os olhos voltados para a força íntima é que nos revestiremos da capacidade de enxergar a verdadeira essência. 203págs. (15cmx11cm). R\$10,00 - Editora Brahma Kumaris

BIOGRAFIAS



CONFISSÕES

Darcy Ribeiro

Cód. C 0890

Autobiografia, escrita até momentos antes de sua morte, em 1997. Uma vida riquíssima contada com emoção e irreverência. 592 páginas R\$36,00 - Editora Cia. das Letras



PRESTES

Lutas e autocríticas. Edição Comemorativa dos 100 anos de Luiz Carlos Prestes

Dênis de Moraes e Francisco Viana
Cód. 020015

Este é o livro para o qual, em vida, Prestes deu o seu melhor depoimento. Para esta edição, a família Prestes abriu seus arquivos de fotos (quatro cadernos de fotos, 32 páginas). 324 páginas. R\$39,00 - Ed. Mauad

DICIONÁRIOS



DICIONÁRIO CRÍTICO DO PENSAMENTO DA DIREITA

Idéias, instituições e personagens

Vários organizadores Cód. 0100-92

Obra que ratifica a importância dos campos direita/esquerda para os debates políticos contemporâneos apresenta cerca de 300 verbetes escritos por 120 autores de diversas universidades ou pesquisadores independentes, de vários estados e países, de diferentes visões e posicionamentos. 260págs. R\$78,00 - Editora Mauad



DICIONÁRIO DO BRASIL COLONIAL

(1500 - 1808)

Ronaldo Vainfas (direção)

Cód. 85 7302 320-1

Este é o primeiro dicionário crítico sobre as nossas raízes coloniais. Os primeiros séculos de nossa história estão representados de A a Z, em forma de verbetes atraentes e concisos. A obra mostra todos os personagens que nos ajudam a compreender melhor os sentimentos e o modo de vida de uma sociedade meio encantada e meio diabólica como a colonial. 599págs. R\$49,90 - Editora Objetiva



DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL

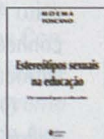
de 1500 até a atualidade

Schuma Schumacher (coordenação)

Cód. 85 7110 573-1

Com cerca de 900 verbetes e mais de 270 ilustrações, este dicionário torna-se referência obrigatória para estudos da história brasileira. O compromisso é com a tentativa de recuperar a trajetória das brasileiras que, com muitas outras afora, ainda estão escondidas atrás dos panos. 567 páginas. R\$49,00 - Editora Jorge Zahar

EDUCAÇÃO



ESTEREÓTIPOS SEXUAIS NA EDUCAÇÃO

Um manual para o educador

Moema Toscano Cód.: 85.326.2285-2

Militante feminista desde os anos 70, a autora discute o papel da escola e do professor como obstáculos (quase sempre) ou como alavancas (às vezes) na mudança do relacionamento homem/mulher. 116 páginas. R\$ 14,30 - Editora Vozes

FILOSOFIA



A ÁGUIA E A GALINHA

Uma metáfora da condição humana

Leonardo Boff Cód. 85-326-1845-6

Uma história africana proposta ao leitor como reflexão de sua própria condição, origem e destino. Segundo o autor, é preciso que se busque o equilíbrio. 208 páginas. R\$18,00

Editora Vozes



O DESPERTAR DA ÁGUIA

Leonardo Boff Cód. 5-326-1977-0

O livro continua o anterior A águia e a galinha, e relaciona a dimensão-águia e a dimensão-galinha com o Universo, a história e a pessoa humana. 176 páginas. R\$14,00

Editora Vozes



SABER CUIDAR

Leonardo Boff Cód. 85-326-2162-7

O livro detalha o cuidado em suas várias concretizações: com a Terra, a sociedade sustentável, o corpo, o espírito e a grande travessia da morte. 200 páginas. R\$18,00

Editora Vozes

HISTÓRIA



BRASIL 500 ANOS EM DOCUMENTO

Ivan Alves Filho

Cód. 0200-17

Um livro de referência, didático, para estudos sobre documentos que registram a História do Brasil. 656 páginas. R\$99,00

Editora Mauad



BINÔMIO - EDIÇÃO HISTÓRICA

Dir: José Maria Rabêlo Cód. BA 7013

A história do primeiro jornal da moderna imprensa alternativa brasileira, que nunca se curvou aos poderosos. Mais de 200 reproduções, muito humor e a narrativa, documentada, da conspiração de direita que levou ao golpe de 64. 263 páginas. R\$34,00 - Editora Barlavento e Armazém de Idéias



ESCRavidÃO OU MORTE

Jorge Preta de Souza Cód. 0100-20

O autor propõe uma questão candente: por que lutavam os escravos de uma pátria que os oprimia? A obra analisa a participação de escravos como soldados do exército brasileiro, durante a guerra do Paraguai, construindo sua liberdade através da vida militar. 136 páginas. R\$22,00 - Editora Mauad



HISTÓRIA DO CONE SUL

Amado Luiz Cervo e Mario Rapoport (org.) Cód. 0159

Coletânea de ensaios sobre a história dos países do Cone Sul, abordando relações regionais e sua inserção na economia internacional. 336 páginas. R\$35,00 - Editora Revan



HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL

Nelson Werneck Sodré Cód. 0100-68

O livro vem preencher a necessidade de profissionais e estudantes em suas teses, pesquisas, estudos, ensaios e trabalhos dos mais diversos. 501 páginas. R\$59,00 - Ed. Mauad



MINAS DO OURO E DO BARROCO

As raízes históricas da cultura mineira

Washington Albino Cód. BA 7014

O livro reconstitui o barroco mineiro, a primeira manifestação artística autenticamente nacional. Imprescindível para o conhecimento da História do Brasil. 248págs. R\$38,00 - Barlavento Grupo Editorial



NAS FRONTEIRAS DO PODER

Conflito e direito à terra no Brasil do séc. XIX

Márcia Maria M. Motta Cód. A-025

O livro permite compreender a complexidade das relações sociais e de poder no mundo agrário fluminense de meados do século XIX. 247 páginas - R\$21,00 - Arquivo Público



O EXÉRCITO SOVIÉTICO NA II GUERRA

Leonid Ieremeev Cód. 0084

Relato dramático e fartamente documentado que revive momento crucial para a sobrevivência dos valores humanitários. 128 páginas. R\$12,00 - Editora Revan

LITERATURA



A INVENÇÃO DO MAR

Gerardo Melo Mourão Cód. 050229

Uma grande epopéia sobre o descobrimento do Brasil e os momentos primordiais da colonização portuguesa. 368 páginas. R\$ 28,00

Editora Record



A REPÚBLICA DOS BUGRES

Ruy Tapioca Cód. 85.325.1028-0

O livro surge em um momento oportuno para uma reflexão sobre a História do país e a nossa formação como povo, além de ser uma realização literária de fôlego. 532págs. R\$ 35,00 - Editora Rocco

MEMÓRIAS



EUROPA 1935 - UMA AVENTURA DE JUVENTUDE

Moacir Werneck de Castro

Cód. 85.01.05771-1

A partir das lembranças de uma viagem à Europa, o autor faz uma reflexão alternando memória e substância, reinterpretando fatos que ajudam o leitor a pensar o Brasil de hoje. 223 páginas. R\$20,00 - Editora Record



HERANÇA DE UM SONHO

Marcio Antonio Tavares Coelho
Cód. 85.010.576-2

Neste livro de memórias, o autor conta a sua trajetória pessoal e política, marcada pela dedicação à luta por um mundo melhor e as experiências de suas atividades legais e clandestinas. 532 páginas. R\$45,00 - Editora Record

POLÍTICA



BRIZOLISMO

João Trajano Sento-Sé Cód. 225.02862
Leitura indispensável para quem se interessa pela história contemporânea do Brasil. 365 páginas. R\$29,00 Editora FGV



DESMONTE DA NAÇÃO

Ivo Lesbaupin (Org.) Cód. 85.326.2174-0
O governo FHC prometia levar o Brasil à modernidade e ao desenvolvimento, mas vem produzindo um desastre - é a análise da obra. 200 páginas. R\$17,60 - Editora Vozes



DOIS ESTUDOS PARA A MÃO ESQUERDA

Cabanagem - Guerrilha ou luta de massas
Renato Guimarães Cód. 0205
O autor apresenta dois ensaios sobre episódio marcante da história brasileira do século passado, como reflexão dirigida aos jovens. 112págs. R\$14,00 - Editora Revan



DOMINAÇÃO PELA FOME

Economia política do abastecimento
Miranda Neto Cód. 00124
A fome em meio à abundância constitui o maior escândalo nas sociedades atuais. 136págs. R\$9,90 - Forense Universitária



ESTADO FEDERATIVO E POLÍTICAS SOCIAIS

Determinantes da descentralização
Marta Arretche Cód. 85.7106.194-7
A autora analisa as relações entre o jogo político-institucional e os resultados de políticas de governo. 304págs. R\$29,00 - Ed. Revan



GLOBALIZAÇÃO E GLOBOBAGENS

Verdades e mentiras do pensamento econômico
Paul Krugman Cód. 20412-1
O autor comenta como pensamentos econômicos provocam o aumento desenfreado do desemprego, fala sobre especulação financeira, crescimento econômico, administração empresarial. 224 páginas. - R\$39,00 - Editora Campus



A FORMAÇÃO DO MST NO BRASIL

Bernardo Mangano Fernandes
Cód. 85.326.2345-X

O autor analisa os processos de formação e territorialização do movimento, desde sua origem - em 1979 - até 1999, em 22 estados, onde o MST está organizado. Importante referência para se compreender a trajetória dos sem-terra em todas as regiões brasileiras. 318págs. R\$26,00 - Editora Vozes



NO TEMPO DE VARGAS

Memórias, reflexões e documentos
Francisco Antonio Dória Cód. 0075
É um livro indispensável a todos os que se interessam por conhecer a política brasileira deste século. 170págs. R\$16,00 - Ed. Revan



RUMO À SIERRA MAESTRA

Che Guevara e Raúl Castro Cód. 517
Diários da guerrilha cubana são revelados com todos os bastidores da Revolução. Reproduz documentos, fotos e anotações que revelam detalhes inéditos. O prof. Emir Sader (Uerj/USP) faz a apresentação. 306 páginas. R\$34,00 Oficina do Autor



UMA RESPOSTA AO NEOLIBERALISMO

Hilary Wainwright Cód. Z 0486
Combina uma discussão sobre ideia política neste fim de século com uma avaliação das trajetórias concretas de movimentos sociais e partidos. 152págs. R\$19,00 - Ed. Jorge Zahar

POLÍTICAS PÚBLICAS



A AMERICANIZAÇÃO (PERVERSA) DA SEGURIDADE SOCIAL NO BRASIL

Estratégias de bem-estar e políticas públicas
Maria Lúcia W. Vianna Cód. 0156
As políticas implantadas pela ditadura entre 1964 e 1985 revelaram-se perversas pelo seu caráter antidemocrático. A autora busca identificar os fatores de natureza política que vêm produzindo barreiras para a implantação do modelo universalista que embasa a Constituição de 1988. 256págs. R\$30,00 - Editora Revan

REPORTAGEM



HAVANA - DEZEMBRO DE 1999

Emilio Azevedo Cód. M 0268
Conheça a vida comum na capital cubana, em uma reportagem competente e atrativa. 145 páginas. R\$ 19,00 - Editora Multitexto

SOCIOLOGIA



GLOBALIZAÇÃO

Teoria social e cultura global
Roland Robertson Cód. 85.326.2247-X
Mostra como a cultura se tornou uma questão contestada globalmente. Por exemplo, por que concepções rivais de uma "ordem mundial" têm consequências políticas e econômicas. 312 páginas. R\$32,00 - Editora Vozes



O PODER DA IDENTIDADE

Economia, sociedade e cultura
Manuel Castells Cód. 20.495
Como nosso mundo e nossa vida vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. 530 páginas. R\$42,00 - Editora Paz e Terra



QUANDO EU VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA

Joel Rufino Cód. 85.01.05771-1
Cartas escritas pelo autor, quando estava no cárcere pelo pecado de amar o Brasil, para o filho que ainda estava por nascer. R\$48,00 Editora Rocco

SAÚDE



A VITALIDADE SEXUAL DO HOMEM

Uma Abordagem Natural
Michael T. Murray Cód. 20310-0
Respeitado naturopata, o autor diagnostica distúrbios da próstata, detecta efeitos colaterais de determinados procedimentos e relaciona virilidade e reeducação alimentar aos exercícios físicos e a um programa de combate ao estresse. 188págs. R\$29,00 - Editora Campus



MENOPAUSA

Uma Abordagem Natural
Michael T. Murray Cód. 20311-0
Como tirar proveito de vitaminas, minerais, ervas, exercícios, dietas e outros métodos naturais, assim como uma abordagem das causas e efeitos da menopausa e uma análise detalhada da terapia de reposição de estrogênio. 224 páginas. R\$ 29,90 Editora Campus



O LIVRO DA SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS

Várias Autoras Cód. 2210
O livro serve de instrumento na coordenação de ações conjuntas entre mulheres que trabalham por justiça social. 356 páginas. R\$26,00 - Editora Pallas

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Profissão: _____
Tel.: _____ Fax: _____ E-mail: _____

Assinale a forma de pagamento de seu pedido:

- () Cheque(s) nominal(is) à Editora Terceiro Milênio Ltda. em anexo
() Autorizo débito no meu cartão pelo valor total de R\$ _____

Cartão _____ Validade até _____ / _____
Nº _____

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO, SEM PARCELAMENTO (inclusive em cheque)

Data: ____ / ____ / ____ Assinatura do comprador _____

CADERNOS 228

Os preços estão sujeitos a alteração
VALIDADE: até durar o estoque

CÓDIGO	QUANT.	FRETE	TOTAL R\$

Preencha em letra de forma e envie para a
Editora Terceiro Milênio Ltda.
Rua Conde de Lages, 44 - Gr. 508 / 510 - Lapa
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20241-080
Tel.: (0XX21) 221-7511 - FAX: (0XX21) 252-8455
E-mail: etm@etm.com.br - http://www.etm.com.br

ATENÇÃO: O frete será cobrado à parte no valor de R\$2,50 por livro e o prazo máximo de entrega em 20 dias. Consulta prévia nas remessas rápidas, para o exterior e nos pedidos acima de 10 exemplares.

Álvaro Queiroz

Tecnologia desafia planejamento nacional

A união da ciência com a tecnologia sobressai, hoje, como o principal fator de produção. Os povos indiferentes a essa realidade estarão condenados a perpetuarem o atraso e a colecionarem apenas desvantagens na divisão internacional do trabalho

As grandes potências econômicas e militares não escondem o propósito de reforçarem o monopólio do saber que detêm, ampliando cada vez mais o fosso que as separa do mundo subdesenvolvido. As nações são tanto mais ou menos desenvolvidas, quanto mais ou menos adiantadas estiverem nos domínios científico e tecnológico.

Nos anos 90, infelizmente, devido a opções feitas pelos governos que adotaram o neoliberalismo, o Brasil desviou-se da rota que o levava, da década de 70 ao começo dos anos 80, à

tentativa relativamente bem-sucedida na concepção e na execução de uma política de desenvolvimento tecnológico, com ênfase em segmentos estratégicos da indústria, como petróleo, energia elétrica, informática, telecomunicações, energia nuclear, setor espacial etc., nos quais chegou a criar massa crítica significativa. Foi o despertar da consciência de que a dependência externa também no âmbito científico-tecnológico acabaria por consolidar o atraso, inviabilizar o desenvolvimento e comprometer o próprio futuro do país.

Abrir caminhos

Um dos instrumentos dessa política, explícito destacadamente na área da informática, foi a reserva de mercado, condenada pelos conservadores e pelas multinacionais interessadas em pontificar no mercado interno de microcomputadores.

O progresso do país nessa área surpreendeu as empresas estrangeiras, e as pressões externas começaram a intensificar-se com o auxílio de uma retaguarda retrógrada. A campanha contra a política de informática partiu da constatação (verdadeira, diga-se a bem da verdade) de que muitos empresários do setor haviam introduzido distorções na reserva de mercado e na destinação dos incentivos fiscais, chegando ao contrabando de componentes e de produtos finais, contando, para isso, com a deliberada passividade do governo.

Justificou-se, assim, o fim da reserva de mercado, à qual haviam recorrido países europeus e o Japão, com resultados fantásticos, sem preconceitos nem ações inibidoras.

Os obstáculos foram grandes, é certo. Mas o Brasil começava a romper o ciclo da dependência tecnológica que amarrava o seu efetivo progresso socioeconômico à importação de tecnologias. Empresários mais lúcidos e um contingente razoável de técnicos e cientistas haviam constatado que tais importações tornar-se-iam cada vez mais necessárias e inevitáveis, por força do aumento da velocidade do avanço das grandes potências industriais no aperfeiçoamento de tecnologias já existentes e na geração de novas tecnologias.

Nesse contexto, o Brasil se via sob o risco de eternizar-se como país importador desse fator de produção, caso não se lançasse com certa ousadia no aperfeiçoamento de tecnologias que já dominava e na geração de tecnologias próprias.

Comprar ou alugar tecnologia, na verdade, era um imperativo (e continua sendo) sob pena de o nosso parque industrial amargar uma estagnação com o atraso nos processos de produção e a conseqüente perda de competitividade dos nossos produtos nos mercados externos e no mercado doméstico. O capital estrangeiro passou a substituir o nacional nos mercados de bens mais sofisticados, dos quais foram alijadas empresas de capital brasileiro.



Foto: Petrobras/Jonho Machado

A capacidade técnica brasileira pode ser atestada pelos feitos da Petrobras, que criou a tecnologia para exploração em águas profundas

A política tecnológica incorporava, também, a preocupação com a transferência de tecnologias (de cabeça para cabeça), através de bolsas de estudo concedidas a brasileiros interessados em se aperfeiçoarem nos grandes centros mundiais de produção científica e tecnológica.

Avançou, por outra parte, na sua própria institucionalização, com a reestruturação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e a incorporação da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência ligada ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como fonte de recursos para o desenvolvimento do setor. Por fim, o Ministério da Ciência e Tecnologia, para executar a política do governo.

Havia certa confusão na interação entre esses e vários outros órgãos, por isso toda a institucionalidade da área passou a ser chamada jocosamente de "macarrão tecnológico". A tendência, no entanto, era de se montar uma estrutura capaz de atender às necessidades do desenvolvimento do país no setor.

Todo esse esforço resultou de iniciativas no âmbito estatal, eis que a sonhada integração Universidade-Empresa, de inspiração empresarial, não prosperara, devido a obstáculos levantados pelos próprios empresários industriais, por mais paradoxal que isso possa parecer.

A cooperação

Só mais recentemente é que, à margem do programa integração Universidade-Empresa, algumas indústrias começaram a se aproximar de institutos de pesquisa, como a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e outros, vinculados a instituições como a Universi-

dade de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP) entre outras, um tanto timidamente, mas com resultados apreciáveis.

De dois anos para cá, lideranças empresariais mais lúcidas chegaram à conclusão de que a persistência na importação de tecnologias, além de onerosa, aprofunda a dependência externa. Isto porque se trata de uma espécie de corrida que nunca encontrará o ponto de chegada, devido à velocidade do aperfeiçoamento da tecnologia nos países desenvolvidos. Mais ainda, porque a transferência, via aluguel ou compra, se manifesta em "caixa-preta", mantidos, portanto, os segredos na fonte vendedora ou locadora.

Visão imediatista

Empresários industriais ainda tentam justificar a importação de tecnologias e serviços e/ou a encomenda de projetos em institutos localizados nos países desenvolvidos, sob a alegação de carência de recursos para investimentos em pesquisas e por razões de urgência.

São argumentos reveladores de uma visão de curto prazo que, se superada há 15 anos, as próprias empresas já estariam colhendo, hoje, bons frutos de seus laboratórios, de encomendas ou parcerias nas universidades ou de bolsas para seus técnicos em institutos de pesquisa do país.

No entanto, para isso, era necessário que os governos nos anos 90 não houvessem destruído o que o Brasil tinha de política de Ciência e Tecnologia, estrangulando a Universidade e sufocando financeiramente os institutos de pesquisa.

Retomar o esforço dos anos 70, já, é imperativo, sob pena de agravamento de uma defasagem que aumenta na proporção da velocidade com que os países desenvolvidos aperfeiçoam tecnologias de que já dispõem e geram novas tecnologias. É imperativo insistir nisso. ■

PARA CONFERIR... Depois

O governo refez a previsão para a redução dos preços da gasolina em abril próximo: de 15%, na refinaria, e de 12% nos postos, para 6,4% e 8%, respectivamente. A partir de maio, os preços dos combustíveis serão revistos trimestralmente e, em 2002, liberados com a importação de derivados de petróleo. A última previsão teve como base a alta de preços no mercado internacional do petróleo, no começo de 2001.

FESTEJO INJUSTIFICÁVEL

✓ No ano passado, a indústria paulista abriu 27,4 mil novos postos de trabalho, criando mais vagas do que fechou pela primeira vez, desde 1995.

Esses dados, compilados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), foram festejados bombasticamente pela grande mídia, mas dizem muito pouco da realidade. É que, no período de 1995 a 1999, foram fechados 600 mil postos de trabalho no estado, segundo a própria Fiesp - uma média de 120 mil anualmente no período. Nos mesmos cinco anos, o salário médio do trabalhador brasileiro caiu 15%, enquanto as empresas passaram a pagar salários próximos do mínimo aos novos trabalhadores admitidos. Ainda de acordo com a Fiesp, o índice de confiança subiu de 5,1, em setembro, para 5,6 pontos em dezembro de 2000, baseado na crença de 401 empresas pesquisadas.

ARGENTINA CRESCERIA 5%

✓ O setor industrial da Argentina, que registrou queda de 6,4% no ano de 1999 e acusou variação zero em 2000, deverá crescer mais de 4%. A previsão é do Instituto Nacional de Estatística e Censos (Cindec). A economia como um todo teria uma expansão próxima dos 5% em 2001, nas projeções do ministro da Economia, José Luiz Machinea. Os economistas não oficiais, no entanto, vêem escassas possibilidades de confirmação dos prognósticos do ministro, apesar de "blindagem" - ajuda de 39,9 bilhões de dólares patrocinada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para o país saldar compromissos externos em 2000 e 2001. O governo deposita no setor agrícola as esperanças de recuperação da economia argentina em 2001, porque o setor secundário (industrial) não dá sinais animadores de reação.

Greenspan quer pagar dívida com superávit

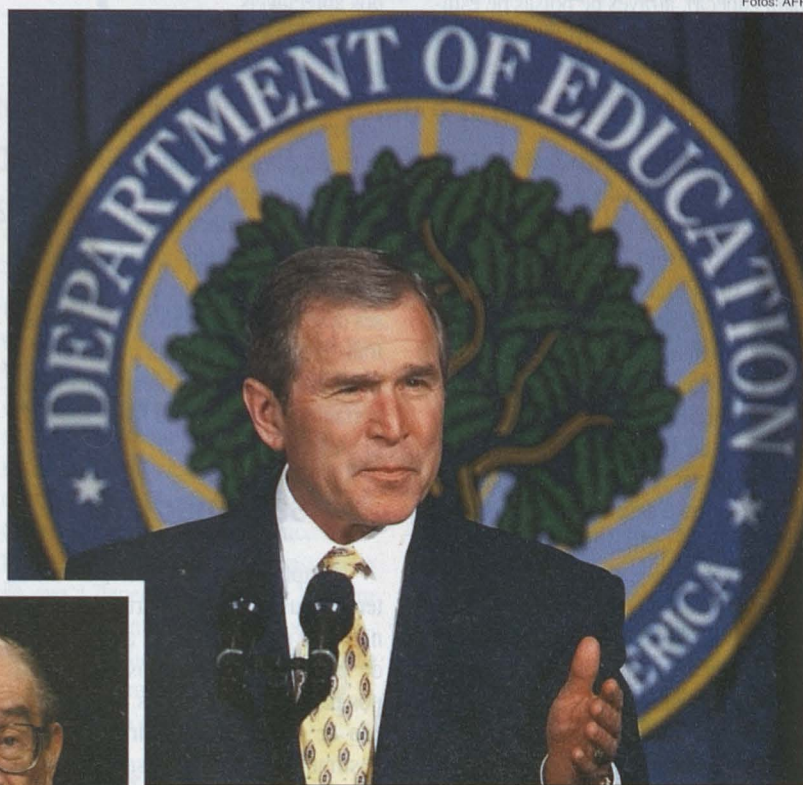
E propõe cautela no corte de impostos com que Bush acena

Na última semana de janeiro, em exposição no Congresso norte-americano, Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve Bank (FED) - o Banco Central dos Estados Unidos -, revelou que o crescimento da economia do país já se aproxima de zero. E sequer fez referência à nova redução da taxa de juros. Mas, ao admitir como correta a intenção do governo Bush de promover corte nos impostos, deu margem à interpretação dos mercados de que o FED iria baixar os juros, sem demora.

Greenspan, na verdade, manifestou-se com a prudência e a discrição que o seu cargo impõe, ao apoiar o corte pretendido pelo novo governo, embora tenha se recusado a opinar a respeito do montante de 1,6 trilhão de dólares em 10 anos, conforme intenção manifestada pelo presidente Bush. O que ele deixou claro, de fato, foi a preocupação de que haja moderação na renúncia fiscal. Sugeriu que seja distribuída entre os contribuintes e a liquidação da dívida pública do país. O corte deve ser suspenso, frisou Greenspan, quando a situação econômica voltar à normalidade.

Bill Clinton chegou a cogitar a antecipação da liquidação da dívida, de 2013 para 2007, para depois decidir qual seria a destinação do que viesse a sobrar. Provavelmente, seriam investimentos no social, na hipótese de vitória de Al Gore nas eleições presidenciais de 2000.

Levando em conta o aumento da



George Bush propõe sustentar consumo com menos impostos, mas Greenspan alerta contra excessos dos gastos em bens supérfluos

produtividade, de 1,6% para 3% ao ano, a partir da 1995, e a conseqüente expansão da economia do país, o superávit de três trilhões de dólares até 2000, somado ao excedente projetado para os sete anos subseqüentes, o resultado seria suficiente para eliminar, em 2007, a dívida pública, atualmente perto de seis trilhões de dólares. O novo orçamento incorpora a estimativa de superávit de 5,7 trilhões de dólares até 2011. Deduzidos desse montante 1,6 trilhão correspondentes ao corte de impostos, sobriam 4,1 trilhões para abater a dívida, se for esta a intenção do novo governo.

O que se espera é um novo manejo da taxa de juros (mais uma vez para baixo), pois se admite que um acréscimo de 160 bilhões de dólares por ano, na renda disponível para consumo, pouco significará como instrumento de retomada do crescimento. Nesse caso, a recessão seria inevitável, em profundidade ainda não avaliada.

Greenspan sublinhou que não convém ao governo a acumulação de ativos privados através de sistemáticos superávits fiscais elevados. Mas advertiu que isto não pode ser identificado com rompimento da disciplina fiscal observada durante o governo anterior. A eliminação da dívida pública, certamente, teria efeitos benéficos sobre as taxas de juros, mas poderia afetar interesses do mercado financeiro, até o seu ajuste a uma fase de menos seis trilhões de dólares representados em títulos do governo. ■

União Européia contesta neoliberalismo

Bons resultados econômicos na França e Alemanha

Na atual conjuntura de inquietação mundial, a área do euro se apresenta como a única no mundo capaz de amortecer os efeitos de uma possível recessão nos Estados Unidos, afirmam analistas europeus. As duas principais economias da zona do euro, Alemanha e França, dariam a garantia de um crescimento tranquilizador e compatível com a estabilidade.

Dois anos de vigência da moeda única, ambas as economias voltam a ser referência para a orientação das políticas econômicas dos demais países da União Européia (UE), a maioria liderada por governos de inspiração social-democrata. Os bons resultados de suas respectivas políticas econômicas desautorizam quantos pensam que, no atual entorno econômico dominado pela chamada "globalização", só os partidos liberal-conservadores têm a fórmula (a única) para o crescimento e o bem-estar dos povos.

No caso particular da França, questiona-se a compatibilidade entre o programa das esquerdas e as exigências de crescimento com estabilidade.

Atualmente, entretanto, a confiança dos franceses na condução da economia do país atinge o máximo dos últimos 30 anos. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) supera os 3%; o desemprego caiu de 13% para 9% da população economicamente ativa. Nos mais recentes três anos, foram criados um milhão de empregos, tudo isso sem o comprometimento das finanças públicas. A inflação, por outra parte, situa-se em índice inferior a 2%, permitindo o avanço da competitividade externa das empresas francesas.

Ainda é cedo para julgar a decisão sobre a redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais e outras iniciati-

vas de caráter social, mas há evidência empírica de que as 35 horas semanais vão dar provas definitivas do seu acerto, ainda este ano. Até agora, a medida está sendo aplicada nas grandes empresas, porém vai se estender às de pequeno porte, o que exigirá maior flexibilidade na adaptação às condições de cada ambiente de trabalho.

Espanha antecipa euro

As instituições financeiras da Espanha vão antecipar para 15 de setembro próximo - três meses e meio antes da data prevista em acordo - a introdução do euro em todas as suas transações. Busca o duplo objetivo de adiantar a familiarização dos espanhóis com a moeda da UE e facilitar a sua circulação. As primeiras cédulas, de cinco e 10 euros, serão entregues ao público em dezembro, mas não poderão ser usadas em transações no mercado de câmbio. Durante dois meses, pagamentos poderão ser efetuados indistintamente em euros ou pesetas e, no período de março a junho de 2002, as duas moedas poderão ser trocadas entre si nos bancos. Transcorrido esse prazo, as trocas de cédulas e moedas serão efetuadas no Banco de Espanha.

O acordo entre o Ministério da Economia, o Banco da Espanha, bancos privados e as instituições de poupança prevê a distribuição de 85% das cédulas de euros aos caixas automáticos, antes das festividades de Reis (6 de janeiro) de 2002. As mesmas instituições se comprometem antecipar para 15 de setembro deste ano o começo da redenominação em euros das contas correntes, cartões, operações de empréstimos hipotecários, avais e todos os tipos de créditos. Simultaneamente, diversos

acordos setoriais orientarão a conversão para euros nas faturas de serviços básicos, como os de gás e eletricidade. ■

Foto: AFP



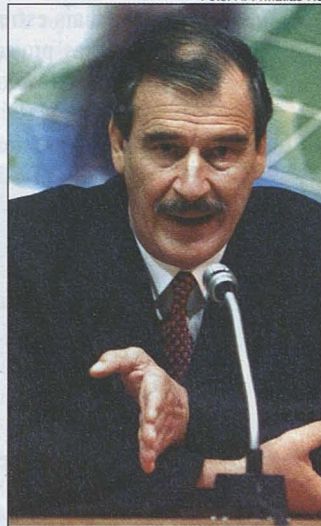
Jospin manteve linha social

México preocupado com maquiadoras

A nova política de desenvolvimento industrial e de comércio exterior do México será o eixo da política econômica do governo de Vicente Fox. Terá como base os pontos apresentados por Luiz Ernesto Derbez Bautista, no discurso de posse na Secretaria de Economia.

Derbez Bautista estabeleceu como prioridades para o desenvolvimento sustentável do país o apoio às médias, pequenas e microempresas, que, hoje, são responsáveis por 80% dos empregos em toda a economia mexicana. Além disso, buscará o aumento substancial do conteúdo nacional dos produtos das exportações e a ampliação, de 2% para 20%, no mínimo, até 2006, do uso de insumos nacionais nas indústrias denominadas de "maquiadoras". O governo porá ênfase, também, no desenvolvimento regional e nos programas destinados a superar o atraso industrial do sul-sudeste do México. ■

Foto: AFP/Matias Re



Fox, reorientando a política econômica para obter desenvolvimento menos instável

OIT aponta o desemprego do neoliberalismo

Um bilhão de trabalhadores vivem hoje as incertezas da desocupação ou dos trabalhos precários, que representam uma involução social a períodos superados, em muitos casos, na primeira metade do século XX

Relatório divulgado recentemente pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) revela que, hoje, existem um bilhão de desempregados em todo o mundo. Isto equivale a um terço da mão-de-obra existente no conjunto das economias nacionais.

Só nos últimos três anos, 20 milhões de pessoas foram expulsas dos mercados de trabalho. A tendência, afirma o documento, é de que o desemprego não terá solução de continuidade.

Para absorver os jovens que hoje pretendem trabalhar - dos quais dois terços estão na Ásia - é necessário que se criem 500 milhões de novos empregos, calcula a OIT.

No ritmo atual, o crescimento econômico não será suficiente para a expansão de um mercado de trabalho capaz de absorver a oferta de um mercado de mão-de-obra cada vez mais estreito.

Nas projeções da OIT, os novos empregos serão criados na área de tecnologia. Mas é preciso, para isso, que os países em desenvolvimento façam investimentos na melhoria da educação e na infra-estrutura de comunicações. De outra forma, não serão beneficiados pelas novas oportunidades.

Um dos autores do estudo, Duncan Campbell, adverte que a explosão na indústria de comunicações precisa ser revertida em termos de emprego. Campbell cita o Brasil como um dos países que serão beneficiados no futuro, ganhando nichos de mercado com a mistura de trabalhadores qualificados e infra-estrutura. ■

Na Indonésia 18 milhões atuam na informalidade

Os níveis de desemprego na Indonésia se elevaram logo depois da crise de 1997, atingindo 45 milhões de pessoas, segundo o Escritório Nacional de Estatísticas. Melhoraram, no entanto, durante os últimos três anos, com a redução para 18,4 milhões. A moeda do país, a rúpia, por sua vez, ganhou certa estabilidade, apesar das oscilações durante o ano passado.

A atividade econômica também emite sinais positivos, a partir do au-

mento das vendas de automóveis em 100% entre 1999 e 2000, passando pelo incremento do Produto Interno Bruto (PIB) em 3%, comparado com a contração de 13,8% em 1998, a despeito do afastamento de muitos investidores estrangeiros.

O segmento informal do mercado de trabalho já absorveu até agora 15 milhões de pessoas que, assim, encontram uma maneira de sobreviver em tempos difíceis. ■



Fotos: AFP

Os altos índices de desemprego tornaram a situação política indonésia instável, com seguidas manifestações a favor e contra o presidente Abdurrahman Wahid (primeiro plano), acusado de envolvimento em dois escândalos financeiros. Sucessor eleito, com apoio ocidental, do ex-ditador Suharto, seu eventual impedimento levará ao poder a vice, Megawati Sukarnoputri, filha do presidente Sukarno, deposto por Suharto nos anos 60 com as bênçãos do Ocidente. Na foto menor, passeata feminina pede que Wahid renuncie, em manifestação realizada no início de fevereiro na capital indonésia

Trinta anos para Venezuela superar índice de pobreza

Descaminhos passados tornaram os pobres indigentes

A pobreza que atingiu a maior parte da população da Venezuela nos últimos anos só poderá ser erradicada se o país conseguir um crescimento econômico sustentado de 6% ao ano ou mais durante as três próximas décadas. A observação consta de um estudo da Universidade Católica Andrés Bello (Ucab). "Para alcançar essa meta, serão necessários planos governamentais coordenados que englobem os diversos aspectos do problema", disse Mercedes Pulido, ex-ministra da Família e Desenvolvimento Social e atual diretora da revista *SIC*, de análise sociopolítica.

"Falamos de alimentação infantil e materna, reforço da educação básica, moradia como elemento de dignificação das condições de vida, geração de emprego para os jovens, e um sistema de assistência aos filhos de mães que trabalham", destacou Mercedes.

Maria Beatriz Orlando, pesquisadora da Ucab, disse que nas últimas duas décadas a pobreza atingiu níveis alarmantes e, embora não existam dados oficiais consolidados, calcula-se que três em quatro venezuelanos tenham sofrido uma baixa significativa na sua qualidade de vida. A população venezuelana em situação de pobreza passou de 33,5% para 67,2%, entre 1982 e 1987, enquanto 36% estavam em situação de pobreza crítica.

O presidente Hugo Chavez e altos funcionários governamentais informam que a pobreza afeta, hoje, mais de 75% da população, por isso as ações nesse campo são prioritárias para o governo, que completa dois anos em fevereiro.

"O crescimento econômico, embora seja necessário, é insuficiente para diminuir a pobreza", afirmou o coordenador do Instituto Interamericano para o Desenvolvimento Social, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Bernardo Kliksberg, que

é autor de numerosos livros sobre o tema. Kliksberg deu como exemplo o governo de Carlos Andrés Perez (1989-1993), que conseguiu taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 7% e 8%, mas a marginalidade se agravou mais ainda no país. "Agora estamos diante de uma nova pobreza, que não é outra coisa senão a desintegração das famílias que há 10 anos eram pobres", comentou o funcionário do BID.

O sociólogo Luis Pedro España, pesquisador da Ucab, assegurou que na Venezuela não se pode falar de 80% de pobreza, apoiado nos resultados de uma pesquisa nacional feita pela Universidade Católica Andrés Bello.

"Na Venezuela, 58% dos lares têm máquina de lavar; 27%, telefone, e 24% um automóvel particular. Esses percentuais representam o teto das estimativas de pobreza que se fazem a partir da renda familiar", sublinhou España. Na sua opinião, embora se esteja diante de um problema grave, seu superdimensionamento deve-se a uma conjunção de fatores, como uma economia em recessão, uma inflação ainda alta no ano passado e uma grande quantidade de trabalhadores informais com remuneração inconstante.

Sobre a situação de informalidade no emprego, Beatriz Orlando lembrou que em 1978 os trabalhadores sem vínculo empregatício representavam 32% da população economicamente ativa, enquanto que em 1999 esse percentual se elevava para 53%, segundo dados oficiais.

Para Pulido, esta situação gerou entre os jovens pobres um padrão de comportamento, pode-se dizer assim, irresponsável: por não terem parentes ou vizinhos formalmente empregados, não têm uma referência do que significa um trabalho com horário, regras e garantias. ■

Índia quer exportar 50 bi em softwares

A Índia registrou mais de quatro bilhões de dólares em exportações de *softwares* (programas para computadores) no ano passado. Quer crescer ano a ano e projeta para 2008 uma receita de 50 bilhões de dólares produzida só por esse item do setor de informática.

As reservas cambiais do país aumentaram de 10,2 bilhões, em 1993, para 32,6 bilhões de dólares em 2000. O feito recebeu elogios do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, que exaltou o êxito indiano na tecnologia da informação, da qual depende o futuro das nações, mesmo porque não exige grandes investimentos e possibilita aos países pobres "queimar" algumas etapas dolorosas do desenvolvimento.

País com graves contrastes sociais - muitos oriundos de 500 anos de colonialismo - e com uma superpopulação que já ultrapassa o bilhão de pessoas, a Índia, contudo, tem sabido definir planejamentos sob a ótica de seu interesse nacional. Esta linha transparece, entre outros aspectos, na adoção - apesar das pressões dos países ricos - de firmes políticas de Ciência e Tecnologia, que a tornaram uma potência atômica, implantaram núcleos avançados de pesquisa em diversos setores, como Informática - gerando já uma indústria de *softwares* - e a lançaram na pesquisa espacial, colocando seus próprios satélites em órbita. ■

Primeiro-Ministro Atal Vajpayee: caminho indiano

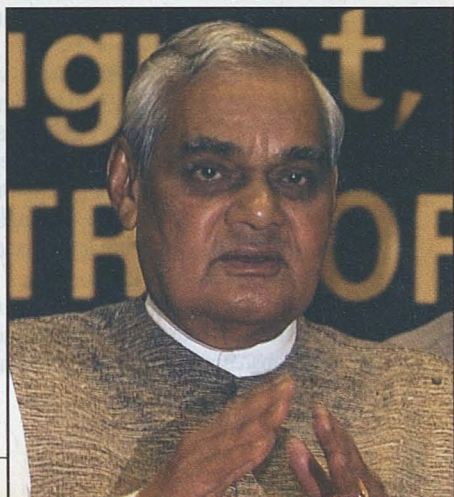
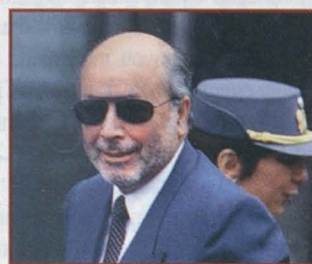


Foto: AFP

Fotos: AFP



Ana González (E) e Joan Jara (D), viúva do compositor Victor Jara, assassinado durante o golpe militar de 1973, cumprimentam-se durante ato político em Santiago, no dia 30 de janeiro, quando os setores democráticos celebraram a decisão do juiz Juan Guzmán (foto à dir.) de responsabilizar Augusto Pinochet pelos crimes da Caravana da Morte. No mesmo dia, fãs de Pinochet e do regime militar fizeram um comício de apoio ao ex-ditador, em frente a sua quinta de Los Baldos

Chile

Juiz incrimina Pinochet por mortes

O assassinato de 75 pessoas nos dias subsequentes ao golpe de 1973 vai custar o julgamento do ex-ditador Augusto Pinochet, considerado o principal responsável pelos crimes por ter liderado o golpe contra o presidente Salvador Allende e autorizado a caça aos inimigos do novo regime.

Aos 85 anos, o ex-ditador vinha conseguindo escapar da Justiça, como no caso do processo aberto pelo juiz espanhol Baltazar Garzón, o que manteve o militar e senador vitalício em prisão domiciliar por vários meses na Inglaterra, até que o governo britânico decidisse impedir sua extradição.

A chamada Mesa de Diálogo, estabelecida no Chile para esclarecer mortes e desaparecimentos, divulgou, semanas

atrás, um relatório considerado insuficiente, pela recusa dos militares em liberar todos os arquivos. A Caravana da Morte, porém, confirmou-se como o ponto fraco que faltava para que a Justiça do próprio país incriminasse o ditador aposentado.

Lideranças militares têm se pronunciado a favor de uma espécie de clemência indireta para Pinochet, alegando sua idade avançada e uma suposta saúde frágil. O juiz Juan Guzmán, porém, está decidido a levar o caso à frente, inclusive motivado pelos seguidos desacatos do general às ordens judiciais.

A sociedade chilena continua dividida, uma vez que os partidários do pinochetismo se mostram mobilizados e fazem constantes manifestações de apoio pelo antigo regime e seus líderes. ■

América Latina

Fechada a escola de ditadores

O Exército norte-americano anunciou o fechamento da Escola das Américas, situada em Fort Benning (Georgia). Trata-se de uma instituição de ensino militar dos Estados Unidos que durante os seus 54 anos de existência destacou-se pela formação de vários dos mais truculentos ditadores da América Latina.

Por ela passaram os generais argentinos Roberto Viola e Leopoldo Galtieri, o ex-ditador panamenho Manuel Noriega, o atual presidente da Bolívia, Hugo Banzer, e militares sul-americanos em geral, que receberam treinamento antiguerrilha e de combate ao terrorismo. Denúncias de organizações humanitárias dão conta de que oficiais acusados de terem participado de violações sistemáticas dos direitos humanos em países sul-americanos também fizeram cursos na Escola das Américas.

O fechamento da instituição, na versão comovida do secretário americano do Exército, Louis Caldera, "foi uma decisão muito difícil". Afinal, "desde sua criação", lembrou o secretário, "a escola foi de uma contribuição fundamental para o êxito da política externa dos EUA na América Latina".

Mais de 60 mil estudantes de 21 países receberam treinamento em língua espanhola.

No começo de 1997, o Pentágono absolveu os oficiais envolvidos na preparação de um manual que recomendava a tortura psicológica e até mesmo a eliminação física de prisioneiros suspeitos de atividades subversivas, durante os interrogatórios destinados à obtenção de informações sobre ações de comunistas, em nome da segurança nacional dos países governados por ditadores. O manual foi usado em aulas nos anos 80. Falta de provas de violação deliberada das políticas do Pentágono foi o pretexto que justificou a absolvição. ■

Cuba

Migrações, conflito à vista

Os acordos de migração entre Cuba e Estados Unidos voltam a ser o centro do conflito entre os dois países com a chegada de George W. Bush à Casa Branca. Analistas independentes estimam que o tema das migrações poderá pôr o novo presidente diante de uma decisão difícil, uma vez que os acordos, firmados em 1994 e 1995, sofrem a oposição aberta dos exilados cubanos. Estes, concentrados na Flórida, exerceram grande influência no resultado das eleições presidenciais, atuando por Bush. Mas uma ruptura dos acordos e o começo de um acirramento das relações bilaterais poderiam provocar êxodos em massa de cubanos da ilha, carregando séria ameaça à segurança nacional dos EUA. O governo cubano advertiu que não dará pretextos para gerar uma crise capaz de pôr em jogo a soberania do país e garantiu que atuará "com inteligência e realismo".

"As sanções norte-americanas contra Cuba vão continuar, enquanto o presidente Fidel Castro estiver no poder", declarou o vice-presidente dos Estados



Estudantes de escolas militares fazem passeata em Havana, protestando contra novas pressões norte-americanas contra a ilha. Por sua opção revolucionária, Cuba sofre boicote por parte dos Estados Unidos há 40 anos e o governo de Bush nada mudará

Unidos, Richard Cheney. Ele afirmou, no entanto, que EUA e Cuba poderão estabelecer uma relação amigável, mas somente se o governo Fidel Castro chegar ao fim.

"Não acredito que haja alguma perspectiva de que seja levantado o embargo, enquanto Fidel Castro estiver lá", disse o vice-presidente norte-americano. E acrescentou: "O fato é que o problema de Cuba continua sendo a falta de liberdade e de eleições livres."

Os comentários de Cheney foram feitos após Fidel ter dito, perante mais de 300.000 cubanos, em manifestação no centro de Havana, que "Cuba não lançará a primeira pedra contra o novo presidente dos EUA, George W. Bush". Dias antes, Castro dissera que esperava que Bush não fosse tão estúpido, nem tão mafioso quanto parecia. As sanções contra Cuba, impostas há 40 anos, foram levemente atenuadas durante a administração de Bill Clinton. ■



O terremoto de 13 de janeiro em El Salvador deixou extensos prejuízos materiais e perdas humanas, gerando um movimento de solidariedade internacional, que se consuma no envio de alimentos, roupas e remédios, além de dinheiro. Duas semanas após o abalo, porém, muitos desabrigados promoveram este protesto em frente ao Comitê de Emergência Nacional, na capital, e denunciaram que a ajuda humanitária não está sendo distribuída na medida das necessidades. Os manifestantes estão abrigados em acomodações provisórias, pois perderam as casas, derrubadas pelo terremoto

Colômbia

Pastrana pede apoio europeu para a paz

A diplomacia da Colômbia vai se concentrar, este ano, na exortação a políticos e empresários europeus para que apoiem o plano de paz e recuperação econômica lançado pelo governo colombiano, anunciou, em Paris, o presidente Andrés Pastrana. Ao voltar a Bogotá, ele revelou o seu empenho pessoal em analisar detidamente a interrupção do diálogo com as Forças Armadas Revolucionárias

no estão consagrados a aspectos militares. Os 80% restantes têm objetivos sociais e civis", garantiu Pastrana.

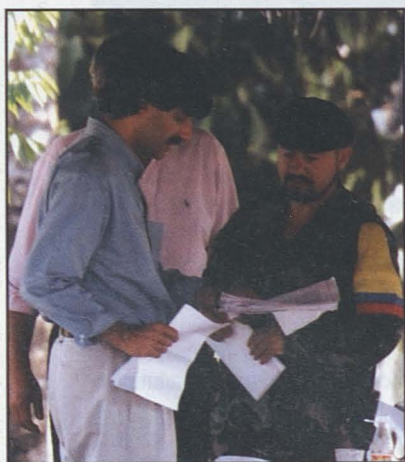
O presidente da Colômbia fez um apelo a Manoel Marulanda para que volte à mesa de conversações, obtendo resposta positiva por parte do líder guerrilheiro. Ao interromper as negociações no ano passado, Marulanda criticou a falta de empenho do governo.

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, na mensagem de Ano Novo dirigida ao povo, revelaram-se otimistas quanto à possibilidade de saídas políticas da crise nacional.

A guerrilha reiterou, contudo, que os desafios para o país neste ano de 2001 passam, em primeiro lugar, pela defesa da soberania nacional violada pelo "imperialista Plano Colômbia" e pelas imposições neoliberais do Fundo Monetário Internacional (FMI) e, em segundo lugar, pelo desmascaramento e derrota do terrorismo do Estado, que, através da guerra suja paramilitar, procura intimidar o povo, arrebatar-lhe as conquistas e afastá-lo das lutas democráticas por melhores condições de vida.

A mensagem lembra que o diálogo entre as Farc e o Ministério do Interior não produziu os resultados esperados, uma vez que os paramilitares insistem nas ações de massacre de camponeses inocentes.

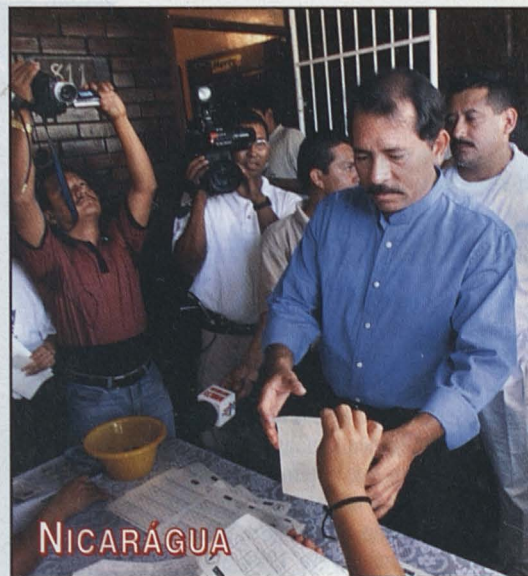
Por fim, "convoca o povo para perseguir a alternativa política do Movimento Bolivariano, a fim de continuar fortalecendo as bases da Nova Colômbia, digna, soberana e com justiça social". ■



O diálogo recomeçará, embora cercado de problemas cada vez maiores, devido ao Plano Colômbia patrocinado pelos EUA. Na foto de 29 de janeiro, Manuel Uribe (E), negociador do governo, troca idéias com o representante da guerrilha, comandante Carlos Alberto Lozada (D), em Caquetá

da Colômbia (Farc), depois de haver tentado desfazer o ceticismo dos franceses sobre o Plano Colômbia.

"Tenho a impressão de que os europeus vêem o plano como exclusivamente militarista e dominado pelos Estados Unidos. Esta percepção não corresponde à realidade: apenas 20% do pla-



O ex-presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, vota na Consulta Popular, da qual saiu escolhido como candidato da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) para concorrer à Presidência do país, nas eleições que serão realizadas em novembro. Ortega, um dos líderes da Revolução Sandinista, que tomou o país em 1979, disputará eleições presidenciais pela quarta vez. A indicação de Ortega deve provocar uma disputa acirrada, pois o candidato do Partido Liberal Constitucionalista, do presidente Arnoldo Aleman, deve ser Enrique Bolanos, um dos maiores aliados dos norte-americanos na luta contra o governo sandinista na década de 80



Jornalistas realizaram, no final de janeiro, um protesto contra a impunidade, em manifestação em frente à Suprema Corte, em Assunção. Pedem apuração rigorosa do caso e julgamento dos responsáveis pelo assassinato do jornalista Salvador Medina, no início de janeiro, na cidade de Capiibari, a 200km da capital paraguaia. Segundo o representante da Sociedade Interamericana de Imprensa, Jorge Elias, o jornalista foi morto por estar fazendo denúncias, em programas de rádio, contra o crime organizado que atua no Paraguai



O cauteloso processo de entendimento entre as Coreias registrou um encontro no âmbito militar, no final de janeiro. Delegações sul (E) e norte-coreanas (D) debateram, na fronteira, como normalizar o fluxo ferroviário e rodoviário

Coreia

Aproximação de famílias avança

Autoridades da Cruz Vermelha das duas Coreias começaram a negociar a retomada dos planos de reunião das famílias divididas pelos 50 anos de enfrentamentos entre as duas partes. "A delegação da Coreia do Sul deve discutir um acordo para criar um local de encontro permanente para as famílias, assim como para permitir que elas troquem informações", disse Park Hyung-joon, porta-voz da instituição.

Um acordo já se mostrou difícil nas duas rodadas de negociações rea-

lizadas no ano passado, e esse encontro só se tornou possível depois de ter a Coreia do Sul demitido o presidente da Cruz Vermelha, por declarações consideradas ofensivas pelo governo norte-coreano.

Chang Choong-shik deixou o posto de presidente da Cruz Vermelha Nacional sul-coreana no final do ano passado, depois de ter classificado o país vizinho como uma sociedade muito fechada. O incidente chamou a atenção para as dificuldades que ainda existem, no processo de aproximação entre as duas Coreias. ■

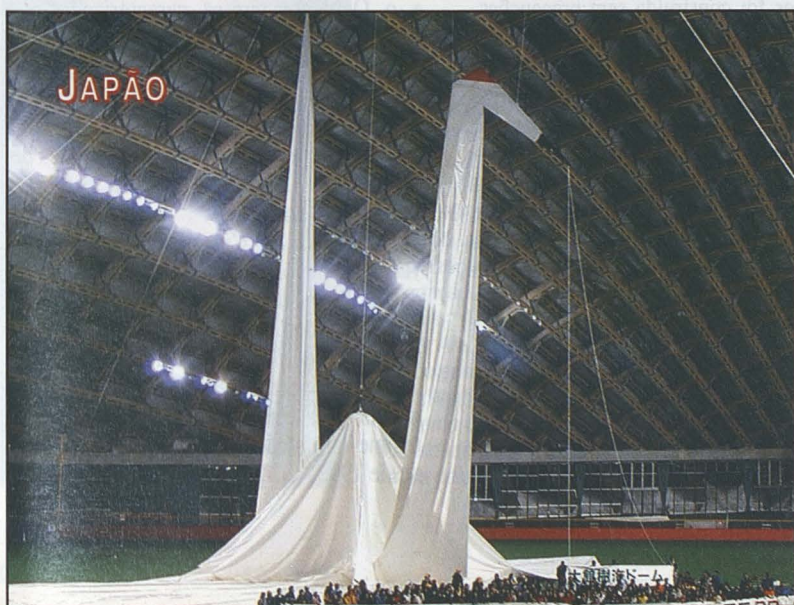
Paquistão

O drama da volta

Envolvido na guerra do Afeganistão ao lado dos interesses norte-americanos contra a presença de tropas soviéticas que então davam sustentação ao regime comunista de Cabul, o Paquistão funcionava como retaguarda para a guerrilha islâmica afegã. Como consequência, acumulou, nos últimos 22 anos, enorme população de refugiados do vizinho país. Mas o fim do regime comunista de Cabul, a saída dos soviéticos há mais de dez anos e ascensão do regime fundamentalista dos talibãs não cessou o fluxo de deslocados, devido à continuação da guerra afegã, da qual o governo paquistanês parece querer se afastar de vez.

Por isso, fechou as fronteiras, de 2,2 mil quilômetros de extensão, e começou a deportar os refugiados que não estejam em condições legais no país. Centenas deles foram presos e levados à cidade fronteiriça de Torkham, no final de janeiro, e de lá obrigados a entrar de volta no Afeganistão. Calcula-se que haja 2,5 milhões de afegãos no Paquistão, dos quais 300 mil são clandestinos. Destes, 150 mil entraram nos últimos quatro meses, comprovando a gravidade da situação no país dirigido pelos talibãs.

O governo paquistanês criou campos de refugiados, o maior dos quais é o de Jalosai, com 70 mil pessoas. ■



País com uma invejável parcela de aposentados tranquilos, mas necessitados de atividades, como viajar pelo mundo ou criar autodesafios, o Japão voltou ao topo do Livro de Recordes Guinness: os pacatos cidadãos da cidade de Odate produziram um origami gigante, com braços de 78,19 metros de altura. Foi a forma que encontraram de recuperar para o Japão a supremacia numa arte tipicamente nacional, uma vez que o recorde se encontrava em poder de outros felizes aposentados de Primeiro Mundo, mas precisamente norte-americanos, que fizeram um origami de 65,74 metros, dois anos atrás



O presidente iraniano Mohamd Khatami dá início às celebrações pelo 22º aniversário da Revolução Islâmica, no dia 30 de janeiro. Durante dez dias, o país lembrou o evento de 1979. Khatami, ao centro, tem à sua esquerda Hassan, neto do aiatolá Ruhollah Khomeini, líder da revolução, e à direita os ministros do Interior, Ali Yunesi, e da Inteligência, Mussavi Lari. Oram diante do túmulo do aiatolá Soltani Tabatabai Borujerdi, que fica próximo ao mausoléu de Khomeini

Índia

Terremoto mata milhares

A pesar da frequência de pequenos tremores de terra no estado de Gujarat e em particular na cidade de Kutch, epicentro do terremoto que matou mais de 20 mil pessoas em 26 de janeiro, as autoridades indianas não haviam realizado esforço algum para que os construtores cumpram normas de segurança. Os governos locais teriam sido negligentes, o que resultou em inúmeros desabamentos. O tremor de 7,9 graus na escala Richter foi o pior do país nos últimos 50 anos e pôde ser sentido também no Paquistão, em Bangladesh e no Nepal.

Unnikrishnan, especialista em assistência humanitária em desastres naturais e que trabalha para a organi-

zação não-governamental Oxfam Internacional, diz que o Plano de Ações de Contingência Anticalamidades do governo enfatiza mais a assistência do que as medidas preventivas para reduzir a magnitude destes danos. Mas, dada a proporção do tremor de janeiro, até mesmo o trabalho assistencial do governo foi criticado.

O estado de Gujarat é uma das regiões do país com maior atividade sísmica. Entretanto, a maioria dos edifícios foi construída sem precauções, o que pôs abaixo em especial os prédios mais modernos. "Os construtores, com a cumplicidade de funcionários públicos, descartaram as normas de segurança", acusou em editorial o jornal *Hindu*, principal diário de circulação nacional. "Ainda não dispomos de plano governamental adequado para enfrentar desastres naturais, embora mais de 50 milhões de indianos sejam afetados a cada ano", complementou.

Uma semana após o tremor, os sobreviventes enfrentavam problemas de saúde provocados pela falta de água potável, com risco de ocorrência de epidemias, como cólera e tifo. ■



Myanma

Início de diálogo

O governo militar do Myanma (antiga Birmânia) cedeu às pressões internacionais e agora estabelece contatos com ativistas defensores da abertura. "Este é um fato histórico depois de 12 anos de lutas, o sinal mais positivo desde as eleições gerais de 1990", afirmou a Frente Democrática de Todos os Estudantes da Birmânia (ABDSF), em entrevista à imprensa. O enviado especial da Organização das Nações Unidas (ONU), o malaio Razali Ismail, ao encerrar a sua missão de cinco dias em Rangun, revelou que Suu Kyi, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 1991, havia feito contatos com integrantes do regime, que segue linha socialista.

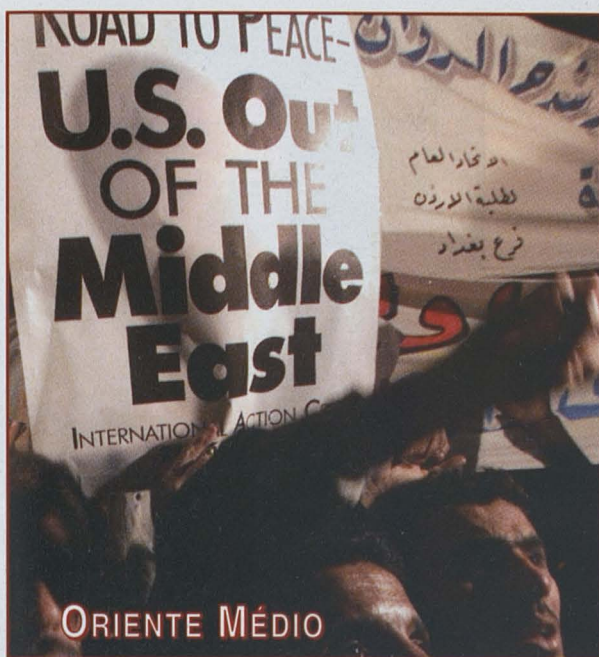
A filha do herói anticolonialista Aug San e líder da Liga Nacional Pró-Democracia (LND) já iniciou consultas preliminares junto aos militares, para nova reunião, segundo fontes diplomáticas ocidentais.

Estes contatos entre Suu Kyi e os militares, os primeiros em sete anos, têm o objetivo de alcançar um acordo sobre a natureza das futuras negociações e são interpretados como um significativo passo no sentido da conquista da democracia pelo povo do Myanma.

Kuala Lumpur desempenhou importante papel na incorporação da Birmânia à Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean), em 1997, apesar da oposição do Ocidente e das reservas das demais nações do grupo.

Desde então, as relações entre a Asean e o Ocidente têm-se caracterizado por momentos de tensão. O bloco é acusado de dar sustentação ao regime de Rangun, estimulando os investimentos na Birmânia, principalmente procedentes da Malásia, cujas empresas canalizaram 587 milhões de dólares para 25 projetos naquele país, nos últimos 12 anos.

Empresas de Cingapura são responsáveis pelo maior volume de recursos aplicados na Birmânia, seguidas de grupos ingleses e tailandeses. Em quarto lugar ficam as empresas da Malásia. Os ativistas, com o apoio do Ocidente, se opõem a tais investimentos, por entenderem que fortalecem o regime militar de Than Shué, que governa desde 1992. ■



ORIENTE MÉDIO

Enquanto se aguçavam os confrontos entre palestinos e israelenses e previa-se a vitória do radical Ariel Sharon nas eleições judaicas, a diplomacia árabe movimentava-se com agilidade na última semana de janeiro. Ao lado, a reconciliação entre sauditas e palestinos na Tunísia: o príncipe Nayef bin Abdel Aziz, ministro do Interior de seu país, aperta as mãos do ministro da Justiça palestino, Freih Abu Middein, à sua esquerda, e do ministro do Interior sírio Mohamed Harba, à sua direita. A delegação saudita assinou declaração de apoio à Intifada. Acima, à direita, o primeiro-ministro sírio Mohammad Mustafa Miro recebe em Damasco o vice-presidente do Iraque, Taha Yassin Ramadan; o ministro do Comércio, Mahdi Saleh, e o chanceler Mohammad Said al-Sahhaf, no dia 29 de janeiro, quando acertaram a zona de livre comércio entre os dois países, semelhante à que foi acertada dez dias antes entre Iraque e Egito. Na foto maior, protestos contra o embargo e os Estados Unidos, em frente aos escritórios da ONU, em Bagdá



LÍBANO

O ex-presidente libanês Charles Helou morreu no dia 7 de janeiro, aos 88 anos de idade. Helou exerceu a Presidência entre 1964 e 1970. Em 1969, permitiu a Organização de Libertação da Palestina (OLP), de Yasser Arafat, estabelecer-se em áreas libanesas, num momento de grandes dificuldades para a causa palestina

África

Tragédia dos deportados

As autoridades de Burkina Faso temem uma catástrofe humana, se continuar a volta massiva de pessoas que escapam da repressão patrocinada pelo governo da Costa do Marfim nas últimas semanas, quando chegaram a Burkina cerca de três mil repatriados em cada um dos trens que procedem daquele país. Semanalmente, cerca de 50 ônibus também conduzem vítimas da repressão, segundo a Comissão de Ajuda Nacional de Emergência e Reabilitação (Conasur). Calcula-se que a população de Burkina possa aumentar em 300 mil pessoas, se persistir o atual fluxo - disse o secretário permanente da Conasur, Jamano Lompo.

O governo da Costa do Marfim disse que a tentativa de golpe de Estado no país, dia 7 de janeiro último, foi organizada por agentes de "uma potência estrangeira", numa alusão a Burkina Faso. Tal versão, segundo Lompo, seria a justificativa para intimidações e deportações dos imigrantes burquinenses. ■

Alemanha Partido Nazista será extinto

O governo da Alemanha vai abrir um processo de extinção do Partido Nacional Democrático (NPD), radical de direita, junto ao Tribunal Federal Constitucional, em Karlsruhe.

As câmaras baixa (Bundestag) e alta (Bundesrat), com o mesmo objetivo, ainda precisam de algumas semanas para aprontar os seus requerimentos. O NPD é acusado de envolvimento em ações de violência, movidas por xenofobia, racismo e anti-semitismo.

Na avaliação do ministro do Interior, Otto Schilly, filiado ao Partido Social Democrático (SPD), o governo dispõe de material suficiente para provar a semelhança do NPD com o antigo Partido Nazista.

O processo deverá durar um ano e, se confirmadas as previsões mais otimistas da coalisão governamental social-democrata e verde, o NPD será o terceiro partido

extinto pela Justiça na Alemanha pós-guerra. Antes foram um comunista e outro de extrema-direita à imagem e semelhança do partido de Adolf Hitler.

Assim como grande parte da oposição, a secretária do Interior, Cornelia Sonntag-Wolfgang, mostrou-se temerosa de um eventual fracasso da tentativa de extinção do NPD na corte constitucional. Uma derrota equivaleria a garantir um atestado de boa conduta à agremiação neonazista, correspondendo a sua legitimização.

O NPD não é, quantitativamente, o maior entre os três partidos de extrema-direita da Alemanha, mas, segundo os serviços secretos e muitos políticos, representa perigo maior para a segurança nacional e denigre mais a imagem do país do que os seus congêneres União do Povo Alemão e Partido Republicano. ■



O ministro da Defesa da Alemanha, Rudolf Scharping, quando se preparava para uma sabatina na Comissão de Defesa do Parlamento, em Berlim, em 29 de janeiro.

Scharping propõe fechar 59 bases militares no país, como parte do esforço para reduzir as despesas públicas. O ministro quer também diminuir em 28 mil homens o efetivo das Forças Armadas alemãs, baixando-as de 310 mil para 282 mil soldados

Iugoslávia Solução em Kosovo

O presidente da Iugoslávia, Vojislav Kostunica, declarou que está preocupado com a crescente onda de violência no sul da Sérvia e prometeu aumentar os esforços políticos e diplomáticos do governo para detê-la. Kostunica defende "uma solução mais radical" para diminuir a tensão na região, mas sem que isto signifique o uso da violência.

Uma das medidas poderia ser a limitação da zona de transição que mantém o Exército iugoslavo e a polícia sérvia a cinco quilômetros de distância da fronteira com a província de Kosovo, admitiu o presidente em entrevista à imprensa.

"A distância de cinco quilômetros é muito grande", observou Kostunica, acrescentando que ela permite às guerrilhas de origem albanesa da província ameaçarem as linhas de comunicação e de tráfego na área. ■

União Européia Solana pede diplomacia forte

A política externa da União Européia (EU) se converteu em "um exercício burocrático, uma verdadeira árvore de Natal" que nada acrescenta em eficácia real e na qual torna-se difícil distinguir as prioridades de questões secundárias.

A crítica está contida em documento elaborado pelo representante para a Política Exterior e de Segurança Comum da UE, Javier Solana, e encaminhado aos ministros das Relações Exteriores dos 15 países que compõem o bloco europeu.

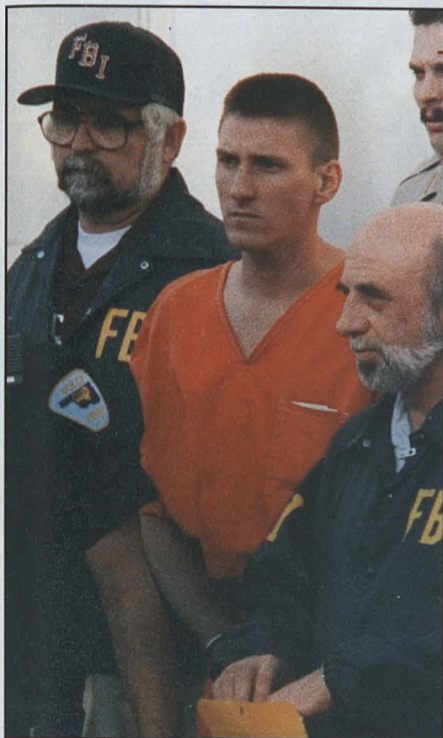
No documento, Solana pede aos destinatários uma reflexão em torno do caminho que a Europa vem seguindo para concretizar uma polí-

tica externa comum e sobre os métodos de trabalho que Bruxelas e os governos dos 15 têm adotado até agora. Insiste na necessidade de que os documentos sobre estratégias externas não sejam difundidos e se mantenham como material de "uso interno", o que acendeu uma polêmica entre os ministros.

A estratégia vigente até aqui, destaca Solana, ainda não contribuiu para que a EU seja mais forte e eficaz em assuntos internacionais. Por fim, cita o exemplo da Chechênia, onde, a seu ver, a Europa empreendeu uma ação absolutamente ineficaz, uma vez que divulgava sempre os documentos em que descrevia sua estratégia. ■

Gente

Fotos: AFP



Timothy McVeigh, de 27 anos, que na foto aparece rodeado de agentes do FBI, será executado em 16 de maio com uma injeção letal, na penitenciária de Terre Haute, no estado norte-americano de Indiana. Militante de grupos neonazistas, McVeigh foi condenado pelo atentado a bomba de 19 de abril de 1995 contra o prédio Alfred P. Murrah, do governo dos Estados Unidos, na cidade de Oklahoma, que deixou centenas de mortos e milhares de feridos. Ele pediu aos advogados que não entrassem com nenhum recurso para adiar a aplicação da sentença



Renate Kuenast, líder do Partido Verde (foto), é a nova ministra da Agricultura da Alemanha. Ela substituiu Karl Heinz Funke, forçado a renunciar pelo escândalo provocado pelo mal da vaca louca

A ex-presidente da Sérvia Bósnia, Biljana Plavsic (esq.), que aparece na foto junto a uma guarda de segurança da ONU, começou a ser julgada, em janeiro, na cidade de Haia, pelo Tribunal de Crimes de Guerra da Iugoslávia. Plavsic é a primeira mulher a ser indiciada e a segunda dirigente do antigo governo da Sérvia Bósnia a ser julgada em Haia. Ela alegou ser inocente de todos os crimes de que é acusada, que incluem genocídio



Estela de Carloto, presidente da organização Avós da Praça de Maio, posa, na sede da entidade em Buenos Aires, Argentina, diante das fotos de desaparecidos e de crianças nascidas nos cárceres. O governo argentino aderiu à campanha para indicar a entidade humanitária ao prêmio Nobel da Paz



A nova chefe de Estado das Filipinas, Gloria Arroyo, que, por ser vice-presidente do país, assumiu o governo depois da renúncia de Joseph Estrada, seu adversário político, rendeu uma homenagem às Forças Armadas e à polícia pelo seu papel de respeito à Constituição. Durante a revolta popular, que culminou com a queda de Estrada, milhares de manifestantes saíram às ruas exigindo a sua renúncia, inconformados com a corrupção no governo. O chefe nacional da Polícia, general Leandro Mendoza, escuta as palavras de Arroyo







Jovens oficiais visitam todos os dias o Mausoléu de Hô Chi Minh, para reverenciar a memória do maior herói da história contemporânea do país

Destruído por 30 anos de guerras contra potências ocidentais, o país se recupera social e economicamente, mas ainda convive, nos seus campos, com minas e bombas norte-americanas que não explodiram.

O Vietnã tem a história marcada pela coragem ante os contatos agressivos de dominadores externos, mas os vietnamitas se dizem livres de ódio e ensaiam passos para uma abertura que lhes apóie o desenvolvimento, sem subordinação

Texto e fotos: Edouard Bailby

O Vietnã renasce

DEZ DA MANHÃ. PROCURO ATRAVESSAR A PÉ A AVENIDA DINH TIEN HOANG, no centro de Hanói, para passear às margens do romântico lago Hoan Kiem. Um inferno. Milhares de pequenas motocicletas e taximotos correm sem parar, indo para a esquerda ou para a direita, evitando os carros que ainda são poucos ou os pedestres que se atrevem a atravessar a passos lentos. As buzinas incessantes misturam-se com o ruído seco dos motores. Terminarei por caminhar duzentos metros, antes de achar um semáforo e passar para o outro lado.

O dia inteiro as ruas da capital do Vietnã oferecem o espetáculo de uma corrida ininterrupta de motocicletas que só termina por volta da meia-noite. Velhos, jovens, casais com um ou dois filhos, às vezes um neném nos braços da mãe, percorrem a cidade inteira a 30 ou 40 quilômetros por hora. Parecem bólidos. As máquinas mais caras são as japonesas (dois mil dólares), e as mais baratas as chinesas (mil dólares), de qualidade inferior.

Nessa correria louca, nenhum atropelamento, nenhum palavrão. Os vietnamitas são calmos e bem-educados, param sem dizer uma palavra, quando alguém aparece de repente na sua frente.

A importação massiva de motocicletas do Japão e da China Popular começou há pouco mais de um ano, substituindo rapidamente as bicicletas, que até então eram o único meio de locomoção. Como os ônibus urbanos são raros e os carros particulares mais raros ainda, as motos já fazem parte da vida quotidiana. Servem para tudo. Nas estradas, a 100km de Hanói, vi como os camponeses carregam legumes, frutas, peixes, galinhas, porcos vivos, sacos de arroz, pedaços de madeira, tudo enfim que cabe na parte traseira da máquina. Pode-se falar numa verdadeira revolução dos costumes, que deixa entrever uma explosão econômica nos próximos anos.

A guerra norte-americana

A República Socialista do Vietnã é um dos cinco países do mundo - com Cuba, China Popular, Coreia do Norte e Laos - que ainda tem um regime político de inspiração marxista.

Quando a guerra chegou ao seu fim, primeiro contra o exército colonial da França (1945-1954), derrotado na batalha de Diên Biên Phu, e, posteriormente, contra os Estados Unidos, em abril de 1975, o país se encontrava dividido em duas partes, que só puderam ser reunificadas um ano depois da vitória final.

O preço pago pela independência, após trinta anos de luta armada sob a liderança de Hô Chi Minh, foi altíssimo: três milhões de mortos, centenas de milhares de pessoas feridas ou aleijadas, 20 mil km² de florestas totalmente queimadas pelo tristemente célebre agente laranja dos Estados Unidos, três cidades totalmente arrasadas, três mil escolas, 15 universidades, 491 igrejas e 350 pagodes, principalmente no Vietnã do Norte, reduzidos a cinzas.

Para cortar os meios de comunicação dos patriotas vietnamitas, as forças norte-americanas destruíram estradas, pontes, ferrovias e instalações portuárias. Em 1972, o porto de Haiphong foi



Foto: AFP

O Vietnã e o vietnamita: o equilíbrio impensável, na imagem do contraste da beleza com a lentidão vacilante da velha bicicleta, numa rua do país que alcançou a vitória impossível

Museu da Revolução

O *museu da Revolução*, em Hanói, apresenta um panorama histórico completo da revolução vietnamita. A sua visita é indispensável para compreender como o país conseguiu vencer duas potências: a França e os Estados Unidos. Na entrada, um quadro resume, da seguinte maneira, a classificação dos documentos exibidos:

Três períodos

- 1) A luta pela independência (1858-1945)
- 2) Os 30 anos de resistência contra os invasores estrangeiros (1945-1975)
- 3) O Vietnã independente

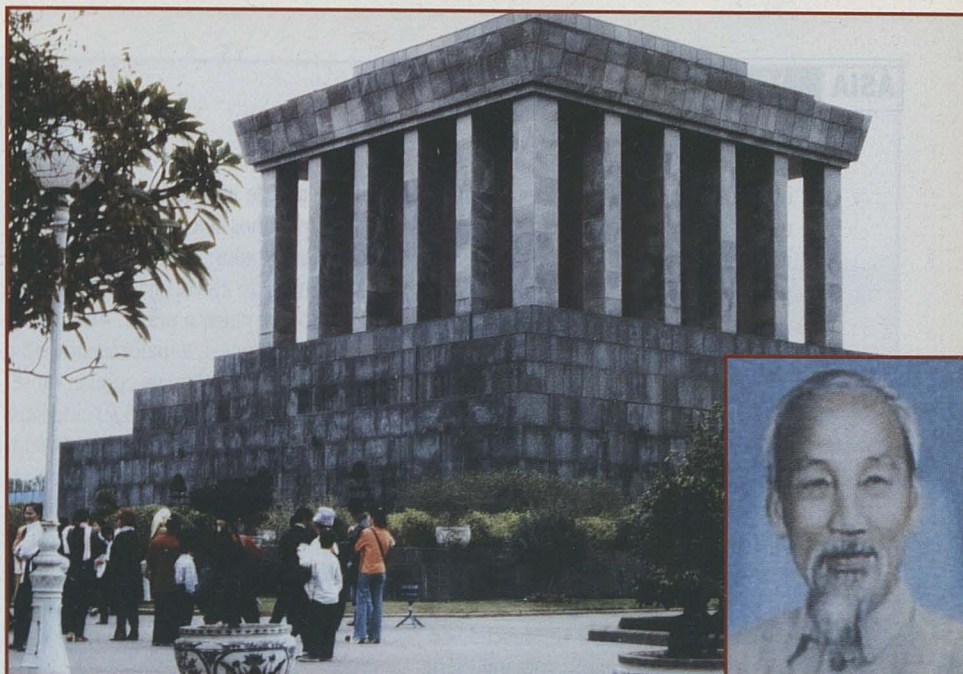


Foto: AFP

Na guerra do dia-a-dia, flagrante da massa humana que movimenta o centro de Hanói, sobretudo em bicicletas e motos, estas cada vez mais presentes com a importação das produzidas no Japão e na China. O Vietnã está renovando a economia e segue a via chinesa de construir uma economia de mercado com orientação socialista. No alto, o Mausoléu de Hô Chi Minh, um centro de peregrinação e inspiração dos ideais nacionais

submetido a contínuos bombardeios, que fizeram milhares de vítimas, na tentativa de impedir o desembarque de armas soviéticas e chinesas. Em dezembro daquele ano, 90 fortalezas-voadoras B-52 largaram bombas sem parar, durante doze dias, sobre os subúrbios de Hanói, mas evitando o centro, onde estavam encarcerados pilotos da força aérea agressora. Malgrado esse terror terrestre, aéreo e marítimo, o "paisinho de merda", como disse, em 1964, o presidente Lyndon Johnson, conseguiu vencer a maior potência do mundo, obrigando os últimos civis e militares a fugir de helicóptero da embaixada dos Estados Unidos em Saigon, hoje Hô Chi Minh, no dia 30 de abril de 1975.

Dói mói, a renovação

Vitorioso, o governo de Hanói começou por mandar para os "campos de reeducação" milhares de militares, policiais, funcionários públicos e adversários ideológicos, que tinham colaborado com a ditadura de Saigon e com os Es-

tados Unidos. Ainda hoje, o regime não deixa muito espaço de liberdade aos dissidentes mais ativos.

O fundamental, no entanto, era reerguer o país. Em 1986, um passo decisivo foi dado com a implantação da política do *dói mói* (renovação), que deu início ao aparecimento progressivo de empresas privadas. Desde então, o Vietnã está praticando oficialmente a "economia de mercado com orientação so-

cialista". No início de 2000, novo decreto abriu o país ao capital de fora, com a criação de empresas com 100% de capital estrangeiro. Encorajados, japoneses, chineses e singapurianos aproveitaram logo a reforma para investir no Vietnã, seguidos posteriormente pelos norte-americanos, que têm, por sinal, uma sucursal do Citibank em Hanói. Antigos colonizadores da Indochina durante mais de 80 anos, os franceses já estão

investindo no poderoso setor bancário, na indústria agroalimentar (Danone), na indústria farmacêutica (Rhône-Poulenc) e nas telecomunicações (France Telecom). Em Hô Chi Minh, 140 empresas francesas se registraram no ano passado.

A economia vietnamita ainda é frágil. Mas, com 78 milhões de habitantes, é enorme o seu potencial econômico. Em 1999, a taxa de crescimento alcançou 4,8%. Os próprios Estados Unidos assinaram, em julho passado, um acordo comercial que deverá ser ratificado dentro de poucas semanas pelo Senado norte-americano, baixando substancialmente as tarifas alfandegárias para uma série de produtos vietnamitas. Vale lembrar que Washington pôs fim ao embargo econômico em 1994, estabelecendo no ano seguinte relações diplomáticas com Hanói.

Uma cidade humana

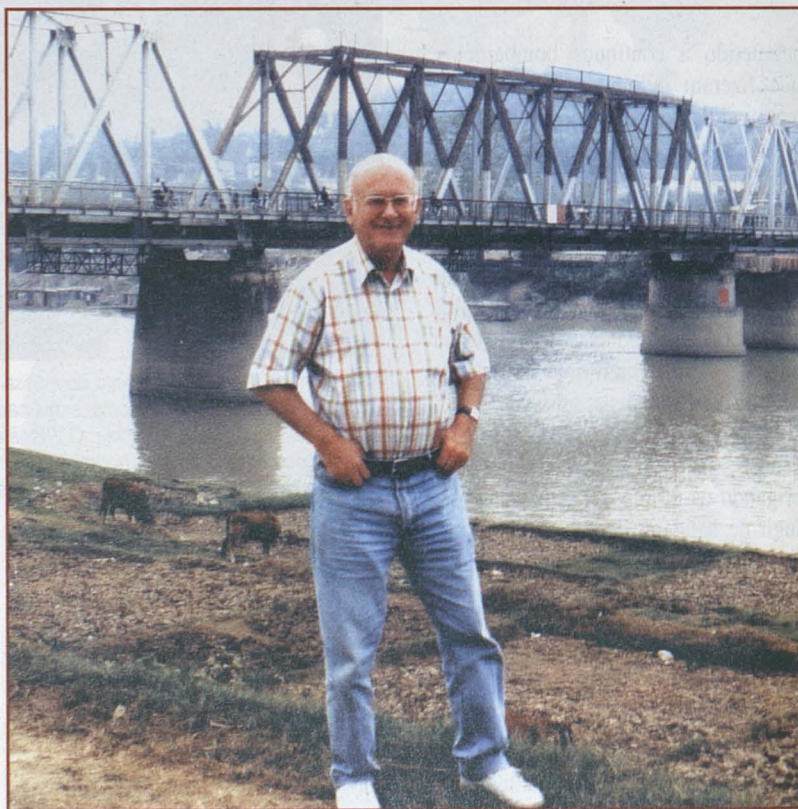
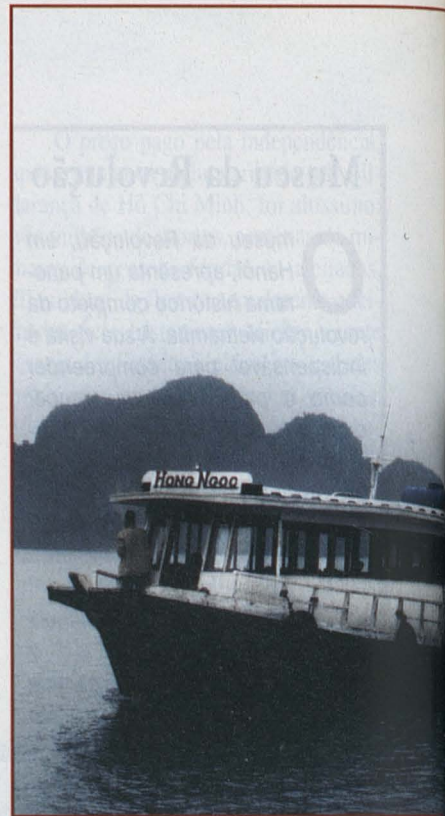
Passear pelas ruas de Hanói é um prazer. Nenhum policial fardado, nenhum perigo de ser roubado ou assaltado. Os vietnamitas, corretamente vestidos, estão sempre sorrindo, prontos para ajudar o turista que se atrapalha com os nomes das ruas. As mulheres vestem uma calça comprida com uma túnica por cima, aberta de cada lado até a altura da cintura. Muitas põem um lenço na boca e no nariz, para se proteger do sol e da poeira. Não se vêem famílias inteiras, como em Nova Déli, dormindo nas calçadas, ou crianças abandonadas, como no Rio de Janeiro. Raríssimos são os mendigos.

Hanói é uma cidade tranquila, humana, muito animada durante o dia. Além das camponesas, que carregam nos ombros duas cestas de frutas e legumes penduradas numa vara de bambu, as quitandas se sucedem uma atrás da outra, por toda a cidade. Impressionante. Muitas famílias vivem modestamente num quarto vendendo frutas e legumes na porta de entrada. No centro, dezenas de lojas abertas até tarde oferecem uma

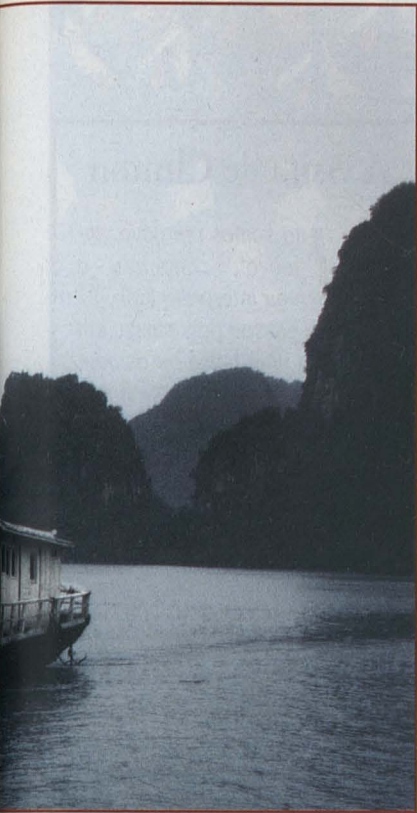
quantidade de artigos eletrônicos, celulares, aparelhos telefônicos e computadores importados. Os de melhor qualidade ainda são caros, mas os vietnamitas já podem pagar a prazo. Atualmente 600 mil habitantes, a maioria entre 18 e 29 anos de idade, têm um celular, ou seja, um aparelho para cada 130 cidadãos. Calcula-se que, em 2001, as vendas dobrarão. Há dois anos, um celular custava doze milhões de dongs (860 dólares), sendo reservado a alguns poucos privilegiados. Hoje, já se pode comprar um aparelho por um milhão de dongs (72 dólares) e, se for chinês, pela metade do preço.

País agrícola

Estive em Hanói, no porto de Haiphong, na baía de Halong e na aldeia de Dáp Cáu, onde morei quando tinha



Edouard Bailby faz sua viagem no tempo: a velha paisagem da infância, com mudanças impostas pela descolonização, as guerras e a inflexível tenacidade do vietnamita. Ao fundo, a ponte de Dáp Cáu, sobre o rio Cáu, o mesmo rio, as águas sempre novas



A placidez da baía de Halong é um dos atrativos naturais para o crescente número de turistas que visitam o país, onde a predominância rural mantém uma atmosfera tradicional e práticas agrícolas milenares, como mostra a foto da camponesa com seu fardo de palhas

dois e três anos. Percorri o interior até 100 km em torno da capital. O Vietnã, no entanto, é muito mais do que isso.

Com 335 mil km², o país tem a forma da letra s. Os habitantes preferem dizer que o território é parecido com a vara de bambu que as camponesas carregam nas costas, com duas cestas repletas de frutas ou legumes. Entre Hanói (dois milhões de habitantes) e Hô Chi Minh (sete milhões), são 1.750 km de estrada, parcialmente destruída pelos bombardeios norte-americanos. Duas horas de voo num Boeing ou num Airbus da Vietnã Airlines. Mais de três quartas partes do país são regiões montanhosas, cujo ponto culminante é o pico Phan Si Pan (3.143 metros), no noroeste. Há duas grandes zonas cultivadas, formadas em grande parte por arrozais: o delta do rio Vermelho (15.000 km²), no norte, e o delta do Mekong (60.000 km²), no sul. Os camponeses formam 80% da população, conservando as suas tradições mile-

nares. Muitas casas no campo têm um pequeno templo de quatro colunas no telhado, para prestar uma homenagem permanente aos da família que se foram. É o culto dos antepassados, muito enraizado no país.

Graças a seus arrozais, o Vietnã é o segundo exportador de arroz no mundo, com mais de 4,5 milhões de toneladas. Além de outros produtos, como café, cacau, chá e pimenta, o subsolo também é potencialmente rico: petróleo (10 milhões de toneladas no ano passado), carvão, estanho, chumbo, zinco, cromo e pedras preciosas. Mas, para dar um impulso decisivo à economia, o Vietnã precisa de um investimento de 60 bilhões de dólares. Um desafio realizável com a ajuda internacional, pois, formados em escolas de alto nível tecnológico graças ao regime socialista, os jovens constituem uma mão-de-obra qualificada de primeira ordem. Se a língua francesa, pouco falada, tende a se es-

tender graças a bolsas de estudos, aos turistas em crescente número e à presença de empresas da França, o inglês, como no resto do mundo, é a língua preferencialmente escolhida pela juventude. Mesmo assim, é difícil encontrar num restaurante ou no comércio alguém que saiba se expressar numa das duas línguas.

Detalhe curioso: o vietnamita é uma das pouquíssimas línguas asiáticas que se escreve com caracteres latinos. Foram os jesuítas, quando o litoral do Vietnã estava sob tutela portuguesa, que transcreveram, no século XVII, os caracteres e ideogramas chineses, até então utilizados, em letras românicas dotadas de acentos fonéticos. Um deles, Alexandre de Rhodes, chegou a publicar o primeiro dicionário vietnamita-português-latim. Vale a pena assinalar que o vietnamita tem o *til*, à semelhança do português e do espanhol, e o dígrafo *nh* da língua portuguesa.

O turismo

Hanói aposta no turismo para garantir divisas. Com 3.260km de litoral, praias selvagens de areia branca, montanhas espetaculares, onde vivem mais de 50 minorias que conservaram as suas tradições, inúmeros templos religiosos e palácios antigos, o Vietnã tem muito a oferecer, além da tradicional hospitalidade dos habitantes.

Uma das maravilhas naturais do país e do continente asiático é a baía de Halong, inscrita na lista do Patrimônio Mundial, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). São três mil ilhas, rochedos e morros plantados dentro do

mar verde-esmeralda, numa superfície de 1.600 km². Depois de ver o longa-metragem *Indochina* (1992), com Catherine Deneuve, contando a grandeza e a miséria do império colonial francês, parcialmente filmado na baía de Halong, não há um francês que não queira agora visitar o Vietnã. Cientes das possibilidades turísticas, as autoridades estão construindo à beira-mar, entre Haiphong e a pequena cidade balneária de Bãi Cháy, uma estrada asfaltada de 100km. Os chineses, que chegam ao Vietnã de ônibus ou em navios transatlânticos, são os visitantes mais numerosos. Mas até o ano 2005, graças a uma intensa campanha de promoção turística, o país espera receber entre 500 mil e um milhão de japoneses.

Pagode Ngoc Son, no lago de Hoàn Kiếm, em Hanói: a resistência cultural milenar



A visita de Clinton

"**N**ão somos um povo vingativo", comentou o meu intérprete Kiên, 27 anos, que passou dois meses em Paris, com uma bolsa de estudo, para aperfeiçoar os seus conhecimentos da língua francesa. Referia-se à chegada crescente de turistas norte-americanos, muitos deles com vistas a rever os campos de batalha. São acolhidos sem animosidade aberta.

Quando o presidente Bill Clinton fez uma rápida visita oficial ao Vietnã, em dezembro passado - a primeira de um chefe da Casa Branca, depois da guerra - vários órgãos da grande imprensa ocidental falaram em acolhida "triumfal" da população em Hanói e Hô Chi Minh. Não foi bem assim. Mais objetivo, o diário francês *Le Monde* colocou o seguinte título na sua primeira página: "Uma acolhida amigável e discreta".

Os vietnamitas, sobretudo os jovens, sabem que o presidente Clinton, quando estudante, se opôs à guerra no Vietnã, negando-se a prestar serviço militar nas Forças Armadas do seu país. Nem por isso esquecem o passado. Um belíssimo filme, *A vida de areia*, de Thanh Van Nguyen, que ganhou em novembro dois prêmios no XX Festival Internacional do Filme, em Amiens (França), e, um mês depois, o Grande Prêmio do Festival de Cinema do Sudeste Asiático, em Hanói, conta com pudor e sensibilidade as consequências psicológicas e físicas da divisão do país, na vida de um homem casado e de duas mulheres. Merece ser exibido em todas as salas do Brasil e do mundo.



Bill Clinton fugiu à convocação para a guerra e tornou-se o primeiro mandatário norte-americano a visitar o país que seus antecessores devastaram por uma década. Ainda há 3,5 milhões de minas terrestres fazendo vítimas nos campos, 300 mil bombas não desativadas e o agente laranja ainda envenena. Se fugiu ao figurino quanto ao Vietnã, Clinton não deixou de inscrever-se no livro das agressões internacionais, utilizando as contaminantes armas de urânio contra a Iugoslávia e mantendo o Iraque sob um cerco genocida

Ossos e minas

O presidente Bill Clinton aproveitou os dois dias que passou em Hanói para percorrer um arrozal, a 27km da cidade, onde vietnamitas e norte-americanos estão removendo a terra para encontrar os restos de pilotos dos bombardeiros B-52, derrubados pela defesa antiaérea. Solicitado pela embaixada dos Estados Unidos para acompanhar a comitiva oficial, Suel Jones, veterano da guerra, que se encontrava casualmente em Hanói, contou aos jornalistas: "Recusei, em sinal de protesto. O meu país gastou milhões de dólares para encontrar um pedacinho de osso aqui e um dente acolá, quando nada oferece às dezenas de milhares de vítimas do agente laranja. É indecente." Na verdade, duas ou três ONGs norte-americanas, com poucos recursos financeiros, estão ajudando os vietnamitas a desenterrar 3,5 milhões de minas terrestres e 300 mil toneladas de bombas que não explodiram. Quantos anos levará esse trabalho titânico?

"Recusei em sinal de protesto. O meu país gastou milhões de dólares para encontrar um pedacinho de osso aqui e um dente acolá, quando nada oferece às dezenas de milhares de vítimas do agente laranja. É indecente"

Suel Jones, veterano da guerra, ao rejeitar convite para integrar a comitiva de Bill Clinton, na visita a uma área bombardeada pela aviação de seu país nos anos 60 e 70, criticando, ao mesmo tempo, as despesas com recuperação de restos mortais de pilotos da Usaf e a insensibilidade de Washington quanto aos efeitos dos bombardeios químicos, que ainda hoje fazem efeito sobre os vietnamitas

O Vietnã é um país pobre, que precisa da ajuda internacional para acelerar o seu desenvolvimento. Dentro dos próximos meses, após o congresso do Partido Comunista, saberemos qual direção será tomada no campo econômico. É pouco provável que haja uma abertura real em termos políticos, se bem que nas artes plásticas e no cinema haja hoje maior liberdade de expressão. Por ocasião de sua visita oficial à França, em maio de 2000, o general Le Kha Phieu, secretário-geral do Partido Comunista desde 1998, afirmou: "O nosso projeto para o início do século é aprofundar as reformas e abrir o país, fortalecendo as nossas relações com o exterior". Talvez seja esta a resposta. ■

Edouard Bailby foi ao Vietnã para rever a aldeia de Dáp Cáu, onde morou pequenino nos anos 30, quando seu pai era médico da Legião Estrangeira. Esta é a sua reportagem exclusiva para cadernos do terceiro mundo

Pressões em favor da paz

Neiva Moreira

AINDA É CEDO PARA QUALQUER previsão sobre o destino da República Democrática do Congo, após a morte do presidente Laurent-Desiré Kabila, assassinado por um membro de sua guarda pessoal, no palácio do governo, em Kinshasa.

O fato de que o filho de Kabila, o jovem Joseph Kabila - elevado pelo pai ao posto de general aos 31 anos e sem maiores antecedentes na carreira militar - ter assumido o governo, não significa que o tumultuado poder no Congo esteja firmemente em suas mãos.

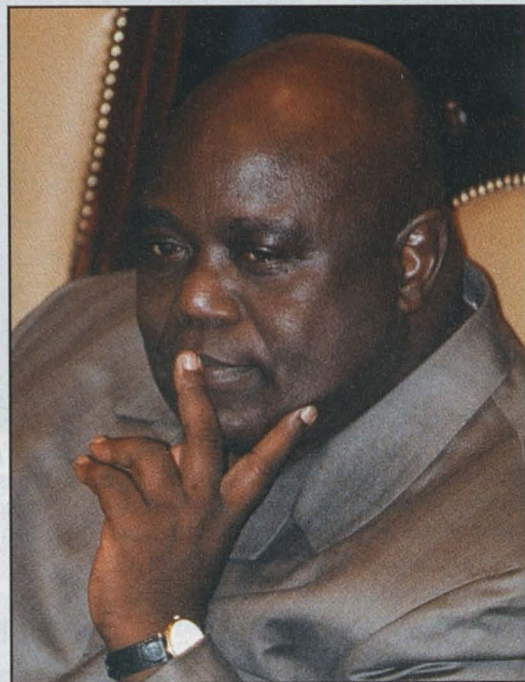
O governo de Kabila se mantinha, apoiado pelas tropas de Angola, Zimbábue e Namíbia, que enfrentavam as etnias rebeldes do leste do país, estas militarmente sustentadas pelos governos de Uganda, Burundi e Ruanda, com estreitos contatos com a União Nacional para a Libertação Total de Angola (Unita).

Raiz revolucionária

Kabila chegou ao poder com uma tradição revolucionária. Apoiou Chê Guevara, na sua tentativa guerrilheira na África, e combateu ao lado do herói nacional Patrice Lumumba, liderando a

Logo após o sepultamento do pai, Joseph Kabila viajou a Washington, para encontro com o Secretário de Estado, general Colin Powell. O novo líder congolês aceitou retomar as negociações com as forças de oposição que mantêm o país sob estado de guerra civil. Os EUA pediram que os rebeldes observem trégua, enquanto se busca um acordo

Líderes rebeldes consideram que só o "diálogo entre congoleses" pode levar ao entendimento no período pós-Kabila



Fotos: AFP



As riquezas naturais do Congo Democrático o tornaram irresistível presa para o colonialismo europeu, de 1880 a 1960, sob exploração belga. Mas os quase 50 milhões de habitantes ainda vivem sob o impacto desses interesses, que alimentam a guerra civil. Dos 40 anos de uma vida independente convulsionada, 32 se passaram sob a ditadura brutal do general Mobutu, conveniente defensor em seu país dos interesses externos

luta contra a tirania de Mobuto Sese Seko até a deposição deste.

Guerra e paz

Instalado no governo, não conseguiu manter a linha progressista. Kabila não uniu o país nem o pacificou. Quase a metade do Congo está ocupada por etnias rebeldes e a área dominada pelo governo de Kabila vivia sob tensão militar e toque de recolher. As liberdades democráticas não eram respeitadas e o poder em Kinshasa estava nas mãos de familiares e aliados incondicionais do presidente assassinado, muitos envolvidos em negociações e corrupção.

A pergunta que se faz hoje, na África, é se essa situação pode mudar sob a chefia do jovem general, herdeiro do governo. Não há muito otimismo, embora uma guerra civil sem qualquer justificativa nacional já se tenha tornado impopular e cansativa. É sabido que são interesses econômicos que atuam detrás das etnias rebeldes e dos seus apoiadores fora do país. O Congo é um grande produtor de cobre, cobalto, zinco, ouro, diamantes, metais raros. A guerra interna favorece o contrabando e justifica a pilhagem dessas riquezas por parte dos grupos externos e dos políticos e generais que a alimentam. Há, no entanto, além da oposição interna à continuação

da guerra, pressões externas pela cessação das hostilidades.

Os governos da África do Sul, França e de Angola fizeram veementes apelos em favor do diálogo. Mesmo Uganda, que apóia a rebelião, considera que está na hora do entendimento, uma tese que encontra ressonância no Congo, sobretudo na Igreja Católica, que tem a adesão de metade da população (48 dioceses) e dos evangélicos, que já são cerca de 30%. Essas forças religiosas são as mais organizadas e exercem grande influência popular.

A Casa Branca, que no período Clinton - e não há sinais de mudança com Bush - reduziu consideravelmente sua presença na África, fez aos rebeldes congoleses uma advertência. Não devem aproveitar a crise institucional para tomar militarmente o poder. Embora aparentemente distante do conflito congolês, o embaixador dos Estados Unidos na ONU, Richard Holbrook, fez uma advertência: "É essencial que as forças estrangeiras que invadiram importantes áreas do território congolês interrompam sua ofensiva. Essas forças não devem tirar proveito dos acontecimentos ocorridos em Kinshasa para ampliar sua presença no país."

A advertência dos governos estrangeiros foi bem acolhida, mesmo por influentes líderes rebeldes que se levantaram em armas contra Kabila. Um desses líderes, Jean Pierre Mbemba, ligado a Uganda, defendeu o início de negociações e disse que o "diálogo entre congoleses" é o único meio que pode levar a um acordo apoiado por todos.

Além disso, o presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, considera urgente a abertura de negociações de paz. Mugabe expressa também, com certeza, o pensamento dos governos de Angola e da Namíbia, cujas tropas apoiaram Laurent-Desiré Kabila e continuam respaldando o seu filho e sucessor, general Joseph Kabila. ■



BENOPTIC

A SUA ÓTICA

Desde 1993, a Benoptic vem fazendo mais do que clientes, fazemos verdadeiros amigos. Para a Benoptic, atender você é a razão da nossa existência. Levamos isto tão a sério que, além de contarmos com uma variedade das mais modernas armações e lentes, proporcionamos um atendimento personalizado, buscando a melhor solução para sua necessidade em ótica.

Promoção Verão Benoptic

Verão a todo vapor e com ele o sol e a praia... enfim, Copacabana se prepara para mais um verão, e é claro que nós não poderíamos ficar de fora, nem deixar de contemplar esta estação tão agradável.

Por isso estamos lançando a **Promoção Verão Benoptic*.
Na compra de óculos multifocais, você receberá inteiramente grátis o Kit Benoptic:

KIT BENOPTIC

**Óculos de Sol + Limpador de Lentes + Viseira
+ Cordão para Óculos + Porta-Óculos para Carro**

*É a Benoptic no Verão 2001: tudo o que você precisa em ótica, e muito mais!
Venha nos fazer uma visita e aproveitar esta promoção.
É sempre um prazer recebê-lo!*

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 680 / Sala 503 - Edifício Central de Copacabana
Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (21) 255-6880 - (21) 548-1160

MAGIA CULTURAL,
PRAIAS, SOL DIRETO,
BRISA CONSTANTE,
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
QUE FAZ
VIAJAR NO TEMPO.



São Luís tem uma economia emergente, quase virgem se comparada às maiores cidades do país. E por isso mesmo oferece oportunidades singulares para pessoas ousadas e com visão empresarial, especialmente no campo do turismo – com a aceleração das obras de infra-estrutura, novos hotéis e tudo mais que está acontecendo a olhos vistos. Só que São Luís tem muitas outras coisas para olhar e se apaixonar. Mesmo o mais determinado empresário vai sentir que veio para esta vida a passeio. Nem sempre a negócios.

E TEM GENTE QUE
VEM SÓ A NEGÓCIOS.



JÁ VIU UM JOGO ONDE TODO MUNDO GANHA?

Quando você tenta a sorte em um jogo da Loterj, pode estar mudando a sorte de muita gente. Agora ainda mais: o Governo do Estado estadualizou os bingos e passou a regulamentar, autorizar e controlar esta atividade através da Loterj. Isto significa aumentar em quase o dobro os recursos provenientes do bingo. Recursos para o desenvolvimento social do Estado do Rio. Aqui é assim: você sabe para onde vai o dinheiro do bingo. Agora mesmo, 900 casas populares estão sendo entregues no Trevo das Missões, um prêmio para quem sonhava com a casa própria. Este prêmio pode sair em muitas outras formas, como ambulâncias, reforma de escolas, o que for preciso para tornar melhor e mais digno o dia-a-dia de quem vive em nosso Estado. Loterj. Sorte de quem mora aqui.

GOVERNO DO ESTADO
RJ
RIO DE JANEIRO

Loterj

